



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE MEDICINA**

JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR

**DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS NO
TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.
ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO
PAULO**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Medicina,
Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho”, Câmpus de
Botucatu, para obtenção do título de
Mestre em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dionísia do Amaral Dias

**Botucatu
2019**

JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR

**DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS NO
TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.
ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO
PAULO**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Medicina,
Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”,
Câmpus de Botucatu, para
obtenção do título de Mestre
em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dionísia do Amaral Dias

Botucatu
2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉC. AQUIS. TRATAMENTO DA INFORM.
DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CÂMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: ROSANGELA APARECIDA LOBO-CRB 8/7500

Lalla Júnior, José Roberto de.

Desafios, dificuldades e incertezas no trabalho do professor universitário. : Estudo de caso em uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo / José Roberto de Lalla Júnior. - Botucatu, 2019

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Medicina de Botucatu

Orientador: Maria Dionísia do Amaral Dias

Capes: 40600009

1. Saúde do trabalhador. 2. Professores universitários. 3. Professores universitários - Carga de trabalho. 4. Relatos de casos.

Palavras-chave: carga de trabalho; professor universitário; saúde do trabalhador; servidor público.

JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR

**DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS NO
TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.
ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO
PAULO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Câmpus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dionísia do Amaral Dias
Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp

Profa. Dra. Margareth Aparecida Santini de Almeida
Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp

Profa. Dra. Márcia Hespanhol Bernardo
Pontifícia Universidade Católica – PUC/Campinas

Botucatu, 28 de fevereiro de 2019

DEDICATÓRIA

À **Deus**, pelo dom da vida e por ter cuidado de mim, sempre...

À minha amada esposa, **Juliana Gadum de Lalla** e aos meus queridos filhos, **Theodoro Gadum de Lalla** e **Heitor Gadum de Lalla**, vocês são a razão da minha vida...

Obrigado pelo amor, carinho, dedicação e paciência, especialmente nesta fase do Mestrado, pelas inúmeras ausências...

Aos meus pais, **José Roberto de Lalla** e **Nanci Bérguer de Lalla**, e aos meus irmãos **Renato de Lalla** e **Roberta Aparecida de Lalla**, pelo amor, confiança, respeito, apoio, dedicação...

Aos meus queridos pastores, **Marco Aurélio Dias** e **Nadja Consuelo Vitória de Britto**, por sempre estarem perto quando precisei, pelas orações, pela amizade, pela confiança, pelo amor...

A vocês dedico todo o esforço, tentativas, carinho e amor incondicional, **AMO TODOS VOCÊS...**

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. **Maria Dionísia do Amaral Dias**, pelos ensinamentos, orientação, auxílio, amizade e, acima de tudo, seriedade na condução deste trabalho. Você é um exemplo de professora e orientadora que se preocupa com o aprendizado dos seus alunos!

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina de Botucatu, pelos conhecimentos ensinados, pelo respeito e amizade, em especial ao **Adriano Dias**, ao **Ildeberto Muniz de Almeida** e à **Margareth Aparecida Santini de Almeida**, com os quais também tenho o prazer de conviver durante as atividades do GEPESAT – Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde e Trabalho.

Aos Professores **Oswaldo Gradella Júnior** e **Márcia Hespanhol Bernardo** pelas contribuições no Exame Geral de Qualificação.

Aos servidores do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu, em especial à **Luciene Miranda Valério Michelin** e ao **Wagner Barbosa**.

Aos servidores da Seção Técnica de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina de Botucatu, em especial à amiga **Janete Aparecida Herculano Nunes Silva** e à **Luciene de Cássia Jeronimo Tobias**.

À Unidade de Pesquisa em Saúde Coletiva (UPESC), pelo auxílio na condução das entrevistas, em especial à servidora **Ana Cláudia Camargo Soares**.

Às grandes amigas da Pós-Graduação, **Mariana de Sousa Domingues Castro** e **Vânia Hercília Talarico Bruno** pela amizade e companheirismo durante o curso e à **Melina Trento Vendrameto Tessarro**, também pelo convívio durante os encontros do GEPESAT.

Aos demais amigos da Pós-Graduação, **Aline Paes Vellozo**, **Dayanne Conislla Limaylla**, **Gustavo Bigaton Lovadini**, **Louise Lopes Rodrigues**, **Renata de Almeida Moraes Possato** e **Willian Fernandes Luna**, pelo dia-a-dia nas aulas.

Aos Diretores das Unidades Universitárias da UNESP, Câmpus de Botucatu, por autorizarem a realização da pesquisa e fornecerem as informações solicitadas.

À Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, da UNESP, Câmpus de Botucatu, pelo afastamento concedido para a realização deste curso, em nome dos Professores **Celso Antonio Rodrigues** e **Cezinande de Meira**, Diretor e Vice-Diretor da FMVZ.

Aos amigos **José Paes de Almeida Nogueira Pinto** e **Maria Denise Lopes**, Diretor e Vice-Diretora da FMVZ durante o início das atividades do curso de Mestrado, pelo incentivo e força para realização deste trabalho.

Aos amigos **Carlos Pazini Junior**, **Maria José Francisco** e **Simone Fernandes**, pessoas especiais com quem tenho o privilégio de trabalhar todos os dias e, durante minhas ausências, sempre estiveram prontos para que o trabalho continuasse. Um agradecimento especial aos amigos **Érika Wagner Ballarin Albino** e **Manuel Puim de Melo**, agora já aposentados. Todos vocês são incríveis!

Aos Professores da UNESP de Botucatu, por terem aceitado participar desta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste curso.

A todos vocês, meu **MUITO OBRIGADO!!!!**

EPÍGRAFE

“O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento; os loucos
desprezam a sabedoria e a instrução”
(Provérbios 1-7)

LALLA JÚNIOR, J. R. **DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS NO TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO.** 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2019.

RESUMO

O trabalho desempenha papel de suma importância na vida do homem e no contexto da produção capitalista destacam-se condições laborais com repercussões negativas na saúde dos trabalhadores. Aliado à globalização, o contexto político neoliberal tem reestruturado o mundo do trabalho, desencadeando sérios riscos à saúde física e mental do trabalhador. Neste cenário, o trabalho de professores de universidade pública, embora seja uma atividade intelectual e, de certo modo, com alto grau de autonomia, também está sujeito às mesmas condições existentes no serviço privado e, dessa forma, são pressionados a produzirem cada vez mais, em um ambiente competitivo, sujeitos à avaliação permanente e exposição diária. O objetivo do presente estudo foi compreender como se desenvolve o trabalho dos docentes de uma universidade pública estadual e sua relação com o processo saúde-doença. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo, ancorado nos pressupostos da Medicina Social Latino Americana, com a participação de 12 professores da Unesp, no câmpus de Botucatu, em diferentes momentos na carreira. Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro previamente elaborado. A análise dos dados revelou diversos aspectos relacionados à atividade docente e resultou em três núcleos de significação: “trabalho real: ‘tem que dar conta’”, “a impossibilidade de desconexão com o trabalho” e “incertezas quanto ao futuro”. Constatou-se uma sobrecarga de trabalho, devido à diversidade de atividades sob pressão de produtividade, que compromete a vida do professor universitário, impedindo que se desconecte de suas atividades, mesmo em momentos que seriam de lazer e de descanso e que, portanto, podem gerar desgastes, sofrimentos e adoecimentos a essa classe de trabalhadores, o que se agrava no atual contexto institucional.

Palavras-chave: saúde do trabalhador; carga de trabalho; professor universitário; servidor público.

LALLA JÚNIOR, J. R. **CHALLENGES, DIFFICULTIES AND UNCERTAINTIES IN THE WORK OF UNIVERSITY PROFESSOR. CASE STUDY IN A PUBLIC UNIVERSITY IN THE COUNTRYSIDE OF THE STATE OF SÃO PAULO.** 2019. 142 f. Dissertation (Master Degree, Collective Health Graduation Program) – Medical School, São Paulo State University, Botucatu, 2019.

ABSTRACT

The work plays a very important role in man's life and, in the context of capitalist production, working conditions with negative repercussions on workers' health stand out. Allied to globalization, the neoliberal political context has restructured the working world, unleashing serious risks to the physical and mental health of the worker. In this scenario, the work of public university professors, although it is an intellectual activity and, in a sense, with a high degree of autonomy, is also subject to the same conditions as those in the private service and, in this way, they are pressured to produce more and more in a competitive environment and submitted to permanent evaluation and daily exposure. The objective of the present study was to understand how the work of the professors from a State public university develops and its relationship with the health-disease process. In order to reach the proposed goal, a qualitative study was carried out, based on the assumptions of the Latin American Social Medicine, with the participation of 12 professors from the São Paulo State University (UNESP), in the Campus of Botucatu, in the countryside of the State of São Paulo, at different moments in the career. For data collection, the semi-structured interview was used, based on a previously elaborated script. Data analysis revealed several aspects related to the teaching activity and resulted in three significant groups: "real work: 'has to account for'", "the impossibility of disconnection from work" and "uncertainties about the future". A work overload was observed due to the diversity of activities under productivity pressure, which compromises the life of the university professor, preventing him from disconnecting himself from his activities, even at moments expected to be of leisure and rest, which, therefore, could turn into fatigue, suffering and illness to this working class, aggravated by the current institutional context.

Keywords: worker's health; workloads; university professor; public server.

LISTA DE QUADROS

	Página
Quadro 1 – Panorama das unidades universitárias em relação ao número de docentes, em outubro de 2017.....	62
Quadro 2 – Caracterização dos entrevistados.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Associação dos Docentes
CAC	Comissão Assessora da Congregação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENEPP	Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EDUNESP	Estatuto dos Docentes do Ensino Superior e dos Pesquisadores da Unesp
ESUNESP	Estatuto dos Servidores Técnicos e Administrativos da Unesp
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCA	Faculdade de Ciências Agrônômicas
FM	Faculdade de Medicina
FMVZ	Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
IB	Instituto de Biociências
IC	Iniciação Científica
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IEP3	Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógicas
IFT	Instituto de Física Teórica
IMESPP	Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente
NEPP	Núcleo de Estudos e Práticas Pedagógicas
ONG	Organização Não Governamental
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
RDIDP	Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa
RTC	Regime de Turno Completo
RTP	Regime de Tempo Parcial
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UPESC	Unidade de Pesquisa em Saúde Coletiva
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	Página
APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1. TRABALHO E SAÚDE.....	17
1.1 TRABALHO E SAÚDE NO SERVIÇO PÚBLICO.....	30
CAPÍTULO 2. O TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO CONTEXTO ATUAL.....	35
2.1 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DOCENTE.....	35
2.2 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL.....	38
2.3 TRABALHO DOCENTE E PROCESSO SAÚDE-DOENÇA.....	42
CAPÍTULO 3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	51
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	56
CAPÍTULO 4. O TRABALHO REAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS.....	62
4.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	62
4.2 O COTIDIANO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO.....	64
4.2.1 O trabalho real: “tem que dar conta”.....	65
4.2.2 A impossibilidade de desconexão com o trabalho.....	92
4.2.3 Incertezas quanto ao futuro.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICES.....	128
ANEXOS.....	132

APRESENTAÇÃO

Minha graduação foi em Tecnologia em Informática – com ênfase em Gestão de Negócios, tendo concluído o referido curso no ano de 2005. Sempre com vontade de continuar os estudos em nível de pós-graduação, realizei quatro cursos, em nível de especialização, sendo “MBA em Estratégia Empresarial” (2008), “MBA em Gestão de Recursos Humanos” (2010), “MBA em Secretariado e Assessoria Executiva” (2012) e, por último, “MBA em Gestão Pública e Gerência de Cidades” (2014).

Profissionalmente, iniciei meus trabalhos aos 16 anos de idade, quando atuei em um supermercado da cidade de Botucatu. Na sequência, realizei algumas provas para ingressar no serviço público, fato que se concretizou ainda no primeiro semestre da graduação. Atualmente, atuo na Universidade Estadual Paulista – Unesp, localizada no município de Botucatu. No ano de 2005, ingressei na Faculdade de Medicina da Unesp, para atuar junto à Seção Técnica de Desenvolvimento e Administração de Recursos Humanos. Buscando crescimento profissional, após aprovação em outros concursos públicos, fui admitido, em agosto de 2006, para atuar junto à Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da mesma Universidade, na Seção Técnica de Pós-Graduação, onde trabalhei por aproximadamente seis anos, inclusive como Supervisor da referida Seção. A partir de fevereiro de 2013, fui convidado a assumir a Diretoria da Divisão Técnica Acadêmica da mesma Faculdade, cargo que ocupo desde então.

Durante o trabalho na Diretoria Acadêmica da FMVZ, deparei-me várias vezes com algumas dificuldades do cotidiano do professor universitário, que refletiam, inclusive, na saúde destes trabalhadores e isso me fez buscar entender melhor como ocorria todo esse processo. Por conta disso, vislumbrei a possibilidade de realizar um curso de Mestrado nesta área, procurando compreender, portanto, a saúde do trabalhador.

O desejo por novos conhecimentos sempre me fez buscar novos desafios, sendo a realização deste curso de Mestrado um dos mais importantes em minha vida, não só profissional, mas pessoalmente.

Meu propósito é o de poder contribuir de alguma forma positiva com a vida das pessoas em todas as áreas de minha vida e, no trabalho, não seria diferente.

Assim, procuro compreender o trabalho de docentes da Unesp de Botucatu para que, na medida do possível, dentro da minha área de atuação, possa fazer a diferença em relação a essa importante classe de trabalhadores.

INTRODUÇÃO

O trabalho desempenha papel de suma importância na vida do homem, desde a época primitiva, pois é ele que garante a sobrevivência. Mas ele garante não somente uma sobrevivência biológica, o trabalho é atividade fundamental dos seres humanos e permite a sua expansão, seu desenvolvimento como espécie, mas também o de cada indivíduo.

Diante do mundo cada vez mais globalizado, aliado às mudanças decorrentes, principalmente, pelo modo de produção capitalista, os processos de trabalho têm passado por grandes transformações, o que repercute de maneira negativa na saúde física e mental dos trabalhadores.

O trabalho, que pode ser fonte de criação, satisfação, crescimento, realização e saúde, sob determinadas condições é responsável por adoecimentos diversos que interferem no cotidiano das pessoas, sobretudo sob os ditames da lógica de produção capitalista. Nesse contexto, o setor público não ficou alheio às transformações, haja vista que se encontram, também, e cada vez mais, características gerenciais que levam os trabalhadores a um nível de cobrança por produção e metas elevadas em um curto espaço de tempo.

Deste modo, o mundo do trabalho de uma universidade pública tem reproduzido os princípios do modo de produção capitalista, em que tem havido uma cobrança exacerbada de produtividade entre os docentes, a ponto de não conseguirem se desconectar de suas atividades, mesmo em momentos que seriam de descanso e lazer. Verificam-se, portanto, mudanças na gestão no âmbito destas instituições que, certamente, interferirão na saúde de seus trabalhadores.

O desenvolvimento científico e tecnológico de uma sociedade passa, necessariamente, pela universidade, pois além de auxiliar no descobrimento de novas tecnologias, é responsável, também, pela formação de profissionais qualificados e de excelência.

O trabalho do professor universitário destaca-se dos demais funcionários de uma universidade, uma vez que ele é responsável pela atividade fim da instituição. Sua atividade é intelectual, criativa e, de certo modo, apresenta elevado grau de autonomia. O docente universitário, em dedicação exclusiva,

desenvolve atividades relacionadas ao ensino, à pesquisa, à extensão universitária e, também, à gestão. Essa atividade, repleta de variedade, apresenta desafios e dificuldades que interferem, cotidianamente, na vida do professor.

Adicionalmente, o contexto financeiro que as universidades públicas vivenciam, na atualidade, acrescenta uma série de dificuldades e barreiras ao bom desempenho e alcance de objetivos dos professores, o que pode acarretar o aumento de cargas de trabalho e, conseqüentemente, sobrecargas e maior desgaste, prejudicando, portanto, a saúde destes trabalhadores.

Desta forma, este trabalho se justifica pela relevância acadêmica e organizacional que a temática apresenta dentro do campo da saúde coletiva, pois se faz necessário investigar o trabalho de professores, especialmente em universidades públicas, buscando conhecer suas características de modo a contribuir para a promoção da saúde e redução de desgastes, sobretudo no momento de crise que a universidade e o país estão enfrentando, que repercute no cotidiano de trabalho das pessoas.

Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é compreender como se desenvolve o trabalho dos docentes de uma universidade pública estadual e sua relação com o processo saúde-doença.

Para tanto, foi realizado um estudo de caso qualitativo, com base nos pressupostos da Medicina Social Latino Americana, com a participação de docentes do quadro permanente das unidades universitárias da Unesp no câmpus de Botucatu, interior do Estado de São Paulo, em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, inseridos em diferentes momentos de sua carreira acadêmica.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos, sendo que o primeiro apresenta o tema “Trabalho e Saúde”, iniciando-se com os significados, importância e papel do trabalho e sua relação na vida do homem e se desenvolve abordando o processo saúde-doença e sua relação com o trabalho, permeando este contexto dentro do serviço público.

O segundo capítulo discorre sobre “O trabalho do Professor Universitário no Contexto Atual”, apresentando as características deste trabalho, bem como as mudanças que vêm ocorrendo na educação superior brasileira e, ainda, nas

atividades dessa categoria profissional e, por fim, suas consequências, em termos de desgaste e sofrimento, conforme levantamento da literatura científica.

O percurso metodológico compõe o terceiro capítulo, no qual são apresentados os procedimentos utilizados na pesquisa, assim como o contexto em que ela se desenvolve.

Na sequência, no capítulo quatro, “O Trabalho Real do Professor Universitário: Desafios, Dificuldades e Incertezas” são apresentados os resultados e discussão da pesquisa.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do pesquisador.

CAPÍTULO 1. TRABALHO E SAÚDE

Este capítulo apresenta aspectos relacionados ao trabalho como fator primordial no desenvolvimento humano, percorrendo questões relacionadas à saúde do trabalhador, com um olhar para o “social” no processo saúde-doença, apresentando as categorias de cargas e desgastes desenvolvidas por Laurell e Noriega e, também, no que diz respeito ao desgaste mental, a partir da contribuição de Edith Seligmann-Silva para a temática e, por fim, essa relação com o serviço público.

O trabalho exerce uma função primordial como organizador social da vida e na formação do patrimônio histórico-cultural dos seres humanos, garantindo a subsistência mas também a expansão. A cada um do coletivo humano proporciona desenvolvimento pessoal e relações sociais, permitindo a realização de sua função social.

Para Marx (1987), a partir da perspectiva do materialismo histórico, o trabalho caracteriza-se por uma ação transformadora e intencional do homem sobre a natureza, visando à satisfação de suas próprias necessidades.

Com base nessa mesma abordagem, Gradella Júnior (2010) explica que o trabalho, por ser uma atividade vital do ser humano, permitiu que o homem rompesse com limites biológicos e, desde então, se constituísse em gênero humano, o qual é regido pelas leis sócio-históricas. O trabalho, desta forma, interliga-se com o homem de maneiras diferentes, ao longo da história, de acordo com a sociedade e o momento vivenciado e, assim, o significado atribuído, pelo homem, ao trabalho influencia o contexto vivido por ele (CAVALHEIRO e TOLFO, 2011).

Desenvolvido e realizado a partir de consciência e intencionalidade, o trabalho constitui-se em pensamento e ação, em que se estabelece uma relação dialética entre a teoria e a prática, sendo uma modificada pela outra (ARANHA e MARTINS, 1993).

Para Clot (2006), o trabalho é uma atividade orientada ao mesmo tempo para o sujeito, para os outros e para o objeto da atividade e resulta em uma transformação de si, dos outros e do mundo.

Assim, com o trabalho, o homem entra em contato com o mundo, modificando-o e, ao mesmo tempo, sendo transformado por ele, uma vez que para a realização de suas atividades, faz-se necessário o desenvolvimento de habilidades e construção de relações sociais, sendo, portanto, caracterizado como uma atividade coletiva. Desse modo, apresenta uma importância fundamental para o ser humano pois além de desenvolver o caráter técnico, o faz também na imaginação, na construção da criticidade, habilidade de sociabilizar-se, entre outros aspectos (COSTA, 2017).

Marx (1974) defende que o trabalho não é fruto apenas de uma necessidade de satisfação biológica, a qual diz respeito à reprodução da vida e sim, indubitavelmente, de uma satisfação social, ou seja, de realização humana, que permite tanto a produção de valores quanto de ideias. Desta forma, o trabalho mantém seu papel central na estruturação social, sendo uma fonte essencial de significação da vida, além de exercer forte influência na constituição da subjetividade. Para Clot (2006), o trabalho possui uma função psicológica que se relaciona com o desenvolvimento do indivíduo, na medida que forma seu próprio valor e auxilia o homem na construção do patrimônio histórico-cultural humano. Trata-se, portanto, de atividade sempre de caráter coletivo, “o trabalho requer a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros algo que não tem diretamente vínculo consigo” (CLOT, 2006, p. 73).

O homem é fruto de suas vivências e, conseqüentemente, de suas interações e, portanto, essa história possui papel decisivo na formação de consciência, sentidos e significados dos indivíduos. Numa visão psicológica, o trabalho é uma atividade inerente e vital do ser humano, pelo qual se relaciona com a natureza ao mesmo tempo em que é transformado por ela (LEONTIEV, 1978).

Vigotski (1995) aponta que o homem faz uso, principalmente no início de sua vida, de aspectos biológicos herdados. No entanto, não pode ser visto apenas como um produto biológico, haja vista que também se utiliza, em seu processo formativo, da cultura humana auxiliando no desenvolvimento de sua personalidade, na medida em que vivencia a relação com a sociedade. Portanto, o desenvolvimento humano não ocorre apenas por aspectos genéticos, ou seja, é

preciso a fusão da parte genética aliada ao conhecimento vivido ao longo dos tempos para que haja um pleno desenvolvimento do indivíduo, sendo o homem um ator principal neste processo e não apenas um simples espectador, que assiste às mudanças, sem participar delas (LEONTIEV, 1978). Assim, é possível dizer que as atividades conscientes do homem correspondem ao resultado de experiências histórico e socialmente vividas, as quais se objetivam pela atividade, sendo o trabalho a principal delas, ou seja, é a bagagem histórica do homem, caracterizada por habilidades deixadas por gerações anteriores, que o torna quem realmente é.

O homem é um ser histórico-social, que se desenvolve e transforma a sociedade em que vive ao mesmo tempo em que é moldado por ela, a partir de um movimento dinâmico e, também, indivisível, sendo, portanto, a saúde um dos produtos deste movimento.

A partir da Revolução Industrial e, consequente expansão do capitalismo, houve um aumento substancial da forma e do tempo de trabalho, tanto no aspecto individual quanto coletivo, gerando sérios problemas para a saúde do trabalhador (CAVALHEIRO e TOLFO, 2011).

Vale ressaltar as diversas críticas acerca do modo de trabalho no sistema capitalista, em que pese a diferença entre dois tipos de trabalho, ou seja, um que se refere à via de acesso a algo que excede a própria subsistência e outro, que corresponde mais ao valor de troca do que ao valor de uso, refletindo, portanto, a um estranhamento do trabalho em relação aquilo que é produzido, isto é, o trabalhador não se reconhece naquilo que produz (NAVARRO e PADILHA, 2007).

Neste sentido, Gradella Júnior (2010) considera que a consciência é um produto histórico-social, originado do trabalho, tendo a divisão do trabalho como a principal condição para o aparecimento do processo de alienação.

Assim, “a divisão do trabalho só se torna efetivamente divisão do trabalho a partir do momento em que se opera uma divisão entre o trabalho material e o trabalho intelectual”, sendo que “(...) a atividade intelectual e a atividade material – o gozo e o trabalho, a produção e o consumo – acabam sendo destinados a indivíduos diferentes (...)” (MARX e ENGELS, 1998, p. 26-27).

Deste modo, a alienação possui uma origem objetiva que resulta das relações de dominação definidas pela divisão do trabalho no modo capitalista de

produção, sendo que “o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral” (MARX, 1993, p. 24).

A alienação, para Marx, refere-se àquilo que fragmenta o ser humano, que o aparta do mundo e de si mesmo, do que foi criado pelo homem, ou seja, é a separação da consciência, um mergulho em uma espécie de sono do qual não parece ser possível despertar (BARROS, 2011).

Nesta linha, Luz e Bavaresco (2010) apontam que Marx procurou demonstrar que “o trabalhador não se identifica com o produto do seu trabalho, com seu próprio trabalho, bem como não se identifica enquanto membro da espécie humana”. Ainda, “o trabalho alienado é intrínseco ao capitalismo e que essa forma de organização econômica da sociedade leva a uma opressão cada vez maior do trabalhador” (LUZ e BAVARESCO, 2010, p. 139).

A alienação configura-se a partir da não identificação do trabalhador com o seu trabalho, por realizar atividade explorada. Nesta linha de raciocínio, a dominação no trabalho é o aspecto principal na constituição do desgaste, pois ela “ataca a dignidade e fere a autonomia da individualidade” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 23), produzindo, portanto, rupturas no mundo mental e psicossocial do trabalhador. Desse modo, “a exploração produz a exaustão e a exaustão obscurece a consciência, abrindo caminho à alienação” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 23).

Ainda, nesse sentido, a referida autora acrescenta que para que a força de trabalho comprada pudesse produzir o máximo em termos de lucro, uma divisão essencial foi implantada e, nessa divisão, “o trabalho passou a se tornar estranho aos desejos e aos interesses de uma imensa parte de pessoas que o executam” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 162).

Nesse processo relacionado à alienação, as relações de dominação acabam sendo percebidas de modo independente das ações humanas, ou seja, acabam por naturalizar-se e, portanto, deixam de ser entendidas como condições históricas, passíveis de serem superadas (MARX, 1993).

Na atualidade do capitalismo, pautado na ideologia neoliberal, para a obtenção da “mais-valia possível” investe-se nos modelos de gestão e organização voltados ao produtivismo, os quais interferem negativamente na vida

do trabalhador, desencadeando “alienação e exploração do sofrimento humano no trabalho” (ANJOS, 2013, p. 272). Desse modo, portanto, a organização do trabalho afeta de maneira tão crucial a vida dos trabalhadores que se torna uma enorme fonte tanto de ansiedade quanto de sofrimento psíquico (SELIGMANN-SILVA, 2011; ANJOS, 2013).

Nesse contexto, para uma melhor compreensão das características que o processo de trabalho assume no capitalismo, é preciso lembrar que a finalidade principal, nesse modo de produção, é a extração da mais-valia (LAURELL e NORIEGA, 1989). Assim, “a mais-valia é o motor de todo o processo e todo o interesse do capital está centralizado nela” (FRANÇA e LUCENA, 2009, p. 5). Laurell e Noriega (1989) apontam que “é preciso, pois, remeter ao conceito de processo de produção, com suas duas facetas: o processo de valorização (de produção de mais-valia) e o processo de trabalho (de produção de bens)” (p. 105). A partir daí,

O capital (...) não só compra a força de trabalho para explorar a sua capacidade de produção de valor e, assim, obter a mais-valia, mas também pretende conseguir a mais-valia possível. O seu incremento pode ser alcançado de duas formas que coincidem com duas etapas nitidamente distintas no desenvolvimento do capitalismo: o aumento da jornada de trabalho e, portanto, do trabalho excedente (mais-valia absoluta) ou o aumento da produtividade (mais-valia relativa), reduzindo o tempo de trabalho necessário para pagar o preço da força de trabalho (salário) (FRANÇA e LUCENA, 2009, p. 5).

Desse modo, é fundamental, ao se discutir o caráter da doença, verificar além da questão biológica, o aspecto social, ou seja, “(...) é preciso um aprofundamento na compreensão do processo saúde-doença como processo social” (LAURELL, 1983, p. 2). Assim, segundo a autora, a melhor maneira para se comprovar o caráter histórico da doença não pode ser feita a partir de estudos de suas características nos indivíduos, ou seja, é preciso fazê-lo com base no processo que envolve a coletividade humana. De igual modo, o caráter simultaneamente social e biológico do processo saúde-doença demonstra que é preciso analisá-lo sob as duas óticas como um processo único (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Existem inúmeras formas de se mostrar o aspecto social da doença, permitindo, dessa forma, um aprofundamento nos determinantes sociais, a partir

da análise das condições coletivas de saúde em sociedades distintas, no mesmo momento histórico (LAURELL, 1983).

Para demonstrar o caráter social da doença é necessário, também, estudar o tipo, a frequência e a distribuição da moléstia nos diversos grupos sociais que constituem a sociedade. Existindo uma articulação entre o processo social e o processo saúde e doença, este deve assumir características distintas conforme o modo diferencial com que cada um dos grupos se insere na produção e se relaciona com os grupos sociais restantes (LAURELL, 1983, p. 7).

Nesse contexto, aspectos que podem gerar maior vitalidade ou fragilização da saúde ao longo da vida das pessoas possuem grande relação com diferentes realidades sociais, as quais decorrem “direta ou indiretamente da desigualdade socioeconômica e de direitos” e, assim, “o conceito de processo saúde-doença permite entender os determinantes e condicionantes das formas individuais e coletivas de adoecer e morrer” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 33). Ressalta-se, também, que as forças políticas e sociais, presentes em cada momento da história, podem favorecer e/ou fragilizar a saúde dos indivíduos a partir das situações que estes vivenciam e que sofrem influência dos contextos macrossociais e, de igual modo, dos microssociais, isto é, em situações específicas envolvendo não só o trabalho, mas a vida como um todo. A fragilização, nesse contexto, tem relação, aqui, de vulnerabilização ou vulnerabilidade (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Assim, Seligmann-Silva (2011), com base nos trabalhos de Renault (2008), colabora dizendo que o sofrimento social, originado a partir de macro contextos, possui relação com formas de dominação que permeiam outras instâncias sociais, atingindo, desta forma, tanto famílias, quanto locais de trabalho e pessoas. Ainda, a referida autora, a partir do trabalho de Gorz (1980), acrescenta que ao se pensar no micro contexto, ou seja, o que ocorre nos locais específicos de trabalho, é imprescindível que seja levado em consideração, também, o macro, onde ocorre a divisão internacional do trabalho, o qual é mediado por questões políticas e econômicas.

Assim, “os contextos de trabalho podem atuar como fonte de saúde ou de adoecimento tanto com respeito à saúde geral quanto à saúde mental” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 34). Portanto, o desenvolvimento da vida do

homem é determinado pelo seu modo de vida e, ainda, pela época, sociedade, grupo e comunidade em que se encontra. Há, portanto, uma necessidade de se adaptar à sociedade em que se está inserido e, essa adaptação, consoante Laurell e Noriega (1989), converte-se em padrões de desgaste que são determinados pelas condições de vida do grupo ao qual o indivíduo pertence.

Portanto, o trabalho deve ser considerado no processo saúde-doença envolvendo os seres humanos, pois estudos mostram que a distribuição do adoecimento e da mortalidade em uma comunidade possui relação direta com as relações de produção e de trabalho (ALVES, 2013). Sendo assim, o trabalho é um importante determinante no processo saúde-doença, tanto na dimensão coletiva quanto individual.

Nesta perspectiva, há necessidade de conhecer-se os trabalhos específicos para compreender como levam ao desgaste e adoecimento dos trabalhadores.

Com este objetivo, Laurell e Noriega (1989) propõem uma forma de analisar os processos produtivos para compreensão dos processos saúde-doença. Estes autores criticam a categoria “risco” para explicar os elementos presentes no centro do trabalho que podem gerar danos ao corpo do trabalhador, adotada no âmbito da medicina do trabalho e saúde ocupacional, por a considerarem limitada ao restringir-se a um “esquema monocausal”, nem sendo considerados os “fatores de risco”, como apontado no “modelo epidemiológico multicausal, que postula a necessidade da presença simultânea de vários deles para que se produza a doença” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 109).

Para contrapor essa abordagem, Laurell e Noriega (1989), com a Medicina Social Latino Americana (MSLA), defendem o resgate do aspecto social na determinação dos problemas de saúde dos trabalhadores. Deste modo, para superar a perspectiva reducionista baseada na concepção de riscos, estes autores defendem que as condições sócio históricas do capitalismo devem ser consideradas para se analisar a relação entre saúde e trabalho (BERNARDO et al., 2015).

Assim, Laurell e Noriega (1989) propõem “construir outra categoria que consiste na de ‘cargas de trabalho’” (p. 110). A partir dessa relação do homem com o trabalho, no contexto capitalista, as cargas de trabalho geram desgastes do

trabalhador, fundamentais no processo saúde-doença (LAURELL e NORIEGA, 1989).

As cargas de trabalho compreendem os elementos “que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador, gerando aqueles processos de adaptação que se traduzem em desgaste, entendido como perda da capacidade potencial e/ou efetiva, corporal e psíquica” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 110).

As cargas e trabalho podem ser consideradas como um atributo, proveniente de um processo de trabalho, o qual apresenta o aumento de chance de um grupo de trabalhadores expostos a uma deterioração psicobiológica, quando comparado àqueles não expostos ou, ainda, que tiveram uma exposição diferente em relação a esse atributo (FACCHINI, 1993). “O conceito de carga possibilita uma análise do processo de trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam de modo importante o nexos biopsíquico da coletividade operária e confere a esta um modo histórico específico de ‘andar a vida’” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 110). Sendo assim, ao se pensar o processo saúde-doença, é de suma importância conhecer as cargas existentes em um local de trabalho para que seja possível envidar esforços no sentido de eliminá-las ou, ao menos, controlá-las, evitando-se, assim, seus efeitos maléficos aos trabalhadores.

Ao se investigar as cargas de trabalho, primeiramente, é preciso decompô-las em tipos específicos. Em um segundo momento, é importante reconstruí-las por meio da lógica global como ponto de partida. Contudo, é importante ressaltar que as referidas cargas não podem ser consideradas simplesmente uma soma de cada tipo específico, uma vez que “só adquirem pleno significado a partir da dinâmica global do processo de trabalho” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 110). Ainda, o processo de investigação permite a reconstrução das cargas de trabalho por meio da análise da interação entre elas, além do processo de trabalho que, neste contexto, é entendido como um processo técnico e campo de luta originado pelo processo de acúmulo do capital. Desta forma, as cargas de um grupo comum podem potencializar sua ação, não apenas somando uma coisa à outra, mas aumentando seus efeitos junto aos processos biopsíquicos humanos (LAURELL e NORIEGA, 1989). Para tanto, faz-se necessário considerar alguns aspectos que

compreendem as ações do trabalhador, assim como o contexto em que se inserem e, por fim, suas consequências.

Para uma melhor compreensão das cargas de trabalho, Laurell e Noriega (1989) classificaram-nas em cargas físicas, químicas, biológicas e mecânicas e em cargas fisiológicas e psíquicas. No primeiro grupo, as cargas (físicas, químicas, biológicas e mecânicas) apresentam uma materialidade externa ao corpo do ser humano e, ao interagirem com ele, assumem uma nova característica, agora interna, ao passo que as cargas fisiológicas e psíquicas somente expressam sua materialidade junto ao corpo humano a partir de suas transformações em processos internos (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Desta forma, as cargas físicas são aquelas que se originam a partir de exigências para alteração do objeto de trabalho e caracterizam o ambiente em que estão interagindo, rotineiramente, com o trabalhador. Podem ser mais bem compreendidas a partir de exemplos: ruído e vibrações provocadas por máquinas, temperatura, umidade, ventilação, iluminação do ambiente, enfim, que resultam das especificidades do processo de trabalho (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Com relação às cargas químicas e biológicas, estas são derivadas, basicamente, da natureza do tipo de trabalho e dos meios envolvidos em sua mutação, além da caracterização do local de trabalho e da interação com a rotina desenvolvida pelo trabalhador. São encontradas, no primeiro grupo as substâncias químicas utilizadas em um referido tipo de processo de trabalho, as quais se configuram por partículas, fumaças, gases, vapores e líquidos, ao passo que as cargas biológicas compreendem os microrganismos (LAURELL e NORIEGA, 1989).

“As cargas mecânicas são, por assim dizer, as mais visíveis, já que elas se convertem numa ruptura de continuidade instantânea do corpo” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 111), resultando em contusões, feridas, fraturas e outros processos semelhantes.

Já as cargas fisiológicas são constituídas a partir das várias formas de se realizar uma determinada tarefa e compreendem elementos de esforços físicos, a partir de deslocamentos e movimentos exigidos pela atividade, bem como pelo espaço disponível para sua execução, por posições assumidas para realizá-la,

horas excessivas de trabalho, alternância de turnos, entre outros (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Por fim, Laurell e Noriega (1989) apontam que as cargas psíquicas compreendem as diversas situações dentro do ambiente de trabalho, as quais podem ser classificadas em dois subgrupos – sobrecarga e subcarga psíquica, ou seja, a primeira é fruto de situações de tensão prolongada, com atenção permanente, supervisão com pressão, noção do perigo do trabalho, elevados ritmos de trabalho, ao passo que a segunda, da impossibilidade de desenvolver e utilizar os conhecimentos e habilidades existentes na realização de tarefas do trabalho, além de perda do controle sobre o trabalho, desqualificação do trabalho, monotonia e repetitividade.

Assim, “as cargas de trabalho e, portanto, o padrão de desgaste de um grupo de trabalhadores determinado, têm origem na maneira específica como se articulam as bases técnicas e a organização e divisão do trabalho” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 117).

Para Laurell e Noriega (1989), as cargas de trabalho têm como decorrência os desgastes resultantes da atividade, com o objetivo de reconstruir uma representação coerente entre o processo de trabalho e o nexos biopsíquico do trabalhador, em um sentido mais amplo e coletivo. O desgaste, conforme já referido acima, relaciona-se às perdas corporais e psíquicas do trabalhador e, portanto, possibilita registrar as mutações negativas, fruto da interação dinâmica das cargas, junto aos processos biopsíquicos humanos (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Assim, ao trazer o “desgaste” como uma categoria vinculada à de carga de trabalho, é possível um entendimento mais detalhado dos processos e das atividades que consomem a força de trabalho, ou seja, que desgastam as capacidades vitais do trabalhador. O desgaste, na medida em que se caracteriza pela perda, efetiva ou potencial, de capacidade biopsíquica, pode ou não se expressar como uma doença. Essa concepção patológica, em geral, não é irreversível, uma vez que é possível recuperar as capacidades acometidas e, ainda, “desenvolver habilidades antes hipotrofiadas” (LAURELL e NORIEGA, 1989, p. 115).

“A noção de desgaste emerge dos estudos dos processos de trabalho e está ligada à ideia de consumo do substrato e das energias vitais do trabalhador” (SELIGAMNN-SILVA, 2011, p. 123). Desta forma, pode ser compreendido como um processo adaptativo que acomete o trabalhador, levando-o ou não ao adoecimento. A relação envolvendo o processo de trabalho e, conseqüentemente, as cargas de trabalho e os desgastes decorrentes da atividade, permite certa capacidade de predição frente ao que se compreende pelo padrão de desgaste de um referido grupo de trabalhadores em um dado contexto social e histórico (ANDERSON, 2016). Neste sentido, Laurell e Noriega (1989) acrescentam que a partir do conhecimento do tipo de trabalho a ser desenvolvido em um local, é possível indicar as principais cargas existentes, bem como os traços gerais do padrão de desgaste e, desta forma, definir os nexos biopsíquicos de um determinado grupo.

Os processos de desgaste são oriundos da coletividade humana e, portanto, são nelas que desenvolvem o pleno significado e visibilidade. Desta forma, esses processos não acontecem de maneira externa à história, ou seja, eles representam a coletividade dentro de um contexto histórico e social (LAURELL e NORIEGA, 1989).

Para Seligmann-Silva (2011),

O desgaste é visualizado como produto de uma correlação desigual de poderes impostos sobre o trabalho e sobre o trabalhador, acionando forças que incidem no processo biopsicossocial saúde-doença. Ou melhor, uma correlação de poderes e forças em que o executante do trabalho se torna perdedor (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 135).

A autora afirma que, quando se estudam os processos de trabalho e o processo saúde-doença, é preciso considerar determinações de ordem sociopolítica e econômica. Ainda, em situações em que se encontra a presença do trabalho dominado, o desgaste tem origem a partir da “desvantagem que faz com que o corpo e os potenciais psíquicos do trabalhador sejam consumidos pelo processo de trabalho e por constrangimentos a ele vinculados” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 136). Ao se pensar nos potenciais psíquicos, faz-se necessário considerar os aspectos referentes à inteligência e aos sentimentos. Aliado a isso,

a referida autora acrescenta que, quanto maior a vulnerabilidade do ser humano, maior poderá ser o seu desgaste no trabalho (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Nesse contexto, é fundamental que se explique acerca da vulnerabilidade, haja vista que esta possui relação direta com a precariedade das condições de vida, bem como com o respeito aos direitos humanos e à cidadania. Ao se pensar em desgaste mental, “essas condições assumirão conotações muito específicas para ocasionar a sujeição e o desamparo” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 137).

Ao se estudar o conceito de desgaste mental nos trabalhadores, Seligmann-Silva (2011) aponta que é preciso entender qual o tipo de desgaste que acomete o indivíduo, ou seja, o literal ou orgânico, o funcional e seus desdobramentos, ou o da subjetividade, ou seja, quando a identidade é afetada.

Assim, inicialmente, deve-se considerar que os danos originados a partir de situações de trabalho podem atingir o substrato orgânico da mente. Deste modo, isso pode ocorrer em um acidente de trabalho ou em uma ação de produtos tóxicos que afetam os processos bioquímicos do sistema nervoso, gerando perdas intelectuais ou transtornos do tipo psicoafetivo.

Depois, em um próximo momento de reflexão funcional, há o processo de fadiga, sendo a fadiga mental indissociável da fadiga física e, portanto, adota-se a expressão “cansaço geral”, mesmo que ocorra, em determinadas situações, de forma mais predominante, uma fadiga física ou mental (SELIGMANN-SILVA, 2011). A citada autora, a partir das contribuições de Brenner (1987), acrescenta, também, que nos casos em que o cansaço ocorre ao longo do tempo, surgem quadros que são denominados de “fadiga crônica” ou “patológica”, uma vez que estas não são caracterizadas apenas pelo cansaço que não cessa com o sono diário, ou seja, há a presença de distúrbios do sono, irritabilidade, desânimo, que afetam o humor e a sociabilidade. Seligmann-Silva (2011) cita, com base em Aubert e Gaulejac (1991) que há, ainda, a neurose de excelência, que se refere à intensificação do trabalho e ao medo de não ser avaliado como excelente, o que reflete na degradação da autoimagem e na autoconfiança. Ainda, em situações que envolvem um desgaste global do trabalhador, há expressões relacionadas ao envelhecimento precoce (SELIGMANN-SILVA, 2011). Diversas mediações também podem ser consideradas nos processos que conduzem ao desgaste mental vinculado ao trabalho, sendo as mediações de natureza micropolítica,

cultural e psicossocial as mais importantes. Assim, “a privação dos meios de subsistência ou a ameaça premente de que esta se instale é uma mediação socioeconômica de forte potencial desestabilizador para o psiquismo” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 142).

Por fim, há o desgaste da subjetividade, quando a identidade é afetada. Nesse contexto, Seligmann-Silva (2011), a partir de Clot (2008), na perspectiva da Clínica da Atividade, pensa o sofrimento psíquico como o resultado de um impedimento de agir em consonância com o próprio ser, sendo que esse impedimento corresponde a uma desvitalização da atividade, levando a uma impossibilidade de ser. Seligmann-Silva (2011) afirma que “as situações de trabalho, associadas a sucessivas frustrações em que ao longo dos anos se acumulam experiências de sofrimento social, vão minando a autoimagem e também estreitam progressivamente as perspectivas quanto ao futuro” (p. 144-145).

Sendo assim, o trabalho é um dos grandes responsáveis pelo processo saúde-doença, pois a sua centralidade na vida das pessoas e a fadiga produzida pelo mesmo são determinantes no processo de desgaste. A sensação do trabalhador é, muitas vezes, de ter as energias vitais sugadas e, nesta situação, nem o estado de descanso e de repouso são suficientes para recobrar as energias e recuperar o estado de cansaço geral e que acabam por refletir em distúrbios do sono, desânimo e irritabilidade, prejudicando, além do ambiente de trabalho, também o convívio familiar, social e o lazer, atingindo, portanto, a vida em todas as suas dimensões (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Desta forma, o processo de desgaste vivenciado pelos trabalhadores é construído ao longo do tempo e pode ser mais ou menos prejudicial, a partir das condições sociais e de vulnerabilidade inerentes ao trabalhador, além, claro, do seu ambiente de trabalho. A interação desses fatores, ao se fundir com o trabalhador, caracteriza o processo de desgaste físico e/ou mental e, conseqüentemente, de adoecimento, refletindo em cansaço, desânimo, tristeza e nervosismo (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Sendo assim, conforme o trabalho e sua complexidade são conhecidos, é possível apontar as cargas decorrentes dessa atividade, bem como os padrões de desgastes pelos quais os trabalhadores são submetidos. Deste modo, faz-se

necessário considerar a dinâmica global de todo o processo de trabalho, bem como suas contradições, para compreender e identificar o processo de desgaste (VENTRIGLIO, 2017).

A seguir, será abordada essa temática envolvendo o trabalho e o processo saúde-doença dentro do serviço público, aproximando-a ao objeto desta dissertação.

1.1 TRABALHO E SAÚDE NO SERVIÇO PÚBLICO

Nos últimos anos, o emprego no serviço público tem sido visto como um “privilégio” por parte da população, haja vista a presença de determinados direitos e benefícios, o que gera a oportunidade de criar uma carreira dentro da instituição, assim como a estabilidade, oportunidade de formação e capacitação, planos de carreira, regime previdenciário distinto, possibilidade, em certos casos, de aposentadorias integrais, entre outros (RIBEIRO e MANCEBO, 2013).

É importante salientar que, de acordo com Cezne (2005), “a abrangência do conceito de serviço público é influenciada pela época e pela noção de Estado e pela relação entre este e a sociedade” (p. 335). Neste sentido, Gomes, Silva e Sória (2012) apontam que, a partir da década de 1930, houve uma reformulação do setor público com aumento no número de empregos públicos no Brasil, com base na estruturação e ampliação das funções inerentes ao Estado, como ampliação dos serviços sociais e suporte para a produção de bens, sendo o foco nas atividades agrícola e industrial. Ressalta-se, também, que até a década de 1940, praticamente não havia política pública no âmbito federal, excetuando-se saúde e educação, fato este que justifica o baixo contingente de servidores públicos, os quais se concentravam nas capitais dos estados mais ricos do país, como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (MATTOS, 2015). Na sequência, na década de 1950, por conta das necessidades de planejamento e organização, aliada à urbanização, houve um crescimento do serviço público até os anos de 1970 e 1980, quando, no Brasil, foram criados dezenas de órgãos públicos, em um momento histórico em que o capitalismo brasileiro procurava, finalmente, completar o processo de industrialização baseado no padrão tecnológico existente na segunda revolução industrial (MATTOS, 2015).

“Foi somente a partir dos anos 80 – e notadamente depois da Constituição Federal promulgada em 1988 – que o Estado Nacional passou a formular políticas públicas em diversas áreas (...)” (MATTOS, 2015, p. 96). Neste sentido, Benevides (2011) cita que, no Brasil, a partir da Constituição de 1988 as políticas sociais passam a ser um dever do Estado e direito dos cidadãos, como assistência social, previdência social, saúde, educação, entre outros. Desta forma, o Estado busca corrigir desigualdades por meio de políticas sociais, as quais “são mantidas numa linha evolutiva de investimento, acompanhando as demandas da sociedade, na perspectiva de garantir direitos e oportunidades iguais para todos” (ANANIAS, 2010, p. 322). O objetivo, então, é o de alcançar a inclusão social e igualitária da população, diminuindo as desigualdades por meio de políticas redistributivas (KERSTENETZKY, 2011). Assim, o Estado é tido como democrático e de direito na medida em que se buscam tais resultados (ABRAMO, 2010) e, para isso, precisava ter um quadro de servidores públicos.

É importante ressaltar, entretanto, que no contexto de uma sociedade neoliberal – na Europa, desde a década de 1980, e a partir dos anos de 1990, no Brasil –, interessada em diminuir a ação do Estado, a crise fiscal do país é usada para justificar a redução de gastos públicos, tendo o foco nos servidores, os quais são tidos como uma das causas da referida crise. Assim, em muitos governos, são apresentadas algumas ações que visam ao enxugamento do quadro de pessoal, em contradição com as novas responsabilidades do Estado, em todas as suas esferas, imprimidas pela Constituição, o que pode ser considerado, portanto, um contrassenso.

Deste modo, pode-se dizer que a proposta constitucional de direitos sociais sofre diversos reveses, em razão desta contradição vivida no país, ou seja, uma constituição calcada em direitos sociais em um momento histórico de defesa do Estado neoliberal. Nesse contexto, Ribeiro e Mancebo (2013) apontam que “todo esse receituário das mudanças no mundo do trabalho, acompanhado de perto por um discurso que advoga a necessidade de enxugamento também das funções até então atribuídas aos Estados, atingem, profundamente, o serviço público” (p. 195), ou seja, “na realidade, ocorrem, em muitas situações (...), uma desmontagem do setor produtivo estatal” (RIBEIRO e MANCEBO, 2013, p. 195). Sendo assim, ao repensar o tamanho do Estado e, mais do que isso, em seu

papel diante da sociedade, impactou-se o conceito de serviço público, pois não era apenas uma questão de reduzir o seu tamanho, ou seja, era fundamental uma reestruturação (CEZNE, 2005; BRESSER PEREIRA e SPINK, 2006). Constatase, portanto, que as práticas oriundas da posição neoliberal chegaram ao Brasil e as pressões visando a mudanças e reestruturações de ordem financeira e produtiva atingiram todas as instituições, sejam elas privadas ou públicas (GUIMARÃES, 2009).

Nesse sentido, o Estado abre espaço para um movimento reformista que substitui o modelo burocrático de gestão por uma forma estritamente gerencial, em que passa a incorporar a lógica e mecanismos usados na iniciativa privada com o discurso de que vai proporcionar maior agilidade, eficiência e qualidade em seus serviços, isto é, dá lugar ao “gerencialismo”. Para Chanlat (2002), o gerencialismo é uma forma de descrever, explicar e interpretar o mundo do trabalho a partir das categorias da gestão privada. Contudo, essa prática pode gerar sérias consequências na vida dos trabalhadores, pois, o objetivo é o de maximizar todas as vantagens com o menor custo e tempo possíveis, sendo o trabalhador, portanto, explorado, para que a empresa ou o empregador obtenha lucro e domínio de mercado (SELIGMANN-SILVA, 2011). Então, de acordo com a referida autora, o gerencialismo é apontado como a doença da gestão contemporânea, tornando-se uma epidemia de fato, “repercutindo na degradação da sociabilidade e no adoecimento dos funcionários” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 486).

Essa situação, comumente presenciada no serviço privado, tem se reproduzido, também, dentro do serviço público, o qual deveria, em tese, estar protegido das disputas existentes no mundo dos negócios. Seligmann-Silva (2011) apresenta a crítica feita pelo sociólogo Gaulejac (2009) em que se refere ao fato de os administradores considerarem prioridades os resultados contábeis e não os sociais. Assim, todo o aparelho do Estado está contaminado pelo gerencialismo. No contexto brasileiro, um dos aspectos do gerencialismo aplicado à gestão pública refere-se à tendência ao uso de avaliação por metas de produção atrelada à redução de servidores, sob diversos pretextos, ocorrendo, muitas vezes, a não reposição de funcionários aposentados, falecidos ou demissionários, em administrações diretas ou indiretas de todas as esferas de

governo. Esta situação resulta “em sobrecarga de trabalho para os demais funcionários e, frequentemente, em prejuízo da qualidade dos serviços prestados” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 486). Assim, “o foco produtivista, normalmente adotado na formulação destas mudanças, atrelado a um modelo ainda burocrático, contribui para criar um espaço de trabalho contraditório e, muitas vezes, nocivo à saúde daqueles que ali trabalham” (GUIMARÃES, 2009, p. 165).

Essa nova forma de gerenciar, que se faz presente no serviço público, tem como um dos seus objetivos o aumento da produtividade e, como consequência, resulta em condições precárias de trabalho, uma vez que não são consideradas as complexidades envolvidas em seus processos. Nesse contexto, Seligmann-Silva (2011), a partir dos trabalhos de Bourdieu (1998), destaca que as relações sociais de trabalho foram fragilizadas e, ainda, tornaram-se instáveis. Aliada à insegurança e à incerteza, a precariedade se expandiu de forma assustadora. Ao mesmo tempo, a ética e o respeito à dignidade humana têm ocupado um espaço cada vez menor no cotidiano social, atingindo os vínculos e os relacionamentos humanos. Ainda, “é possível desvelar o avanço assustador de outra precarização: aquela que invade a identidade e a própria subjetividade” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 459). A precarização do vínculo atinge a família, o lazer e as diversas formas de participação social, comprometendo o tempo de conviver e, por conseguinte, transformando sentimentos, modos de conviver e de compartilhar. Assim, “a precarização, ao atingir todos os âmbitos da sociabilidade, isola os indivíduos e repercute de modo importante na vida afetiva e na subjetividade de cada um” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 468).

Desse modo, a reestruturação produtiva, originada a partir das grandes transformações vivenciadas pela organização do trabalho, tem refletido de forma importante na saúde do trabalhador (PENA e MINAYO-GOMES, 2010). Tal situação envolvendo o mundo do trabalho se reproduz, também, dentro do serviço público, em que as condições precárias de trabalho têm afetado social e psiquicamente os trabalhadores (CORREIA, 2009; ARBEX, SOUZA e MENDONÇA, 2013).

Nesse contexto, é de suma importância conhecer o trabalho para compreender o processo saúde-doença, especialmente no serviço público e, dessa forma, o trabalho de professores de universidades públicas, foco desta

pesquisa, pois são representantes de trabalho intelectual em condições diferenciadas de autonomia e liberdade, mas que, também, vêm sofrendo transformações assim como outras atividades laborais.

CAPÍTULO 2. O TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO CONTEXTO ATUAL

Nesse capítulo, serão abordados, inicialmente, os aspectos relacionados às características do trabalho docente e, na sequência, o contexto da educação superior, especialmente no que diz respeito aos interesses do capital frente à educação e, também, ao produtivismo acadêmico, sendo esta conjuntura importante quando se pensa no processo saúde-doença envolvendo os professores universitários, último tópico deste capítulo.

2.1 CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DOCENTE

O trabalho na área de educação caracteriza-se como uma prestação de serviço, o que lhe dá uma configuração peculiar, pois o seu produto é abstrato e construído na relação com o “cliente”. Exige do trabalhador maior investimento afetivo para a sua realização e este está constantemente expondo o seu trabalho a críticas diretas de alunos (SORATO e OLIVIER-HECKLER, 1999), de colegas da instituição ou de área de conhecimento, de superiores hierárquicos na instituição, de avaliadores internos e externos.

Tomando a atividade de ensino como a principal no trabalho do docente, ressalta-se que ela é permeada pelo afeto, pois é o vínculo afetivo que permite a ocorrência do processo ensino-aprendizagem, e tem características particulares.

(...) para o educador, o produto é o outro, os meios de trabalho são ele mesmo, o processo de trabalho se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada da História. Uma relação direta e imediata com o outro é necessariamente permeada por afeto (CODO e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 47).

O trabalho docente pode ser descrito como uma atividade que se dá por meio de interação com outras pessoas, em um ambiente coletivo. Para a realização dessa atividade, assim como em outras profissões, é preciso tempo e planejamento para obtenção de resultados (TARDIF e LESSARD, 2013).

Masetto (1998) aponta que o trabalho do docente universitário requer competências para o seu desenvolvimento, as quais correspondem à

especialização em uma determinada área do conhecimento; práticas profissionais atualizadas; capacidade para a realização de trabalhos investigativos; conhecimento pedagógico; construção da relação professor-aluno e aluno-aluno; conhecimento de tecnologia educacional, além de exercício político. Tendo em vista que o professor universitário é participante e gestor de currículo educacional, faz-se necessário relacionar o conteúdo a ser ministrado de sua(s) disciplina(s) com os demais a serem vistos pelo aluno e, também, proporcionar o desenvolvimento da área cognitiva, trabalhando imaginação, pontos de vistas distintos, resolução de problemas, trabalho em equipe, comunicação, escrita, enfim, o trabalho docente possui como uma de suas características principais a inter e a transdisciplinaridade (MASETTO, 2003).

Assim, o atual mundo do trabalho dos professores universitários reflete de maneira expressiva na educação e deve proporcionar uma formação que conduza à reflexão, crítica, cidadania e humanização, conforme Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), exigindo “uma implicação maior do docente numa relação dialógica, continente, ativa e aberta à escuta do sujeito” (ABREU, COELHO e RIBEIRO, 2016, p. 470).

De acordo com Perrenoud (2002), o docente possui um papel social de mediador intercultural, perante a comunidade em que se encontra, organizador de uma vida democrática e, de igual modo, transmissor cultural e intelectual. Neste sentido, Hunt (2009) pondera que o professor universitário deve apresentar habilidades de comunicação verbal e escrita, possuir conhecimento profundo dos sujeitos e dos métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, flexibilidade nas ações do cotidiano, comprometidos com seu trabalho, organizando e programando suas atividades, entre outras. Ainda, outra característica fundamental da atividade de ensino do docente diz respeito ao envolvimento do aluno no contexto da sala de aula, em que cria desafios visando a busca de informações e novas descobertas (ANTUNES, 2002). Ainda, Lowman (2004) descreve que é esperado, do docente universitário, clareza em suas atividades e capacidade de estimular o pensamento de alunos na medida em que compartilha seu conhecimento. Espera-se que os professores demonstrem conhecimento não só do conteúdo a ser ministrado, mas possuam a capacidade

de serem reguladores de situações de ensino-aprendizagem (PERRENOUD, 1999).

Alguns dos desafios do trabalho docente, apontados por Cunha (2008), referem-se a determinadas questões pedagógicas, que nem sempre são desenvolvidas durante a formação deste trabalhador, e ganham destaque no que diz respeito à transmissão de conhecimentos diante de tanta informação disponível nas diversas mídias, motivação dos estudantes, produção do conhecimento, aliando ensino, pesquisa e extensão universitária.

Do professor universitário, especialmente em instituições públicas, além das características citadas, espera-se que apresente habilidades e perfil de pesquisador, que são desenvolvidos a partir dos estudos em nível de pós-graduação, sendo, portanto, essa “(...) a cultura de tomar a formação de pós-graduação *stricto sensu* como fundante da carreira universitária, explicitando a representação de um perfil de professor e, certamente, dos saberes que são valorizados na sua formação” (CUNHA, 2008, p. 470).

Uma universidade, de modo geral, pauta suas atividades no tripé ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de alcançar sua atividade principal, ou seja, a formação de profissionais atrelada à produção de conhecimento (GRADELLA JÚNIOR, 2010). Neste contexto, quando se pensa em uma universidade pública, o trabalho de um professor universitário, em regime de dedicação exclusiva, não se restringe apenas ao ensino. É preciso realizar pesquisas, prestar serviços à comunidade e, ainda, atuar em cargos de gestão dentro da esfera acadêmico-administrativa.

Assim, para Oliveira (2010), o trabalho de um professor é o ato de realização no processo educativo. Desta forma, como o trabalho é responsável pela transformação da natureza, a partir do homem, resultando, também, na transformação do indivíduo pelo seu trabalho, considera-se, então, que esta atividade possui um caráter educativo. Pode-se dizer, portanto, que o produto da atividade do professor é o outro (aluno) educado, é a “mudança social na sua expressão imediata” (CODÓ e VASQUES-MENEZES, 1999, p. 45).

Estas são características gerais, no sentido das exigências e expectativas, da atividade do docente no ensino superior, contudo é necessário considerá-la no

contexto da realidade. Desta forma, discute-se a seguir o cenário da Educação Superior no país, no qual se desenvolve este trabalho.

2.2 CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL

Mudanças de toda ordem, abarcando diversas dimensões, sejam elas políticas, sociais, climáticas, tecnológicas, econômicas ou organizacionais, acompanham as sociedades e, desta forma, influenciam, sobremaneira, no chamado “mundo do trabalho”. Neste contexto, o “mundo do trabalho” vem passando por sérias e profundas mudanças e, conseqüentemente, a nova ordem estabelecida nas relações existentes entre capital e trabalho (ARBEX, SOUZA e MENDONÇA, 2013).

Ainda, aliado à globalização, o contexto político neoliberal tem reestruturado a organização do trabalho, desencadeando sérios problemas para o trabalhador, como condições e formas precárias de trabalho, as quais resultam em riscos à saúde física e mental destas pessoas. Essas mudanças que afetam o trabalho e, conseqüentemente, a vida das pessoas, não são diferentes quando se pensa no trabalho de um professor universitário. Para Mancebo, Silva Júnior e Schugurensky (2016), na complexa conjuntura em que se articulam economia e política, “as instituições de ensino superior (especialmente as públicas) veem-se afetadas, primeiramente, pela recessão e cortes sistemáticos advindos da federação e de diversos entes federativos” (p. 212). Entretanto, com relação às instituições privadas, particularmente aquelas que visam estritamente ao lucro e não à formação e ao aprendizado de seus alunos, seus objetivos, que, como dito, são financeiros, são alcançados, pois especialmente as de capital aberto apresentam-se como o setor de maior rentabilidade no mercado financeiro de ações (SGUISSARDI, 2015).

Nesse contexto, o novo modelo de gestão da política educacional tem um discurso que busca a eficiência de todo o processo, a partir de novas formas de financiamento, de avaliação e de controle do trabalho. “Sob o pretexto da melhoria da qualidade institui práticas de responsabilização por meio de esquemas gerenciais (...) de hiperprodução em fluxos de tempos concentrados na Educação Superior” (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 592). Assim,

(...) práticas vinculadas ao discurso da “qualidade da educação” se naturalizam e se propagam como legítimas, ainda que suas raízes se fundamentem em um sistema de objetivos, metas e resultados quantitativos e externos aos critérios e proposições do coletivo de professores” (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 594).

Em um cenário dominado pelo capital, a mercantilização na produção e na disseminação do conhecimento se faz presente nas Instituições de Ensino Superior. Para Piolli, Silva e Heloani (2015), “o modelo posto é o do predomínio do setor privado, com destaque para o ensino à distância como modalidade preferencial” (p. 597). A partir desta modalidade, há um favorecimento do “processo de aligeiramento dessa formação, a certificação em massa e modelos curriculares orientados pelo viés técnico-prático” (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 597).

Aliado a essa questão, Sguissardi e Silva Júnior (2009) e Silva Júnior, Sguissardi e Silva (2010) apontam que, no Brasil, desde a implantação da Reforma do Estado, tem se verificado uma intensificação, precarização e extensificação do trabalho docente. Por extensificação, os referidos autores compreendem o incremento de horas de trabalho em sua jornada estabelecida, mesmo com a aceleração das atividades desempenhadas normalmente. O ambiente de trabalho, de um modo geral, tem se tornado cada vez mais prejudicial, especialmente por conta do contexto político neoliberal que a sociedade vivencia. Assim como o trabalho em outras profissões, o trabalho docente se administra e se organiza a partir da lógica da produção capitalista.

De acordo com Borsoi (2012), o trabalho docente, por sua natureza, permite que seja desenvolvido, de certa forma, fora do ambiente institucional, o que lhe confere certo controle das atividades, no entanto, isso faz com que extrapole a quantidade de horas trabalhadas, especialmente pela adoção de métodos e políticas produtivistas, estímulos à competição, necessidade de maior qualificação profissional, entre outros. Desta forma, tal característica contribui para que esse trabalhador sofra e adoça por conta do trabalho, reforçando que o trabalho é um determinante no processo saúde-doença.

Nesse contexto, de sobrecarga de atividades, é comum professores trabalharem sem o estabelecimento de limites de horários, interferindo de forma substancial no tempo que deveria ser dedicado às atividades pessoais

(MANCEBO e LOPES, 2004; LOPES, 2006). Associado a isso, ou seja, a invasão do espaço privado por questões profissionais, o professor ainda utiliza de recursos próprios, como uso de telefone, celular, computador, energia elétrica, entre outros, que acabam sendo incorporados em seu orçamento particular (BORSOI, 2012).

Para Lacaz (2010), a adoção da lógica capitalista e da reestruturação produtiva neoliberal no âmbito das universidades públicas, caracterizada como capitalismo organizacional e acadêmico, fortaleceu a precarização das condições do trabalho docente. Como consequência, há um incremento na competitividade entre os trabalhadores, fragilizando as relações de trabalho e, consequentemente, dificultando ações coletivas de resistência do trabalhador, sendo estas, segundo os autores, uma condição fundamental para que se consiga mudar esse cenário de precarização e de intensificação do trabalho no ensino superior (MAUÉS, 2010; LACAZ, 2010).

Nesse contexto, Slaughter e Leslie (2001 *apud* Bernardo, 2014), propuseram uma categoria teórica, denominada de capitalismo acadêmico, com o objetivo de auxiliar na compreensão deste movimento vivenciado pelas universidades rumo à lógica do capital. Com base nos trabalhos de Slaughter e Leslie (2001), Ibarra-Colado (2003) e de Blanch-Ribas e Cantera (2011), Bernardo (2014) cita que estudos desta natureza apresentam que “a organização do trabalho universitário (...) se caracteriza, sobretudo, pela competição e produtividade exacerbadas” (p. 130), transformando o espaço universitário em centro comercial, obscurecendo seu caráter de autonomia, reflexão, discussão e diálogo.

Neste sentido, de acordo com Gradella Júnior (2010), a universidade, por conta de sua estrutura,

(...) reproduz, em maior ou menor grau, os pressupostos da racionalidade do modo de produção capitalista, não em relação ao lucro, mas sim, em relação à produção e reprodução ideológica da sociedade, através da adequação às normatizações dos órgãos estatais responsáveis pela educação e pelo financiamento das pesquisas e extensões, que é vital na universidade para a produção da ciência e do conhecimento (GRADELLA JÚNIOR, 2010, p. 138).

Sguissardi (2015) também considera a reprodução capitalista no mundo acadêmico:

Nesse contexto de mundialização do capital financeirizado, que cobra aumento de produtividade, supervaloriza a competição e a rentabilidade (...), a ciência e a educação superior adquirem um valor cada dia maior como efetivas mercadorias. Da mesma forma, valorizam-se as instituições, universidades e institutos de pesquisa, com potencial de produzi-las. Cada vez mais se verifica, na economia atual, maior predominância dos bens imateriais sobre os materiais e a universidade passa a ser vista como essa nova empresa produtora, ainda que indireta, de mais valor (SGUISSARDI, 2015, p. 98).

Desse modo, o processo de mercantilização da educação é evidenciado a partir do quanto se produz cientificamente, tendo a falsa sensação de propriedade de algo e de autonomia, que são reconhecidas pela academia. A partir daí, surge um forte argumento na busca por financiamento interno e/ou externo à universidade e, portanto, reproduz-se a lógica de produção capitalista, em que alguns conseguem mais recursos, garantidos por critérios quantitativos, muita das vezes sem levar em consideração aspectos qualitativos e sociais, sem considerar, também, especificidades e diversidades das várias áreas de conhecimento, ou seja, são atendidas exigências do mercado e a produção do conhecimento se torna apenas um produto de consumo (GRADELLA JÚNIOR, 2010).

Devido a essa cobrança exacerbada pela produção acadêmica, muitos docentes aderem “às demandas particularistas impostas em editais de financiamento à pesquisa, oferecendo serviços às empresas e a setores públicos” (MANCEBO, SILVA JÚNIOR e SCHUGURENSKY, 2016, p. 219). Essa situação é vista, de certo modo, como uma forma de tentar minimizar os impactos dos cortes nos orçamentos das instituições, que “tem forçado estas a uma adaptação subordinada ao mercado, às exigências da divisão do trabalho e à adoção de modos de organização e de gestão típicos do mundo econômico” (LIMA, 2015, p. 14). Neste mesmo sentido, Bernardo (2014) considera que esse modelo organizacional afeta não só as atividades de docência relacionadas ao ensino, mas também às de pesquisa, sendo os “clientes” tanto empresas quanto órgãos públicos. Desta forma, segundo Bernardo (2014), a partir do trabalho de Ibarra-Colado (2003), o pesquisador tem visto uma mudança em sua identidade, uma vez que tem sido separado da liberdade em realizar sua pesquisa, ou seja,

gradualmente tem perdido o controle do conteúdo e da organização do seu trabalho.

Uma crítica a esse modelo refere-se ao fato de um artigo ser publicado para incrementar o currículo do autor e não para ser lido e auxiliar no desenvolvimento social. Assim, tem-se uma grande quantidade de artigos superficiais, elaborados de forma rápida, com pequenas alterações de outros trabalhos. Há, também, uma distorção quanto ao elevado número de autores de um trabalho, sendo que, em muitos casos, houve pequena participação na produção do mesmo (BURIAN JÚNIOR, 2009 *apud* BERNARDO, 2014).

Todo esse contexto indica que as atuais políticas que envolvem a educação superior brasileira interferem de maneira ímpar na identidade do professor universitário, sendo esta uma estratégia proposta pela administração moderna com o objetivo de desconstruir qualquer possibilidade de organização coletiva (LACAZ, 2010; LINHART, 2011; BERNARDO, 2014). Por fim, a intensificação do trabalho docente tem gerado mudanças na identidade do trabalho e do próprio professor, especialmente no que se refere à adaptação ao produtivismo acadêmico, tão balizado a partir de ranqueamentos. Ainda, preocupa o fato de que “os professores universitários tendem a desenvolver uma auto-imagem enaltecida que os instiga ao produtivismo acadêmico e à busca por prestígio, com consequências prejudiciais à vida sociofamiliar, saúde e relações de trabalho” (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 604).

Diante do contexto da educação superior brasileira, em que os interesses do capital se sobressaem, é de suma importância verificar como está o processo saúde-doença do professor universitário, uma vez que tem absorvido os impactos decorrentes do atual e prejudicial processo de trabalho.

2.3 TRABALHO DOCENTE E PROCESSO SAÚDE-DOENÇA

Uma das características das universidades públicas é a de proporcionar um ambiente crítico, que permita reflexão e avanços na área cultural, científica e tecnológica, visando transformações da sociedade em um cenário justo e igualitário. Esses preceitos são, de igual forma, atrelados às funções do Estado.

Nesse contexto, o professor universitário possui uma grande importância, pois é o transmissor e mediador intercultural, ou seja, é um dos responsáveis pela produção e transmissão do conhecimento, conduzindo ao pensamento crítico e reflexivo, tão necessários à sociedade atual. O papel da universidade e, conseqüentemente, do docente, tem sido prejudicado diante do cenário vivenciado pelas universidades pois, embora públicas, as universidades possuem características de gestão e de financiamento distintos entre si, diferenciando, por exemplo, universidades vinculadas aos estados e ao governo federal. Ademais, as universidades públicas se sustentam, de maneira geral, pelo recurso repassado pelos governos estaduais ou federal, que tem como base a arrecadação de impostos. Assim, diante da crise econômica que o país vem passando, especialmente a partir dos anos de 2013 e 2014, as referidas instituições encontram-se em situação financeira delicada, podendo prejudicar todos os envolvidos neste processo, ou seja, trabalhadores e alunos.

Ao se pensar a carreira pública, seu ingresso ocorre, via de regra, por meio de concurso público e, no caso dos servidores docentes de uma universidade pública, quando contratados em regime de dedicação integral, espera-se que exerçam além das atividades relacionadas ao ensino, tarefas voltadas à pesquisa, à extensão e, ainda, à gestão.

Há uma cobrança por níveis cada vez mais altos de escolaridade e produção acadêmica visando à inserção nas universidades públicas, a qual é, indubitavelmente, desproporcional à qualidade das condições existentes no local de trabalho. Há, ainda, um alto padrão de exigência desses profissionais, ou seja, esperam-se competências e habilidades diversificadas. Entretanto, devido ao descompasso na realização das atividades de docência em ambientes desestruturados, encontra-se uma sobrecarga de trabalho entre os professores. Brum et al. (2012), a partir de pesquisa com professores do ensino básico, reafirmam que o processo de reestruturação produtiva leva a novas demandas, que geram transformações na organização social do trabalho docente.

Neste sentido envolvendo a flexibilização do trabalho docente, diversas situações interferem na vida desse profissional, o que pode levar a uma perda de identidade, a partir da transfiguração das atividades realizadas (MANCEBO e FRANCO, 2003). Desse modo, o ensino flexibilizado, basicamente pelo ensino à

distância e pelos cursos de curta duração, oferecidos rotineiramente por universidades privadas, demonstra que a educação superior é tida como uma mercadoria, devendo ser produzida em um processo rápido, baseado em critérios de eficiência e produtividade e, assim, a reflexão e a criticidade do trabalho docente, frequentes no espaço universitário, são subtraídos (MANCEBO e FRANCO, 2003).

Nesse contexto, estudos que abordam o trabalho de professores universitários apontam diversos aspectos negativos das condições em que o mesmo é realizado, tais como: ritmo intenso de trabalho, exigência de realização de multitarefas, sobrecargas laborativas, enfim, que podem trazer, certamente, riscos à saúde física e mental do trabalhador docente.

Há, portanto, necessidade de se investigar melhor o processo de trabalho docente em uma universidade e, mais ainda, as condições materiais em que esta atividade se desenvolve, haja vista ser de difícil mensuração, pela característica desse modo de trabalho, pois além de se deparar com uma série de normas e regras para seu exercício, constitui-se como um trabalho intelectual e, devido à sua imaterialidade, outras vertentes podem não ser vistas e consideradas (LIMA e LIMA-FILHO, 2009). Ainda, não se pode pensar em uma jornada de trabalho formal para os professores universitários, uma vez que são responsáveis pela realização de suas atividades e em prazos estabelecidos, o que pode demandar trabalho em período noturno, em feriados e em finais de semana, abrindo mão de momentos de descanso e de lazer. Trata-se, portanto, do que Lemos (2011) e Assunção e Oliveira (2009) descrevem como a intensificação do trabalho docente.

De acordo com Gradella Júnior (2010), “o trabalho predominantemente intelectual que caracteriza o docente universitário tem como produto as ideias, as teorias e se realiza na produção/reprodução dos conteúdos ideológicos” (p. 135) e, portanto, a saúde mental destes trabalhadores é uma condição essencial para o exercício pleno de sua função. Contudo, no cenário acadêmico atual, o docente é permanentemente avaliado por sua produção e pressionado por prazos definidos por terceiros, o que pode refletir negativamente no seu trabalho e na sua saúde.

Nesse contexto relacionado à produtividade, o docente pode não se enxergar naquilo que faz, gerando o processo de alienação. Dessa forma, a

intensificação do trabalho docente, bem como a precarização de suas relações, reflete em uma “perda” da autonomia científica de professores e universidades e, neste sentido, gera consequências negativas para o indivíduo, pois

(...) ele não escolhe seu objeto de pesquisa, mas o que lhe é imposto, no prazo externo dos editais, e o que produz decorre da demanda da economia. Estranha, pois, seu trabalho, a universidade e a si mesmo. Sofre e adocece como todos os demais trabalhadores. Seu trabalho imaterial deve produzir um conhecimento matéria-prima para ser comercializado o mais rapidamente possível; o conteúdo de seu trabalho lhe é retirado na comercialização (SILVA JÚNIOR e SCHUGURENSKY, 2016, p. 19).

O tempo na universidade “é marcado pela racionalidade econômica e provoca o estranhamento do professor pesquisador em relação ao seu trabalho, ao produto de seu trabalho e em relação a si mesmo” (SILVA JÚNIOR e LUCENA, 2014, p. 465). Ainda, essa situação é responsável por gerar adoecimento e sofrimento nesta classe de trabalhadores, tendo em vista que

A exposição por tempo longo ao estranhamento leva ao profundo sofrimento e em consequência ao adoecimento em diversas formas, com ênfase para as relacionadas à saúde mental. Nosso trabalho em vez de fruição torna-se o simulacro da fruição. Traz-nos um falso prazer exatamente como qualquer outro tipo de vício. De pronto nos traz um falso prazer e a médio e longo prazo nos cobra por meio do sofrimento e do adoecimento (SILVA JÚNIOR e LUCENA, 2014, p. 467).

Por conta desse produtivismo acadêmico, o docente acaba por se fechar e desenvolve suas atividades de maneira isolada e competitiva, fato este extremamente prejudicial à sua saúde, pois a coletividade garante proteção e resistência em relação à constante exploração e ameaça oriundas do contexto de trabalho. Assim, a individualização “se apoia sobre as formas de organização do trabalho em que as novas tecnologias quebram os coletivos e distanciam fisicamente, cada vez mais, os trabalhadores uns dos outros” (LINHART, 2000).

Ainda,

O individualismo é incitado pela regulação avaliativa punitiva, e às vezes, sutil, manipulatória da vaidade e instauradora de competitividade mórbida. As relações de trabalho tendem a se atrelar à racionalidade heterônoma, ao passo que as metas idealizadas se afastam do cotidiano concreto. Elas tendem a se configurar não somente como idealizadas e abstratas, mas como algo ao qual o indivíduo busca atender sem se

aperceber de que não poderá atingi-las a não ser lhe gerando fadiga, sofrimento, estresse e conflitos nas relações de trabalho (PIOLLI, SILVA e HELOANI, 2015, p. 605).

Além das atividades inerentes à do professor universitário, o docente passou a sentir não apenas a sobrecarga e complexidade de suas atividades acadêmicas, mas tem incorporado tarefas de caráter administrativo, gerando como resultados o cansaço e o adoecimento progressivo (MORAES CRUZ et al., 2010).

Borsoi (2012) colabora dizendo que a reestruturação vivenciada pelas universidades, do ponto de vista da saúde dos professores, não suscitou mudanças sustentáveis nas condições de trabalho. Essa reestruturação se baseia no conjunto de transformações que ocorrem, no mundo todo, desde a década de 1970, tendo desdobramentos amplos e diversos. Neste sentido, diversas pesquisas demonstram a precarização do trabalho do docente universitário, sustentando-se pela desvalorização da imagem do professor, além de salários defasados, grande exposição a diversos agentes de risco, ausência de recursos humanos e materiais, incremento do ritmo e intensificação do trabalho (BOSI, 2007; MANCEBO, 2007; ARAÚJO et al., 2005).

A partir daí, tem-se o que Esteve (1999) caracterizou por “mal-estar docente”, isto é, um problema vivenciado pelos professores, especialmente os do ensino básico, referindo-se ao que ocorre no ambiente profissional – violência em sala de aula, esgotamento físico e mental, ausência de condições de trabalho e de recursos.

Gradella Júnior (2010) destaca como importante fator de desgaste no trabalho do docente universitário a situação de permanente e tendenciosa avaliação a que são submetidos.

Ao ser avaliado em qualquer situação de trabalho (ensino, pesquisa e extensão), pela instituição ou por órgãos de fomento e financiamento, a produtividade é definida quantitativamente, independentemente da área de conhecimento e das condições de trabalho do sujeito, contribuindo para que esse trabalhador seja instado a competir no mesmo nível da área de conhecimento daqueles que se encontram em condições de trabalho bem mais adequadas, seja em termos das condições materiais, bem como pela história do curso / instituto / universidade. Essa forma de solicitação de produtividade contribui em muito para o maior aparecimento de distúrbios de ordem psíquica (GRADELLA JÚNIOR, 2010, p. 138).

Pode-se acrescentar a esse quadro a avaliação de alunos, o que ocorre de forma permanente, ainda que esta nem sempre seja formalizada na instituição, atribuindo-lhes o lugar de “cliente” na relação com o professor

Ainda que haja inúmeras pesquisas acerca do trabalho docente, é preciso que o assunto seja amplamente estudado, pois, segundo Servilha e Arbach (2011), estes profissionais são considerados a elite da educação e, por conseguinte, imagina-se que as condições ambientais e organizacionais de trabalho sejam adequadamente diferenciadas. Os estudos existentes reforçam as cargas e desgastes vivenciados por esse grupo de trabalhadores, os quais revelam que a sobrecarga e complexidade deste trabalho levam ao cansaço e ao adoecimento progressivo (RODRIGUES e SOUZA, 2018).

Fontana e Pinheiro (2010) apresentam situações envolvendo a nova organização do trabalho docente, ou seja, cobranças, metas de produtividade, precarização do ensino, ausência de autonomia etc. Estes aspectos funcionam como estressores e geradores de doenças relacionadas ao trabalho. Para Lacaz (2010), esta nova organização do trabalho envolvendo professores universitários tem reflexos na saúde destes trabalhadores, particularmente na esfera psicoafetiva. Ainda, a crescente busca por produção científica, além das diversas tarefas cotidianas do professor universitário (ensino, planejamento, avaliação e atividades administrativas), tem gerado sobrecarga de trabalho (BOSI, 2007; RIBEIRO e CRUZ, 2011).

Entretanto, observa-se, segundo Borsoi (2012), que os professores assumiram para si as regras externas de produtividade, chegando ao ponto de buscarem um incremento de sua produção por uma necessidade que sentem como própria, no sentido de cumprir com as obrigações da universidade e, ainda, de manter a competitividade entre seus pares, ou seja, mesmo com a pressão existente para se produzir, “agem como se essa forma de coerção fizesse parte da natureza de seu trabalho e da expectativa normativa da instituição universitária” (BORSOI, 2012, p. 90). Assim, trabalham de acordo com as práticas de avaliação, repercutindo, portanto, sobre a estabilidade emocional e sobre a saúde.

Diante disso, Borsoi (2007) argumenta que o trabalho do professor universitário é gerador de adoecimento, o que pode limitar e até mesmo impedir

que um trabalhador desenvolva sua atividade, haja vista sua sobrecarga cada vez maior, por conta do constante acúmulo de atividades e responsabilidades, estendendo, inúmeras vezes, durante os três turnos do dia. Deste modo, “(...) os processos de trabalho atualmente em curso em instituições universitárias públicas brasileiras interferem na saúde de professores(as)” (LIMA e LIMA-FILHO, 2009, p. 62).

Neste sentido, Abreu, Coelho e Ribeiro (2016) apontam que as pesquisas envolvendo professores universitários apresentam a mudança, na maioria das vezes negativa, do efeito do trabalho sobre a saúde dessa classe de trabalhadores. Esses autores, a partir dos trabalhos de Lemos (2005) e Suda et al. (2011), citam, ainda, que é possível identificar uma diversidade de agravos decorrentes do trabalho, destacando-se o desgaste psíquico e psicológico. Algumas pesquisas demonstram a associação da precarização do trabalho destes profissionais com problemas de saúde oriundos do constante uso da voz, postura corporal e, ainda, exposição às cargas psíquicas.

Em pesquisa qualitativa realizada em uma universidade do Rio Grande do Sul, com o objetivo de verificar a condição de saúde auto referida de professores universitários e a relação com seu trabalho, a maioria dos participantes relatou sofrimento psíquico, prevalecendo a ansiedade (63,6%) e a depressão (18,1%), que foram atribuídas à sobrecarga de trabalho, diversos compromissos acadêmicos, carga horária e pressão dos gestores. Ainda, 23% queixaram-se de estresse e 14,2% de irritabilidade devido à sua ocupação. Por fim, 26,4% apresentaram dificuldade na emissão da voz, por conta do uso constante e em condições ambientais inadequadas em que há concorrência com ruídos internos e externos, decorrentes de sua atividade laboral (FONTANA e PINHEIRO, 2010).

Em outro estudo, realizado em universidade pública da Bahia com a participação de 314 professores, a maioria referiu deficiências de infraestrutura no ambiente de trabalho. Entre as cargas de trabalho, foram apontados na seguinte conformidade: física – falta de ventilação nas salas de aula (69,1%), calor (53,1%) e ruído (44,4%); química – exposição ao pó de giz (77,9%), poeira (42,2%) e exposição a produtos químicos (32,8%); biológicas – exposição a microrganismos (45,6%); mecânicas – carregar material (76,5%); ergonômica – permanecer em pé (82,1%), escrever no quadro (79,4%) e posição inadequada do corpo (59,3%).

Com relação à saúde mental, as queixas mais frequentes foram cansaço mental (44%), esquecimento (20,3%), nervosismo (18,5%) e insônia (14,1%) (ARAÚJO et al., 2005).

Ademais, pesquisa envolvendo professores universitários da região centro-oeste, no Estado do Mato Grosso do Sul, apontou que “os problemas associados à saúde física, à saúde mental e às doenças relacionadas ao trabalho, respectivamente, mais citados pelos entrevistados, estão associados à sobrecarga ocupacional” (LIMA e LIMA-FILHO, 2009, p. 71). Neste estudo, 55,9% dos participantes relataram queixa relacionada à saúde física (dor nas costas, pernas, braços etc.). No que se refere à queixa relacionada à saúde mental, a porcentagem foi de 55,1%, variando de quadros de cansaço mental, estresse, ansiedade, esquecimento, frustração, nervosismo, angústia, insônia e depressão.

Molina et al. (2017) realizaram estudo com professores de uma universidade do Estado do Paraná, na região sul do país, na qual 93,54% dos participantes afirmaram continuar alguma tarefa profissional, mesmo após o horário de trabalho, em casa. Ainda, 96,77% dos docentes demonstraram preocupação com suas atividades laborais quando não estão na universidade. No que diz respeito à saúde do corpo docente, houve relatos de dores nas costas (72,58%), dores de cabeça (75,80%), ansiedade ou irritabilidade (75,80%), desânimo ou fadiga geral (58,06%).

É importante ressaltar que as diferenças nos dados apresentados nas pesquisas citadas acima decorrem das distintas bases teóricas e metodológicas utilizadas em cada uma delas. Contudo, há em comum o fato de encontrarem altas taxas de queixas de sofrimento e adoecimento relacionados ao trabalho.

Desse modo, existe a possibilidade de que o trabalho intelectual ocasione diversos tipos de sofrimento psíquico, partindo, preliminarmente, do caminho percorrido por um indivíduo até ingressar na carreira docente, passando pela graduação e, posteriormente, pela pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado). Tal fato se agrava a partir do momento em que o professor universitário se insere “na relação enquanto trabalhador assalariado e submetido à organização do trabalho no modo de produção capitalista” (GRADELLA JÚNIOR, 2010, p. 143).

Freitas (2007) pondera que a universidade é, atualmente, um local de risco à saúde, especialmente pela incidência de doenças de caráter psicossomáticas entre o corpo docente. Ainda, são constatados, entre os professores, gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional (*burnout*). O excesso de cobranças, competição, compressão do tempo, entre outros aspectos, resultam em uma fadiga institucional, tendo a carreira docente como uma das mais estressantes do mercado de trabalho.

Dessa forma, como um meio de combater esse sofrimento psíquico, os docentes, sejam eles de universidades ou não, podem criar estratégias de defesa, tais como excessiva submissão, resistência às mudanças, pouco envolvimento com o trabalho, psicossomatização e, também, perda de percepção e consciência dos diversos problemas existentes no dia a dia (OLIVEIRA, 2006).

Vale ressaltar, também, que mesmo em constantes situações de tensão, vivenciadas pelos docentes e, ainda, de sobrecarga de trabalho, que geram desconforto, mal-estar e adoecimento, a universidade continua sendo um espaço vivo, e o trabalho, um estímulo à vida (LOPES, 2006; SILVÉRIO et al., 2010; SERVILHA e ARBACH, 2011).

Há, portanto, um paradoxo neste contexto, pois “o trabalho docente constitui-se num lugar contraditório que suscita, a um só tempo, sobretrabalho e prazer (...), mas também espaço para invenções, pensamento e crítica” (MANCEBO, 2007, p. 79).

CAPÍTULO 3. PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso qualitativo e está ancorada teoricamente nos pressupostos da Medicina Social Latino Americana, especialmente no que diz respeito às categorias de carga e desgaste decorrentes da atividade laboral pois, para se compreender a relação saúde-trabalho, é preciso levar em conta o contexto sócio-histórico que a determina.

O estudo de caso é “um meio de organizar dados sociais, preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE e HATT, 1979, p. 422). Nessa mesma linha, Minayo (2014) acrescenta que “os estudos de caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão” (p. 164).

Assim, o processo de investigação da subjetividade humana exige a apreensão dos processos internos do indivíduo, na medida em que os exterioriza, com foco naquilo que geralmente não é visto, partindo do processo de linguagem, apresentando as experiências, motivos e valores no trabalho, uma vez que o homem se encontra em constante processo de transformação (AGUIAR, 2001).

Desta forma, a pesquisa qualitativa busca os aspectos da realidade, os quais não podem ser quantificados e, portanto, centra-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Assim, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um sentido mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser sintetizados à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Nessa perspectiva, a pesquisa foi realizada com professores universitários das unidades do câmpus de Botucatu da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp), interior do Estado de São Paulo, que compreendem a Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Faculdade de Medicina (FM) e Instituto de Biociências (IB).

Para a realização da pesquisa, foi solicitada autorização às direções das unidades universitárias para fornecimento das informações e abertura do campo para contato com os possíveis participantes e permissão de uso do espaço

institucional para realização das entrevistas, o que foi prontamente atendido (Anexo I).

Os participantes são docentes do quadro permanente da Universidade, em regime de dedicação integral ao ensino e à pesquisa, em diferentes momentos de inserção na instituição. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, por sorteio, a partir dos dados informados pela direção de cada unidade, a saber: nome do docente, departamento de ensino ao qual está vinculado, cargo/função, tipo de vínculo empregatício, regime de trabalho, data de nascimento e de ingresso na Universidade e, também, recebimento de abono de permanência¹.

Algumas informações também foram obtidas acessando o currículo dos professores, disponível para consulta pública na Plataforma Lattes do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), especificamente ao que se refere à inserção em Programas de Pós-Graduação, exercício de função administrativa e, por fim, desenvolvimento de atividades profissionais anteriores ao ingresso na Universidade.

Para os momentos de inserção, foram consideradas três situações distintas, com o objetivo de avaliar possíveis diferenças na relação com o trabalho docente conforme o período da carreira, ou seja: os contratados recentemente, referindo-se até seis anos de contrato de trabalho (G1); entre seis e vinte anos de trabalho na instituição (G2) e, por fim, acima de vinte anos e próximos à aposentadoria (G3), seja ela compulsória ou não, o que foi verificado pelo tempo de trabalho/idade/recebimento de abono permanência. É importante ressaltar que para a definição do primeiro grupo (G1) em professores com até seis anos de trabalho, adotou-se esse tempo em virtude do período de estágio probatório para os servidores públicos, que é de três anos e, assim, caso algum professor tenha tido seu estágio probatório prorrogado, o que seria estendido por mais três anos, englobaria o período estipulado para o referido grupo, ou seja, de seis anos.

Foram excluídos da pesquisa os professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, pois o pesquisador poderia ter tido algum tipo de

¹ Abono de permanência refere-se ao reembolso da contribuição previdenciária ao servidor público, em regime estatutário, que possui condição de aposentar-se, mas que continua em exercício. Caracteriza-se, assim, por um benefício ao servidor que tenha completado os requisitos para aposentadoria voluntária, exceto por idade, e que opte por permanecer em atividade, fazendo jus a um “abono de permanência” equivalente ao valor da sua contribuição previdenciária (BRASIL, 1988).

contato com estes durante a realização das disciplinas. No caso de recusa em participar da entrevista, por parte do docente, foi considerado o próximo professor da lista, dentro do grupo analisado, o que ocorreu com apenas dois professores, que preferiram não participar devido às atividades de trabalho e, inclusive, com viagens para participação em eventos no exterior.

Desta forma, após a obtenção das informações solicitadas às direções, foi sorteado um participante de cada grupo em cada uma das unidades universitárias, totalizando, portando, 12 entrevistados.

Para a coleta de dados, foi utilizada entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro previamente elaborado pelo pesquisador (Apêndice I), com especial atenção à elaboração de perguntas fundamentais para o tema investigado (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 2003).

Deste modo, por ter um apoio no roteiro, a entrevista semiestruturada “facilita a abordagem e assegura (...) que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa” (MINAYO, 2014, p. 267).

Esse modelo de entrevista caracteriza-se por questionamentos básicos que são embasados na temática da pesquisa, sendo que esses questionamentos permitem, ainda, o surgimento de novas perspectivas a partir das respostas dos entrevistados.

Segundo Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada favorece o surgimento de informações de uma maneira mais livre, sendo que as respostas não ficam condicionadas a uma padronização de alternativas.

Preliminarmente, foram realizadas duas entrevistas teste, com transcrição dos áudios, para verificação e análise do roteiro, a partir do que foram feitas pequenas alterações visando obter informações com maior riqueza de conteúdo, para alcançar o objetivo deste estudo.

Para agendamento de entrevistas com os possíveis participantes, conforme o sorteio, foi feito contato telefônico, apresentando-se em linhas gerais a finalidade das mesmas. Após essa apresentação geral, tendo o docente aceitado participar da pesquisa, a entrevista foi agendada conforme a conveniência do entrevistado. Vale ressaltar que uma professora não pôde realizar a entrevista na data agendada inicialmente, pois ao chegar ao local de trabalho, a alta demanda

de atividades não permitiu e, portanto, foi agendada para outro dia na semana seguinte.

As entrevistas foram realizadas pelo próprio pesquisador, exceto na FMVZ, por ser o pesquisador funcionário desta unidade. Nestes casos, as entrevistas foram feitas por funcionário da Unidade de Pesquisa em Saúde Coletiva (UPESC), devidamente treinado para a atividade.

No momento da entrevista, foi explicado inicialmente aos participantes o objetivo da pesquisa, ressaltando a não obrigatoriedade em participar, reforçando o sigilo de toda e qualquer informação obtida, solicitando o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (modelo no Apêndice II), ficando uma cópia para o pesquisador e uma para o entrevistado.

As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante, entre os meses de março a agosto de 2018, no próprio local de trabalho, com duração média de 35 minutos, sendo gravadas e, na sequência, transcritas, pelo próprio pesquisador para, então, ser feita a análise dos dados. Após a transcrição, os áudios das entrevistas foram apagados. Apenas um participante não permitiu a gravação e, neste caso, foram feitas anotações ao longo do desenvolvimento da entrevista, por um observador². É importante frisar que não havia contato anterior entre os participantes e o entrevistador e, também, que os entrevistados estavam todos, de modo geral, satisfeitos e empolgados em poder participar da pesquisa, especialmente pelo fato de ser um espaço livre para exposição de seus sentimentos, angústias e anseios e, ainda, por ser o público alvo da mesma, ou seja, os “pesquisadores”, naquele momento, estavam sendo pesquisados.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1979), pode ser caracterizada como

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Para tanto, a análise se deu a partir da organização em temas encontrados no conteúdo das entrevistas. Neste sentido, “fazer uma análise temática consiste

² Entrevista conduzida pelo pesquisador e pelo professor orientador da pesquisa.

em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação (...)” (MINAYO, 2014, p. 316). Para tanto, a referida análise foi realizada em três fases ou etapas, ou seja, pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise refere-se ao contato direto e intenso com o material de campo, ou seja, no caso deste estudo a leitura da transcrição das entrevistas, “elaborando alguns indicadores que orientem na compreensão do material e na interpretação final” (MINAYO, 2014, p. 316).

A segunda etapa, exploração do material, compreende encontrar categorias, isto é, “expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado” (MINAYO, 2014, p. 317). A partir de então, buscou-se significados a partir das falas dos participantes, criando pré-categorias.

Por fim, na última fase – tratamento dos resultados, a partir de inferências e interpretações, foram classificados os elementos temáticos em categorias, com base no foco deste trabalho.

Este tratamento resultou na classificação dos conteúdos em sete núcleos temáticos: “Atividades do trabalho docente”, “Cargas decorrentes do trabalho docente”, “Desgastes decorrentes do trabalho docente”, “Contexto institucional”, “Mecanismos de proteção”, “Satisfações” e “Posturas no trabalho”. A partir desta classificação foi realizada releitura dos conteúdos das entrevistas. Finalizando-se, obteve-se como resultado três núcleos de significação: *O trabalho real: “tem que dar conta”, A impossibilidade de desconexão com o trabalho e Incertezas quanto ao futuro.*

A pesquisa foi devidamente aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Botucatu, conforme Pareceres nº 2.257.799 e 2.725.645 (Anexo II).

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Unesp – foi criada em 1976³, a partir da incorporação de diferentes unidades universitárias espalhadas pelo interior do Estado, os chamados Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Araraquara; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto; Faculdade de Farmácia e Odontologia de Araraquara; Faculdade de Odontologia de Araçatuba; Faculdade de Odontologia de São José dos Campos; Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu; Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá; Faculdade de Medicina Veterinária e Agronomia de Jaboticabal (UNESP, s/d; SÃO PAULO, 1976).

A partir de então, foi criada uma faculdade de engenharia, na cidade de Ilha Solteira⁴, onde instalou-se, provisoriamente, a sede da Universidade. Seu estatuto foi aprovado no ano de 1977, época em que era constituída por 14 câmpus, sendo a sede da Reitoria na cidade de São Paulo, enquanto não houvesse condições necessárias na cidade de Ilha Solteira.

Na sequência, entre as décadas de 1980 e 1990, houve incorporação de novas unidades, como a de Bauru, o IMESPP – Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente, além do IFT – Instituto de Física Teórica, na cidade de São Paulo (UNESP, s/d).

De acordo com informações da própria Universidade, em sua página na internet, durante os anos de 1990, houve um aumento na atuação da Unesp, especialmente por conta do incremento do número de vagas. Entretanto, em 2003 ocorreu uma expansão significativa da Universidade, como uma resposta às

³ Pela Lei Estadual nº 952, de 30 de janeiro de 1976, o governador Paulo Egydio Martins criou a Unesp, como autarquia vinculada ao governo do Estado (SÃO PAULO, 1976).

⁴ À época, Ilha Solteira era um distrito do município de Pereira Barreto. Havia ali instalações da Centrais Elétricas de São Paulo S.A – CESP, com a qual foi celebrado convênio para transferência das instalações com a finalidade de instalação da Faculdade de Engenharia e sede da UNESP.

inúmeras solicitações e em consonância com a política do governo. Neste período, foram criadas oito Unidades Diferenciadas que, a partir de 2006, passaram a denominar-se Câmpus Experimentais, nas cidades de Dracena, Itapeva, Ourinhos, Registro, Rosana, São Vicente, Sorocaba e Tupã (UNESP, s/d).

Ainda nessa política de expansão, em 2012, foram criados mais onze cursos de graduação, na área de engenharias, com início paulatino ao longo dos anos de 2013, 2014 e 2015, com um custo previsto na ordem de R\$ 38,5 milhões de reais, oriundos da autarquização do Hospital das Clínicas de Botucatu, que passou a responsabilidade da Universidade, por meio da Faculdade de Medicina, para a Secretaria de Estado de Saúde (UNESP, s/d).

As universidades públicas do Estado de São Paulo são mantidas com o repasse do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), correspondente à 9,57% da cota parte do Estado. A Unesp recebe o percentual de 2,3447%, enquanto que as demais – Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – recebem, respectivamente, 5,0295% e 2,1958% (MARIA, 2000).

Atualmente, a Universidade encontra-se presente em 24 cidades do Estado de São Paulo e possui 34 unidades universitárias, sendo 32 no interior, uma na capital e uma no litoral do Estado. São oferecidas 183 opções de ingresso, nos 136 cursos de graduação, nas áreas de humanas, exatas e biológicas, sendo 52% dos alunos ingressantes, oriundos de escola pública. No ensino de pós-graduação, são 150 Programas, distribuídos nos cursos de Mestrado, Doutorado e Mestrado Profissionalizante (UNESP, 2018).

A Unesp possuía, no ano de 2017, 51.995 alunos, sendo 37.997 nos cursos de graduação e 13.998 nos Programas de Pós-Graduação. No mesmo ano, foram formados 5.353 alunos de graduação e houve 3.312 defesas de dissertações e teses. Com relação ao número de servidores, havia 3.389 docentes e 5.986 técnicos e administrativos (UNESP, 2018).

As unidades universitárias participantes do presente estudo encontram-se no câmpus de Botucatu e, como citado anteriormente, compreendem a Faculdade de Ciências Agrônômicas, Faculdade de Medicina, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e Instituto de Biociências, portanto, o câmpus restringe-se

às grandes áreas de conhecimento de Ciências Biológicas, da Saúde e Agrárias, conforme classificação da CAPES⁵.

A FCA situa-se na Fazenda Lageado e oferece três cursos de graduação – Engenharia Agrônômica, Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia e Engenharia Florestal, seis Programas de Pós-Graduação, com cursos de Mestrado e Doutorado, além de um Programa de Residência na área de ciências agrárias, e conta com oito Departamentos de Ensino para o desenvolvimento de suas atividades, além de três fazendas – a Lageado, Edgárdia e São Manuel (FCA, s/d).

No câmpus da Unesp, em Rubião Júnior, distrito da cidade de Botucatu, localizam-se as outras três unidades.

A FM oferece ensino de graduação nos cursos de Medicina e de Enfermagem. Na pós-graduação, conta com 13 Programas distribuídos nos cursos de Mestrado, Mestrado Profissional e Doutorado. Ainda, oferece Programas de Residência Médica, Multiprofissional e de Aprimoramento Profissional. Possui, também, como unidade auxiliar o Centro de Saúde Escola, com duas unidades básicas de saúde integrantes do Sistema Único de Saúde a partir de convênio com a Prefeitura do Município de Botucatu, cenário de práticas para a formação de seus alunos e de outras unidades e instituições. Para o desenvolvimento de todas suas atividades, conta com 13 Departamentos de Ensino (FM, s/d).

A FMVZ possui atuação nas áreas de Medicina Veterinária e de Zootecnia/Recursos Pesqueiros e desenvolve atividades também nas Fazendas Lageado, Edgárdia e São Manuel. Possui seis Departamentos de Ensino que auxiliam na execução de suas atividades, dois cursos de graduação, o de Medicina Veterinária e o de Zootecnia. Na pós-graduação, conta com quatro Programas, além de Programas de Residência Multiprofissional e de Aprimoramento Profissional. Há, ainda, um hospital veterinário escola que, juntamente com toda sua estrutura, auxilia a FMVZ no desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão (FMVZ, s/d).

⁵ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* do país.

O IB oferece quatro cursos de graduação – Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Nutrição e Física Médica. No ensino de pós-graduação, há sete Programas, com cursos de Mestrado e Doutorado. O IB dispõe de uma estrutura que conta com 13 Departamentos de Ensino, que dão suporte para os cursos de graduação da Unesp Botucatu, pois é responsável, em grande parte, pela área básica dos demais cursos oferecidos (IB, s/d).

Na Universidade, existem dois segmentos de servidores – os docentes e os técnicos e administrativos, estes últimos realizam atividades administrativas e técnicas que subsidiam a atuação do professor nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão universitária.

O ingresso nos dois segmentos ocorre via concurso público e existem servidores estatutários e empregados públicos contratados sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Os primeiros são caracterizados por autárquicos, quando se refere a técnicos e administrativos e por efetivos, referindo-se aos docentes. Sob contrato CLT, há servidores docentes e técnicos e administrativos.

Os servidores estatutários do segmento técnico e administrativo são regidos pelo ESUNESP – Estatuto dos Servidores Técnicos e Administrativos da Unesp (UNESP, 1981), ao passo que a categoria docente é regida pelo EDUNESP – Estatuto dos Servidores Docentes do Ensino Superior e dos Pesquisadores da Unesp (UNESP, 1995).

Para o segmento docente existem os cargos de Professor Assistente e de Professor Titular. Os professores que possuem o título de Doutor e de Livre-Docência passam a exercer as funções de Professor Assistente Doutor e Professor Associado, respectivamente (UNESP, 1989; 2018).

Para o concurso de ingresso ao cargo de Professor Assistente, exige-se, no mínimo, o título de Mestre. O candidato ao referido cargo, deve apresentar memorial circunstanciado e comprovar as atividades realizadas, os quais permitam uma avaliação de seus méritos. Neste concurso, faz-se necessária a realização de três provas, sendo a primeira, uma prova de títulos; a segunda, uma prova didática sobre determinado assunto envolvendo a disciplina ou o conjunto de disciplinas objeto do concurso e, por fim, uma outra prova, cuja modalidade será proposta pelo Conselho do Departamento e aprovada pelas instâncias

superiores, podendo ser uma prova prática, apresentação de um projeto de pesquisa etc. (UNESP, 1989).

Para o cargo de Professor Titular, segundo o artigo 86 do Estatuto da Unesp:

O cargo de Professor Titular será provido mediante concurso público de títulos e provas.

§ 1º - Para inscrição no concurso de que trata este artigo, será exigido, no mínimo, título de Livre-Docente obtido na Unesp, USP - Universidade de São Paulo, Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, ou pela Unesp declarado equivalente.

§ 2º - Especialista de reconhecido valor, não portador de títulos acadêmicos, poderá ser admitido para concurso de Professor Titular, a juízo de dois terços dos membros da Congregação, e mediante manifestação favorável do CEPE⁶, homologada pelo CO⁷ também por dois terços da totalidade de seus membros em exercício (UNESP, 1989).

O concurso para provimento do cargo de Professor Titular constará de julgamento do memorial referente à produção científica, tecnológica, literária, filosófica ou artística, bem como às atividades didáticas, de formação e orientação acadêmica e profissionais vinculadas à disciplina ou conjunto de disciplinas objeto do concurso. Ainda, será necessário realizar prova didática e de arguição, referente avaliação geral da qualificação do candidato (UNESP, 1989).

Os regimes de trabalho do corpo docente são três – RTP (Regime de Tempo Parcial – referente a 12 horas de trabalho semanal), RTC (Regime de Turno Completo – referente a 24 horas de trabalho semanal) e RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa – referente a 40 horas de trabalho semanal e exclusivo) (UNESP, 1999), os quais apresentam variações salariais distintas, de acordo com a jornada de trabalho semanal.

A Unesp, preocupada com a qualidade do ensino, vem desenvolvendo, sistematicamente, ações de apoio pedagógico aos seus docentes. Em 2008, foi criado o Núcleo de Estudos e Práticas Pedagógicas (NEPP) a partir do Programa de Oficinas e Estudos e Práticas Pedagógicas, iniciado por uma demanda de professores de toda a Universidade. Com o passar do tempo, as atribuições do Núcleo foram tomando volume e adquirindo maior complexidade e, em 2012, o então NEPP foi transformado em um Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas

⁶ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária – Órgão Colegiado da Administração Central.

⁷ Conselho Universitário – Órgão Colegiado da Administração Central.

(CENEPP), após aprovação do Conselho Universitário, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD, com sede executiva no câmpus de Bauru. Recentemente, em 2018, sua estrutura foi transformada em Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógicas – IEP³ (Profa. Adriana Chaves)”, agora vinculado à Vice-Reitoria da Universidade (UNESP, 2012; 2016; 2018).

Sua atuação ocorre na área da Pedagogia Universitária e tem como finalidade desenvolver atividades de formação pedagógica contínua junto aos professores da Universidade e realizar pesquisa nessa área (UNESP, 2016). Paralelamente ao desenvolvimento de suas atividades, foram criados Polos e Comissões Locais para auxiliar os cursos de graduação e, assim, o corpo docente. Dessa forma, o câmpus de Botucatu está inserido no Polo 8, que compreende as quatros unidades universitárias, ou seja, FCA, FM, FMVZ e IB (CENEPP, 2015).

CAPÍTULO 4. O TRABALHO REAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO: DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS

O presente capítulo abordará os resultados e a discussão da pesquisa. Para tanto, primeiramente, serão apresentados alguns dados sobre os participantes, com o propósito de contextualizá-los diante do estudo e, na sequência, a análise das entrevistas e a referida discussão.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O universo de docentes da universidade no câmpus estudado é apresentado no quadro a seguir, distribuídos por unidade universitária e pela categorização por tempo de serviço (G1: contratados nos últimos seis anos; G2: contratados entre seis e vinte anos; G3: contratados há mais de 20 anos e próximos à aposentadoria).

Quadro 1. Panorama das unidades universitárias em relação ao número de docentes, em outubro de 2017

Unidade Universitária	Quantidade de docentes por categoria de tempo de trabalho			Total
	G1	G2	G3	
FCA	24	14	50	88
FM	28	69	72	169
FMVZ	8	21	35	64
IB	27	53	67	147
Total	87	157	224	468

Fonte: RH das Unidades FCA, FM, FMVZ e IB

Deste universo, doze docentes participaram da presente pesquisa. Estes estão distribuídos entre 34 e 63 anos de idade e 4 e 31 anos de trabalho na universidade. Apenas três deles não desenvolveram nenhuma atividade de trabalho antes de seu ingresso na instituição atual, enquanto que dentre os

demais, seis desempenhavam atividades de docência antes do ingresso na Unesp.

Em relação aos grupos, chama a atenção que apenas uma professora do G3 exerce a função de Professora Assistente Doutora, ou seja, não realizou concurso para obtenção do título de livre-docência, com o que passaria à função de Professor Associado, ou para o cargo de Professor Titular. Neste mesmo grupo, uma Professora é Associada e os outros dois, Professores Titulares. Este fato parece estar associado à vinculação desta docente a atividades assistenciais, ou seja, houve um direcionamento para a atuação no hospital escola, o que prejudicou, de certa forma, as atividades de pesquisa, as quais são fortemente avaliadas no processo de progressão da carreira docente. Ressalta-se, também, que apenas uma professora de todos os entrevistados não possui vínculo com Programas de Pós-Graduação, sendo esta também da Faculdade de Medicina e, pelo mesmo motivo da anterior, há um direcionamento para as atividades assistenciais, o que reflete, portanto, na dimensão relacionada à pesquisa.

Por fim, um resumo das informações dos participantes da pesquisa é apresentado no quadro a seguir.

Quadro 2. Caracterização dos entrevistados

Participante (*)	Unidade	Grupo	Tempo de Trabalho na IES	Cargo / Função	Inserção PG	Idade	Estado Civil	Filhos	Atividade Anterior
Roberta	FCA	G1	4 anos	Prof Assistente Doutora	Sim	43	Solteira	0	16 anos docência
André	FCA	G2	7 anos	Prof Associado	Sim	53	Casado	2	21 anos não docência
Cris	FCA	G3	26 anos	Prof Associada	Sim	63	Casada	1	7 anos docência
Lúcia	FM	G1	5 anos	Prof Assistente Doutora	Não	38	Solteira	0	4 anos não docência
Agatha Christie	FM	G2	18 anos	Prof Associada	Sim	56	Solteira	0	16 anos não docência
Alice	FM	G3	28 anos	Prof Assistente Doutora	Sim	56	Casada	4	Sem atividade anterior
Rogério	FMVZ	G1	6 anos	Prof Assistente Doutor	Sim	44	Casado	2	3 anos docência
Maria	FMVZ	G2	14 anos	Prof Associada	Sim	50	Solteira	0	9 anos docência
José	FMVZ	G3	31 anos	Prof Titular	Sim	58	Casado	2	Sem atividade anterior
Isis	IB	G1	5 anos	Prof Assistente Doutora	Sim	34	Solteira	0	4 anos docência
Bob-Luke	IB	G2	8 anos	Prof Assistente Doutora	Sim	48	Casada	2	2 anos docência
Ruth	IB	G3	30 anos	Prof Titular	Sim	55	Casada	0	Sem atividade anterior

* Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos por cada participante no momento da entrevista.

4.2 O COTIDIANO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

A análise das entrevistas revelou diversos aspectos relacionados à atividade docente dos participantes desta investigação e foi organizada em três núcleos de significação que configuram o objeto desta pesquisa, a saber:

- **O trabalho real: “tem que dar conta”**, referindo-se à grande quantidade de atividades realizadas por essa classe de trabalhadores, que englobam as dimensões de ensino, pesquisa, extensão e gestão;
- **A impossibilidade de desconexão com o trabalho**, no qual destaca-se uma característica do trabalho docente que é a dificuldade em se desconectar de sua atividade, seja pela cobrança e pressão em produzir cada vez mais, seja pela sua característica de trabalho intelectual, o qual não se limita a um lugar ou horário pré-estabelecido;
- **Incertezas quanto ao futuro**, pois toda a atividade realizada pelos professores universitários participantes vem ocorrendo em um cenário e contexto de dificuldades e incertezas, o que pode gerar sérios desgastes a essa classe de trabalhadores.

4.2.1 O trabalho real: “tem que dar conta”

A partir do desenvolvimento de todas as atividades de professor universitário, o sentimento de “tem que dar conta” apareceu de maneira muito forte entre os entrevistados. Traduzem eles, desta forma, o seu trabalho real⁸!

O trabalho prescrito para o docente dentro de uma universidade pública caracteriza-se pela realização de atividades referentes a todas as dimensões deste tipo de instituição, isto é, ao tripé ensino, pesquisa e extensão universitária e, também, de gestão ou de atividades administrativas. No desenvolvimento deste núcleo será apresentado como ocorrem essas atividades no cotidiano dos participantes, a partir destas finalidades da universidade, as quais são incorporadas pelo corpo docente como sendo inerentes ao seu trabalho, ou seja, assumem essa característica da instituição como sendo de sua responsabilidade individual.

⁸ Segundo a ergonomia, 'trabalho prescrito', caracterizado como 'tarefa', refere-se ao que é esperado no âmbito de um processo de trabalho específico e está vinculado às regras, normas e objetivos fixados pela organização do trabalho. O 'trabalho real' conjuga a diversidade de ações desenvolvidas pelo(s) trabalhador(es) para realizar o trabalho prescrito, o que requer ajustes permanentes para que se obtenha os resultados esperados nas melhores condições possíveis. Existe uma defasagem entre o trabalho 'prescrito' e o 'real' devido as situações reais de trabalho serem dinâmicas, instáveis e submetidas a imprevistos, com diferenças de cenários (PEREIRA e LIMA, 2009).

a) Ensino

Com relação à dimensão ensino, são apresentadas as atividades relacionadas tanto à graduação quanto à pós-graduação, *stricto* e *lato sensu*.

(...) eu tenho duas disciplinas na graduação, uma disciplina obrigatória [...] e uma outra disciplina, que é optativa. E na pós-graduação, eu também tenho duas disciplinas (...). (André_G2_FCA)

(...) eu dou aula em uma disciplina, que é uma disciplina obrigatória (...) e dou aula, optativa, em mais duas disciplinas... E tenho duas disciplinas na pós-graduação. (Cris_G3_FCA)

(...) ensino, o ensino tanto da graduação, quanto da pós-graduação. Na graduação, eu sou docente, a gente tem um conjunto de disciplinas [...]. Então, a gente tem uma disciplina no segundo ano, uma no terceiro e uma no quarto ano... também supervisionamos o estágio, né? [...] no ensino da pós-graduação, eu tenho, eu estou nos dois Programas, então, [...] eu dou três disciplinas, [...] para os dois Programas, o mestrado profissional e o acadêmico. (Agatha Christie_G2_FM)

A gente participa do curso de graduação [...], que é dado para o 4º ano de medicina, são três turmas de trinta alunos [...] e a gente tem, também, o internato opcional no 5º ano (...). (Alice_G3_FM)

(...) aulas na graduação, aulas na pós-graduação, [...] a gente tem bastante aula, [...], muitos alunos de pós-graduação (...). (Rogério_G1_FMVZ)

Ensino de graduação, pós, residência [...] e outros cursos (...). (José_G3_FMVZ)

Não houve menção à sobrecarga relativa à quantidade de horas-aula, contudo os participantes referiram que o ensino não se restringe a aulas, envolvendo também diversas atividades de orientação de alunos, seja em atividades teóricas ou práticas, como em estágios e laboratórios.

Então, [...] em relação ao [...] ensino de graduação, então não se restringe as aulas na graduação, mas orientação de aluno de graduação, TCC, iniciação científica e na pós-graduação, tem sala de aula, também orientação de mestrado, doutorado. Ensino seria isso. (Roberta_G1_FCA)

(...) a gente tem a parte de ensino de 5º ano, que são os alunos que ficam com a gente e a gente acaba tanto discutindo casos [...], na quarta-feira de manhã, no ambulatório, e tem horário de aula deles que é na quinta-feira à tarde. Ah, na quarta à tarde, [...], a gente tem um horário de laboratório de cirurgia experimental, onde os alunos, junto com os residentes, é uma atividade entre os alunos e residentes, que eles dão uma parte mais prática. (Lúcia_G1_FM)

(...) nós temos aí tanto orientação como as aulas na graduação, [...] pós-graduação e também orientação e ensino dos médicos residentes (...). Na pós-graduação, eu tenho três disciplinas [...], orientação de IC, iniciações científicas de alunos da graduação (...). (Maria_G2_FMVZ)

Dentro do rol das atividades, a gente tem que, obviamente, dar aulas, tanto para a graduação quanto para a pós-graduação [...]. Então, no momento, eu estou com alunos de Iniciação Científica, [...] tem capítulo de livro para terminar de escrever [...]. (Bob-Luke_G2_IB)

Ministro aulas na graduação e auxílio em aulas práticas. Na pós-graduação, atuo em dois Programas (UNESP e UNICAMP) [...], entro no laboratório para orientação, [...]. Tenho alunos em estágio [...]. (Ruth_G3_IB)

Destaca-se dentro das atividades de ensino, o número de alunos orientados que os professores possuem, em diversas modalidades.

Eu tenho quatro orientandos em nível de mestrado, certo?, e eu tenho duas especializações, de graduação, [...] quatro iniciações científicas. E a gente também orienta pelo Programa de Treinamento Técnico, [...] aí eu tenho [...] quatro alunos. E esse ano, agora, especificamente, eu tenho duas tutorias em mobilidade internacional. (Roberta_G1_FCA)

Eu tenho 14 [orientados de mestrado e doutorado]. E é o segundo ciclo seguido que eu tenho 14, sabe, eu venho com 14 há alguns anos. (André_G2_FCA)

(...) até o ano passado, final do ano passado, eu tinha 15 alunos de pós-graduação. Daí eu fui passando, né?, para esses alunos que ficaram, para outros professores. Agora, ainda estou com sete! Mas que eu já vou, agora, semestre que vem, já vou passar três e vou ficar com quatro. (Cris_G3_FCA)

Eu trabalho bastante na graduação [...], na Pós-Graduação [...], eu tenho, no momento, uma aluna de Doutorado, [...] e tenho sete alunos de Iniciação Científica. (Isis_G1_IB)

(...) eu estou com três alunos, agora, que estão com bolsa da FAPESP [iniciação científica], tem mais alguns alunos, acho que, espera aí... um, dois... tem dois que já estão em fase bem adiantada de escrita de projeto, e tem mais uns dois, três que procuraram, né?, [...]. Tenho duas alunas de doutorado e duas de mestrado, né? (Bob-Luke_G2_IB)

(...) tenho 12 ou 13 alunos sob orientação. (Ruth_G3_IB)

(...) tenho vários orientandos (...). No TCC, atualmente, eu tenho dois. [...] esse ano, eu tenho um [orientado de iniciação científica]. Como eu estou em processo de aposentadoria, mas ainda tenho oito alunos. Oito alunos de pós, entre mestrado e doutorado (...) (Agatha Christie_G2_FM)

(...) hoje, são sete residentes. (Maria_G2_FMVZ)

O ensino não se limita apenas ao ato de ministrar a aula, há todo um processo de organização, preparo e cuidado com essa atividade, e nem sempre o retorno do aluno é satisfatório. Essa complexidade foi referida pelos professores.

Mudei as aulas, uso a tecnologia para ficar perto deles, digitalizei minhas lâminas, usamos recursos, fazemos jogos, história em quadrinhos, quanta coisa diferente já usei, tudo para aproximar do interesse deles... só faltou usar música, mesmo assim, não surte efeito... (Ruth_G3_IB)

O preparo das aulas, ele precisa ser mais elaborado, no sentido de... você tem metodologias mais... é... ativas [...],

então, por conta disso ela é mais cansativa. Precisa se esforçar mais. Você tem que incluir coisas que são mais comuns à geração [...]. Então, me dá mais trabalho. (Agatha Christie_G2_FM)

Eu acho que aula de graduação é um pouco complicado. Porque a gente [...] um desinteresse muito grande por parte dos alunos. Então, muitas vezes é frustrante você preparar uma aula, com... né?, atualizar uma aula e muitas vezes você chega em sala de aula e tem um ou dois alunos interessados. Então, você fica dando aula para as paredes, né? (Rogério_G2_FMVZ)

Uma professora referiu o ensino como uma oportunidade prazerosa do seu trabalho, no sentido de proporcionar um ambiente, de fato, de aprendizado.

Eu quero criar um ambiente para que meu aluno tenha onde aprender. [...] a filosofia que eu montei as minhas atividades, [...], lógico, [...] eu vou escrever, eu vou publicar, mas, assim, além disso, [...] criar um ambiente para o meu aluno poder sair melhor formado. (Roberta_G1_FCA)

Relacionado a esse ambiente de aprendizado, a indissociabilidade que deve existir entre as atividades nas diversas dimensões é referida entre as de ensino e pesquisa.

(...) se você for conversar com as outras pessoas, você vai ver que muita gente, hoje, [...] por uma questão de facilidade e rapidez, acaba comprando muito serviço, [...] e eu opto por não comprar serviço, por fazer dentro do laboratório, porque se eu for comprar o serviço, meu aluno nunca vai aprender, então, eu acho que a gente perde uma característica importante da universidade, que é o ensino, então, eu acho, assim, que o ensino e a pesquisa andam juntos, não tem como você desvincular uma coisa da outra. (Roberta_G1_FCA)

Outro professor referiu uma sensação de bem-estar ao ver que o seu trabalho está rendendo frutos, pois houve um incremento significativo no número de alunos em uma disciplina optativa, ou seja, os alunos escolheram participar de um determinado conteúdo, fazendo com que o docente tenha esse sentimento de

ter sido escolhido, gerando, portanto, motivação e prazer, o que denota quão importante é o retorno dos alunos.

(...) eu criei a disciplina faz uns cinco anos, [...] até ontem falando com os alunos, é sete, oito [alunos matriculados], o ano passado 11 alunos e esse ano, 32, né? [...] E isso é gratificante! Saber que os alunos têm divulgado a disciplina, aqueles que passam pela disciplina têm divulgado e isso me dá um certo prazer [...]. Eu me sinto, me sinto bem, bem motivado! (André_G2_FCA)

Vale ressaltar que os demais participantes apresentaram suas atividades relacionadas ao ensino, como uma atividade corriqueira, sem destaque como os entrevistados acima.

b) Pesquisa

No que diz respeito às atividades de pesquisa, de um modo geral, os professores relataram como desenvolvem seu trabalho dentro desta dimensão, o qual envolve, também, um conjunto de ações e não somente a investigação em si.

(...) a gente tem projetos de pesquisa, publicação de artigo científico, participação em eventos científicos, divulgação científica. (Roberta_G1_FCA)

Pesquisa, bastante vinculado aos alunos [...], os meus orientados, mestrado e doutorado (...). (André_G2_FCA)

De pesquisa, enfim, são as orientações, então, desde iniciação científica, da graduação, até mestrado, doutorado, supervisão de pós-doutorado (...). (Agatha Christie_G2_FM)

A minha rotina é de [...] atividade de pesquisa constante, né?, porque a gente tem projetos financiados, tal, muitos alunos de pós-graduação (...). (Rogério_G1_FMVZ)

A pesquisa, eu faço ela integrada sempre com alunos de graduação e de pós-graduação, [...] sou relator em revistas científicas nacionais e internacionais (...). (José_G3_FMVZ)

(...) atividades de pesquisa, [...] a gente capta recursos, né?, principalmente de agências de fomento exterior, externas à Unesp (...). [...] tem resultado para desengavetar também, artigo para sair... (Bob-Luke_G2_IB)

Dentre aquilo que é realizado neste contexto, alguns participantes revelaram que a pesquisa é a atividade de reconhecimento do docente no ambiente universitário, sendo excluídos aqueles que têm maior dedicação a outros tipos de atividade.

Nossa, fiz tudo aquilo [durante o exercício da coordenação de curso], trabalhei tanto por aquilo e nenhum retorno sobre o que eu fiz. (André_G2_FCA)

Eu, particularmente, gosto bastante de atender paciente. Apesar disso, eu sempre questiono que [...] nas nossas planilhas [...] não é isso que conta, então, por exemplo, se eu operei dez pacientes, isso não vai no meu currículo, né?, vai se eu tenho um trabalho, um artigo publicado... Então a gente sabe que a cobrança, na verdade, ela vai para um outro lado, né? Então isso é o que me dá mais prazer, mas não é o que me dá mais reconhecimento dentro da universidade. Porque não adianta nada eu operar muito bem e, enfim, atender milhões de pacientes no ambulatório, se eu não publicar, se não fizer pesquisa, né? (Lúcia_G1_FM)

Então, [...] essa leva da minha idade entrou, a gente tinha um foco muito mais na assistência do que na pesquisa, não tinha essa cobrança [...] então, a gente organizou os serviços, montou os ambulatórios, então, a nossa carga de trabalho maior era nesse lado... tinha, também, a pesquisa, mas para você ter ideia, quando a gente entrou, não era necessário ter doutorado [...] e aí, o que que aconteceu, o pessoal que já entrou mais para frente, já era focado em pesquisa, eles fecharam um grupinho, e aí tinha que ter “x” publicações por ano, para entrar... e a gente não entrava nos critérios, e aí a gente começou a correr atrás (...). Então, a gente ficou com esse gap, eu fiquei praticamente 10 anos tentando entrar na pós-graduação e não conseguindo (...). Para a gente que não pôde entrar na pós-graduação, [...] muitos docentes que estavam excluídos da pós e, com isso, também não conseguiam avançar na carreira (...). Então, os [docentes] que eram cirurgiões, os que eram mais para o lado da assistência e mesmo quem era mais para o lado do ensino, que se dedicou mais à graduação, [...] também não

eram valorizados. Então, era a pesquisa e o resto, os outros dois, do tripé, ficavam aquém. (Alice_G3_FM)

Por outro lado, outros professores expressaram dedicação e prazer no desenvolvimento de pesquisas.

Você vê o resultado, nossa, da pesquisa, que... fala assim: "Nossa, a gente chegou nesse resultado, uma coisa inédita!", que empolga! (Roberta_G1_FCA)

Eu formei toda a minha carreira na pesquisa [...], então, eu tenho uma base como pesquisador, como cientista que me é bastante forte... (...). Pesquisa, [...], isso é o grande motor, [...] o que traz estímulo e é o que faz a gente continuar atualizado, nós temos também pesquisa, que ela é patrocinada, né?, por empresas e que nos procuram para desenvolver trabalhos relacionados à minha área de atuação (...). (André_G2_FCA)

(...) atividade de pesquisa constante, [...] porque a gente tem projetos financiados. Eu gosto muito de pesquisa. Eu, acho que desde criança eu sou curioso e sempre gostei dessa parte de investigação, de descobrir o porquê das coisas, então eu tenho muita afinidade com pesquisa. O que toma mais tempo mesmo é pesquisa, sempre submetendo um trabalho para publicação, redigindo um artigo, analisando dados. (Rogério_G1_FMVZ)

(...) a pesquisa, quando você vê os alunos de iniciação, né?, que vem lá te perguntar se pode desenvolver algum projeto... e está lá, no laboratório, e vibra com o resultado que tem ou, então, fica preocupado e você vê que está ali interessado, está motivado (...). (Bob-Luke_G2_IB)

Como já fiz muito, hoje me dou o luxo de me dedicar mais à pesquisa. (Ruth_G3_IB)

Contudo, existe o sentimento de dificuldade em se realizar pesquisa no país, quer seja pela questão financeira, quer seja pela relação de poder do avaliador para com o pesquisador.

(...) agora, graças a Deus, a gente conseguiu um auxílio da FAPESP, que é difícil fazer pesquisa no Brasil sem dinheiro (...). (Bob-Luke_G2_IB)

(...) fazer pesquisa está difícil, porque a gente sabe que as fontes, também, estão secando (...). (Lúcia_G1_FM)

Porque é assim, eu falo para os meus alunos: “Agora que a gente entrou na FAPESP, reza para o anjinho da guarda do seu assessor”, porque a FAPESP, não só a FAPESP, CNPq ou qualquer artigo que a gente vai publicar, depende de quem a gente pega. Então isso as vezes é um banho de água gelada, porque você vê que ali que tem uns comentários que, ou são conflitos de interesse, ou você vê que é má vontade da assessoria científica, ou mesmo da coordenação de área, isso desanima um pouco a gente (...) (Bob-Luke_G2_IB)

c) Extensão

As falas dos participantes revelaram que as atividades de extensão universitária não têm destaque dentre as suas atribuições, sendo referida como mera obrigação, para a maioria. Parecem incluir nesta dimensão todas as ações externas à instituição que não sejam estritamente científicas.

E a parte de extensão (...), eu participo de projetos de extensão, certo?, e é... participo de feira de ciências, de eventos de divulgação voltados ao público em geral (...). (Roberta_G1_FCA)

De extensão, acho que é mais ligado às palestras quando nós somos convidados a ministrar, por empresas ou associações ou universidades (...). (André_G2_FCA)

De extensão, então, eu desenvolvi muito a parte de palestra [...]. E, também, eu fazia trabalhos, é... de levantamento de “m1” [material de trabalho], tanto para empresa quanto para ONG’s e alguma coisa para agricultor, mas não tanto [...]. (Cris_G3_FCA)

(...) na parte de assistência, a gente trabalha com os residentes [...]. Então, segundas e terças-feiras são os nossos dias cirúrgicos, corridos, né? (...) de quarta-feira de manhã, a gente tem horário [de exames] [...] que aí a gente acaba fazendo 5, 6 exames por cada período, e na quinta-

feira, ambulatório, de retorno e caso novo, também o período inteiro, [...] a princípio a gente tem, a gente pede para que seja marcado 30, mas às vezes tem 40, 42. Então, às vezes, a carga fica um pouco corrida em relação à checagem, né? [...] eu dou plantão no Estadual, no Hospital Estadual de Bauru, que aí, é presencial, né? [...] dou plantão aqui também [no Hospital das Clínicas]. (Lúcia_G1_FM)

(...) extensão, que a gente tem dois projetos de extensão (...). (Agatha Christie_G2_FM)

(...) tem atividade assistencial, no ambulatório. [...] tenho atividades no centro cirúrgico, tanto aqui [Hospital das Clínicas] como no Estadual (...). Então, a gente dá [plantão], assim, nós temos uma equipe pequena, né? Então, atualmente, o departamento está com três docentes só... é a disciplina, três docentes e temos médicos contratados... e eu dou plantão, sim, direto. Toda semana. (Alice_G3_FM)

(...) a parte da extensão [...], o atendimento externo, aqui do hospital, né?, que a gente tem que dar esse atendimento aí para a comunidade (...). (Maria_G2_FMVZ)

(...) a extensão, eu participo desde o início da minha carreira, com prestação de serviços regulares diários e, muitas vezes por finais de semana (...). (José_G3_FMVZ)

Apenas uma entrevistada fez referência a projetos de extensão que parecem afinados com a definição e reconhecimento institucional do que seja atividade de extensão.

(...) que a gente tem dois projetos de extensão, um com o Hospital Estadual-Bauru, né?, na área de “a” [área de atuação do projeto], então, [...] que são artigos científicos na área de “a” [área de atuação do projeto] e um que tem envolvimento com o pessoal de Laranjal [Paulista], que, também, na área de “a” [área de atuação do projeto]... (Agatha Christie_G2_FM)

d) Administração

Na categoria de atividades administrativas são referidos diversos cargos de gestão local assumidos pelos professores entrevistados. Apenas um professor relatou a participação em órgãos colegiados centrais.

E na gestão, eu já fui chefe de departamento, participei da comissão permanente de pesquisa, já coordenei curso de pós-graduação, é... já participei de conselho de curso de graduação e pós-graduação (...). Hoje, participo do conselho de pós-graduação, (...), do comitê de ética, são os dois colegiados que eu participo. (Roberta_G1_FCA)

Eu, atualmente, eu sou coordenador do curso [...], que está finalizando [o mandato] [...], eu faço parte do conselho do departamento [...], eu participo como suplente do conselho da PG (...). (André_G2_FCA)

Eu entrei em 1992, mas de 1995 até o ano passado, eu participei de, aqui, acho que não teve comissão que eu não participei. (Cris_G3_FCA)

Eu sou do conselho de departamento [...], eu sou suplente no comitê de ética animal, esse ano, eu já fui titular, [...] sou suplente também no conselho de graduação... É... eu faço parte da comissão da prova teórica da residência médica, que [...] acaba tomando bastante tempo (...) (Lúcia_G1_FM)

Eu sou do conselho do departamento (...), sou do conselho dos programas de pós-graduação e, atualmente, eu também estou no comitê de ética. Eu, atualmente, eu sou conselheira do conselho regional de “CP1” [nome do conselho profissional]. (Agatha Christie_G2_FM)

(...) eu assumi a chefia da disciplina novamente... E tem a atuação em comissões, né?, então, eu faço parte do CAC, que é a comissão assessora da Congregação, fazendo relatórios dos relatórios trienais dos docentes, da avaliação (...). Agora, eu sou chefe, é... presidente do centro de “CN1” [nome do Centro], que é uma organização filantrópica que promove atividades científicas, e em conjunto com a Unicamp e com a USP Ribeirão, a gente organiza jornadas [...], no âmbito do Estado. Eu fui chefe de departamento há dois anos atrás (...), agora, eu pequei a chefia da disciplina por mais dois anos. (Alice_G3_FM)

(...) muitas reuniões também, muitas atividades de gestão. (Rogério_G1_FMVZ)

(...) na parte administrativa, hoje eu sou representante titular [em órgãos colegiados centrais]. Eu sou da nossa Congregação, eu sou do departamento, da comissão de pesquisa e da comissão de ensino. (José_G3_FMVZ)

E tem a parte administrativa, gestão que o pessoal chama, né?, que é participar dos conselhos, então, eu estou, atualmente, no conselho deliberativo do “CD1” [nome do conselho], participei de conselhos de curso de graduação [...], então, agora em setembro eu entro como titular [...] enfim, participo do conselho do departamento e essas outras atividades. (...) enfim, estamos aí, né?, correndo, né? (Bob-Luke_G2_IB)

Já fui coordenadora de graduação, isso consumia muito, (...) sou membro do conselho (...). Já atuei em sociedades [profissionais]. (Ruth_G3_IB)

Os entrevistados revelaram dificuldade na realização de atividades de gestão pelo fato de não terem preparo e formação prévios para tal. O que pode gerar, inclusive, adoecimento nesta classe de trabalhadores.

Eu acho que mais difícil é a gestão, [...] porque a gente vem de uma formação acadêmica, [...] nós não somos formados para administrar, então, eu acho que a hora que chegam os problemas administrativos, muitas vezes você tem que se desgastar, e estudar, e ver coisas para as quais você não é formado para fazer, entendeu? (Roberta_G1_FCA)

São atividades [gestão] que nós não somos formados para fazer (...). (Roberta_G1_FCA)

(...) eu fui coordenadora da “a1” [nome do curso], por duas gestões... isso daí é pesado! Eram coisas que eu não tinha preparo para fazer. Por exemplo, eu não tinha preparo de psiquiatria, de pedagogia... (Cris_G3_FCA)

(...) fui, durante muito tempo como coordenadora, depois eu não quis mais, daí eu comecei, daí eles começaram a me colocar como... é... vice... daí, acho que eu fui sete mandatos como vice... Mas que, muitas vezes, eu era coordenadora, porque teve coordenador que saiu por seis meses... é... e ah, e eu fiz o..., fui eu que fiz duas reformas de, do ensino, do currículo. Isso foi uma coisa muito pesada! Nenhum, nenhum [preparo para assumir a coordenação de curso]! [...] eu, depois que eu saí da coordenação, eu estava com uma depressão muito grande (...). (Cris_G3_FCA)

Tive que, na prática, aprender [ser coordenadora do curso de graduação]... A sorte minha que eu, antes, eu dava aula

em uma escola particular, e lá eu tive que fazer, também, um processo de reforma curricular... Então foi lá que eu comecei a aprender. [...] eu sentia que eu não tinha base. (Cris_G3_FCA)

Eu estava com... eu sempre, nós viajamos muito... mas [...] de 2002 até 2006 [época do exercício da coordenação de curso], eu estava com síndrome de pânico, eu não podia entrar dentro de um avião, adoro avião, mas não podia andar. (...) Porque, assim, tem muita coisa que até eu não posso contar para você, [...], mas muitas coisas, assim, que aconteceram com os alunos, que eram coisas que refletem em você... muito sérias. E eu estava totalmente inocente, despreparada. (Cris_G3_FCA)

Eu acho que essa parte da burocracia é o que mais mata [...], essa falta de flexibilidade, né?, nos processos. A burocracia eu acho que é o pior mesmo! (Isis_G1_IB)

Outra dificuldade relatada pelos participantes foi a demanda de tempo necessário para realização das atividades administrativas.

[Atividades de gestão] (...) a hora que você está diante de uma coisa que é para você fazer bem feito, aquilo te demanda um tempo e tem um desgaste emocional muito grande. (Roberta_G1_FCA)

(...) eu odiava reunião! [...] eu achava que, dessas reuniões que tinham, se fosse metade e bem aproveitada, seria melhor... eu ficava muito nervosa nessa hora. Eu acho que as reuniões nem sempre eram proveitosas... [...] eu ficava muito nervosa, eu tinha outras coisas para fazer, urgentes, e tinha que ficar lá... (Cris_G3_FCA)

Os conflitos interpessoais e a mediação de grupos e pessoas também foram relatados como uma dificuldade existente nas atividades de gestão.

Eu acho a parte de você lidar com pessoas aí, a parte de gestão mesmo, a parte mais burocrática, a quantidade de solicitações que vem, então você tem, às vezes, que lidar... você está em um cargo, está respondendo por alguma coisa, você tem obrigação de dar retorno, mas que, às vezes, são tantas informações que lhe pedem e aquilo você não vê para

quê, você não vê onde, qual a importância de tudo aquilo, porque também não vê um retorno. (André_G2_FCA)

(...) então, eu até eu fiquei doente nessa época [durante a coordenação de curso]... porque (...) é (...) os alunos têm muita droga, sabe? Então, os alunos têm os problemas pessoais deles... então era problema pessoal, problema de professor-aluno, então você que tem que intermediar tudo isso daí. (Cris_G3_FCA)

(...) é muito difícil você tratar aluno e professor... então, eu tive, assim, casos escabrosos [durante a coordenação de curso], sabe?, então, essa parte aí... você é professor, você tem um pouco de, de conhecimento como o professor é, mas você, também, tem que entender o aluno... e tem muitas vezes, o aluno tinha muito mais razão do que o professor... entendeu? (Cris_G3_FCA)

Eu acho que a questão administrativa é a mais difícil, porque, por exemplo, o chefe da disciplina, a gente vai ter problema para resolver todo dia (...). (Alice_G3_FM)

Bob-Luke trouxe, em sua entrevista, além do desgaste no que se refere à gestão, o fato de que, às vezes, ela é uma atividade imposta, sem direito de escolha.

Essa parte de gestão, que eu vou falar bem a verdade, sabe?, [...] isso eu não tenho saco! Até mesmo, por exemplo, chefia de departamento, né?, uma hora vai chegar minha vez lá no departamento... só de pensar nisso, já arrepia o cabelo, sabe? Eu falo: “Ai gente, eu sou obrigada?”. [...] eu acho que a gente não devia ter essa obrigatoriedade... não, você tem que entrar na chefia do departamento... eu não tenho esse perfil de chefe, sabe? Eu, já até falei: “Eu pulo a minha vez. Quem quiser ir, pode ir!”. É o tripé... que, na verdade, tem quatro perninhas... a última perninha não me agrada, pronto... essa parte de gestão, de administração. (...) se eu puder ir falando “não”, mas tem umas que você é assim, ou você escolhe ou você escolhe, ou você aceita ou aceita, enfim! (Bob Luke_G2_IB)

e) Desafios, dificuldades e consequências

O trabalho real do docente universitário é repleto de desafios e de dificuldades, especialmente no que diz respeito ao relacionamento interpessoal, o

que ocorre em outras áreas, além da administrativa. Essa dificuldade é referida entre colegas de trabalho, mesmo em situações em que não envolve uma relação de poder, porém, sugere ligação com a competitividade existente entre os professores.

Porque aí que você tem que defender o que você pensa, que você tem que, por exemplo, entrar em conflito com outras pessoas, [...], às vezes, você tem que obedecer algumas coisas que você não concorda, você tem que expor sua opinião, então, eu acho que esta questão do relacionamento humano, acho que em todos os lugares, não só dentro da universidade, é o mais difícil, é... assim... gerir pessoas não é fácil (...). (Roberta_G1_FCA)

E lidar com, às vezes, com pessoas, que são, lógico, é um exercício isso do ser humano sempre, né?, de você ter as articulações, ter a troca de ideias, opiniões e, às vezes, muitas opiniões contrárias. Talvez essa é a parte mais desgastante do trabalho... (André_G2_FCA)

E a administração de pessoas, também, que não é fácil (...) então, eu acho que essa parte é a parte mais desgastante eu diria. (Alice_G3_FM)

É, problema de, [...] conflito entre colegas de trabalho e a pressão do trabalho. (Maria_G2_FMVZ)

O que é mais dificultoso [...] é a relação com os colegas, sem dúvida nenhuma. Todas as dimensões que exigem relação com colega, no que diz respeito à conscientização, responsabilização e participação, é o que há de mais difícil. (José_G3_FMVZ)

O que está mais chato é o convívio com as pessoas... no geral... no departamento... o ambiente de trabalho não é estimulante... ah, outras pessoas também falam, professores e alunos, estão todos reclamando... professores com tempo para se aposentar estão indo embora, não ficam como voluntários, não aguentam mais o ambiente. [...] conviver está muito chato! (Ruth_G3_IB)

Porque, olha, eu sou engenheira agrônoma, fiz o mestrado e o doutorado na área “exatas”, (...) e a gente vira professor, tá! E muito menos [preparo] para cuidar da parte pessoal dos alunos, a parte psicológica, sabe? (Cris_G3_FCA)

Esses dias, após uma aula da pós-graduação, desabafei (...). Ah, tenho uma aluna de pós-doutorado que enviou o manuscrito do trabalho de Doutorado para publicação e o editor falou que não se encaixava no escopo da revista... ela não aceitava, insistia... até que eu falei “quer mandar, então manda”, aí não queria mais, mas eu falei: “agora manda!”. (Ruth_G3_IB)

Foi relatada a dificuldade vivenciada pelos professores em relação à falta de interesse dos alunos, especialmente em relação à graduação, o que pode gerar, inclusive, frustração e desânimo entre os docentes.

Eu acho que aula de graduação é um pouco complicado. Porque a gente vê [...] um desinteresse muito grande por parte dos alunos. Então, muitas vezes é frustrante você preparar uma aula, [...] e muitas vezes você chega em sala de aula e tem um ou dois alunos interessados. Então você fica dando aula para as paredes, né? (...) não sei se é o mais difícil, mas é o mais, talvez, o mais frustrante... você querer que as pessoas, que os alunos tenham mais interesse, se interessem mais... afinal, eles estão aqui para isso, para estudar, para se formar, para ter uma boa formação. E, muitas vezes, [...] parece que as pessoas estão aqui, cumprindo é... um protocolo, cumprindo uma regra de ter que fazer uma faculdade, uma universidade, um curso superior e... mais do que interesse mesmo em ter uma boa formação. (Rogério_G1_FMVZ)

Tem uma falta de interesse total, assim, né?, que o aluno só está alí para cumprir tabela mesmo, que ele não tem interesse nenhum... e eu vejo que isso vem crescendo também ao longo dos anos, né? (...) Você tenta fazer alguma coisa então, mas o aluno não está interessado... não é a metodologia de ensino, não é o jeito de você dar a aula (...). O que eu tenho visto é que cada vez mais o número de alunos que não tem interesse nenhum no que está acontecendo vem aumentando e alunos que se conformam com o desempenho mínimo, sabe?, que estudam para tirar cinco e para eles está ótimo e passou e está tudo bem, não se preocupam com o aprender, que é o principal desse processo. (Isis_G1_IB)

(...) tem sido um comentário geral, o ambiente de sala de aula, [...] muita falta de interesse! [...] a gente fica desmotivado... com baixo rendimento do aluno, sai da sala

de aula o tempo todo... pára e conversa... o ambiente da sala está mudando, é mais difícil! (Ruth_G3_IB)

Mudei as aulas, uso a tecnologia para ficar perto deles, digitalizei minhas lâminas, usam recursos, fazemos jogos, história em quadrinhos, quanta coisa diferente já usei, tudo para aproximar do interesse deles... só faltou usar música, mesmo assim, não surte efeito... (Ruth_G3_IB)

O perfil geracional do aluno apareceu como um fator de dificuldade vivenciado pelos professores.

Mas, agora é outra geração [de alunos de graduação], [...] é uma geração que você tem que ficar pedindo... olha, desliga o celular, agora não é hora, enfim, né? A pós-graduação é mais... é mais tranquilo, porque já são profissionais, [...] o aluno de graduação ainda não consegue ver toda a importância que isso vai ter para eles na vida futura, profissional, né? (Agatha Christie_G2_FM)

(...) o ambiente de sala de aula, [...] acho que é um reflexo da situação do país e do mundo, a globalização... muita falta de interesse! Falta de respeito? Falta de respeito, comigo não, acho que é a distância de gerações... a gente fica desmotivado... (Ruth_G3_IB)

Uma professora relatou o desafio em lidar com as necessidades e dificuldades específicas de cada aluno, especialmente entre aqueles com necessidades especiais, o que vem ganhando espaço dentro da universidade.

Ah, uma coisa que é complicada: muitos alunos com problemas médicos... tenho um aluno, ele deve ter autismo, o comportamento dele em sala de aula é diferente [...] já tive aluno surdo, a gente não está preparada para isso! Tive um aluno cadeirante, tetraplégico, ele só falava, a mãe dele que escrevia tudo e ajudava... tem alunos com distúrbios psicológicos e problemas físicos. (...) não tem preparação e está aumentando cada vez mais... fora os alunos drogados... (Ruth_G3_IB)

Outra característica do trabalho do professor universitário que também chama atenção refere-se à quantidade de horas dedicadas para o

desenvolvimento de suas atividades, pois, como relatado pelos entrevistados, ela é excessiva.

A gente não trabalha 40 horas, né?, trabalha mais que isso... porque acaba que você termina o horário aqui e você vai para casa, você tem coisa para corrigir, [...] mas, em uma média é isso, de 48 a 50 horas por semana [de trabalho] (...). (Roberta_G1_FCA)

Mais, mais que as 40 horas [de trabalho semanal]. Então, [saio] próximo das sete da noite. Isso é meu dia típico. (André_G2_FCA)

A minha é bem grande [carga horária de trabalho]. Tanto que, agora, como que eu estou, né?, esse semestre que eu tirei licença prêmio, tem três alunos dando aula para a graduação... e tem, para a pós-graduação, já passei para dois alunos meus... um que é professor, que entrou, e um aluno de pós-graduação, é um aluno que já fez o doutorado comigo (...). (Cris_G3_FCA)

Olha, eu acho que daria umas 80 horas! [horas de trabalho em uma semana típica]. (Maria_G2_FMVZ)

Tenho uma carga horária de, mais ou menos, umas 300 horas [de disciplinas][...]. Eu dou aula a noite, bastante, [...] 150 (h) são a noite [...], eu acho que, em média, eu dedico umas, pelo menos, ali, em semana média, [...] umas 50 horas em uma média. (Isis_G1_IB)

Olha, eu trabalho mais de 40 horas. [...] porque também tem muita coisa que a gente leva para casa e isso não entra na conta, né? [...] dá umas 50 horas, quando você tem prova, não é uma coisa que é, assim, que é fixa toda semana, mas quando você dá prova, né?, você tem prazo curto que você tem que entregar nota, né?, que é justo, os alunos querem saber como é que foram, tá... e principalmente fim de semestre, que você tem que fechar as médias e tal, ai extrapola 50 horas na semana, que você fica, ou eu levo para casa ou eu fico a noite na universidade. (Bob-Luke_G2_IB)

Adiciona-se às dificuldades expostas acima o fato de que os participantes desenvolvem suas atividades sob cobrança, interna e externa, e pressão, de produtividade e de tempo.

(...) you are in a position [de gestão], está respondendo por alguma coisa, you have an obligation to give return, mas que, às vezes, são tantas informações que lhe pedem e aquilo você não vê para quê, você não vê onde, qual a importância de tudo aquilo, porque também não vê um retorno. (André_G2_FCA)

(...) você está atendendo um caso daí você é requisitado para outro (...). [...] aqui, no atendimento, one time you came, you are approached all the time. (Maria_G2_FMVZ)

Tem o seu lado estressante, né?, [...] a graduação [...] você tem que ter as 8 horas-aula por semana... [...] pesquisa, nossa, você tem que publicar... se você não publica, você não entra na pós... (Bob-Luke_G2_IB)

[...] you have short deadline that you have to deliver note, né?, que é justo, os alunos querem saber como é que foram, tá... e principalmente fim de semestre, que você tem que fechar as médias e tal... (Bob-Luke_G2_IB)

Agora, eu tenho tentado levar menos... só quando não dá mesmo... quando não consigo, para eu trabalhar no final de semana, às vezes tem os prazos, né? (Agatha Christie_G2_FM)

(...) eu sempre questiono que... que é in our plans, enfim, in our curriculum it is not what counts, então, por exemplo, se eu operei dez pacientes, isso não vai no meu currículo, né?, vai se eu tenho um trabalho, um artigo publicado... Então a gente sabe que a cobrança, na verdade, ela vai para um outro lado, né? (Lúcia_G1 -FMB)

(...) by the rush and by the volume, é... o que acaba ficando mais heavy and more stressed para mim, é o... a checagem de um monte de paciente no ambulatório. Porque assim, eu tenho que check cases of residents, eu tenho que check new cases of interns, então, eu não consigo dar uma atenção total para esses internos que estão com a gente, né? [...] então, tudo isso demanda porque o sistema, às vezes, está lento, enfim, o tempo que você gasta para fazer isso, para checar um caso, é muito grande. (Lúcia_G1 -FMB)

Embora haja essa cobrança, chama a atenção a postura de uma professora que, independentemente dessa pressão, visa ao aprendizado dos alunos.

Eu não sou aquele professor que pensa só, assim, que eu tenho que publicar, fazer currículo, não! Eu quero criar um ambiente para que meu aluno tenha onde aprender. (...) a filosofia que eu montei as minhas atividades, [...] lógico, [...] eu vou escrever, eu vou publicar, mas, assim, além disso, [...] criar um ambiente para o meu aluno poder sair melhor formado. (Roberta_G1_FCA)

Diante disso, o “tem que dar conta” se faz presente, pelo grande volume e variedade de atividades do docente. Assim, os professores estão sempre atuando de alguma forma e, conseqüentemente, assumindo uma sobrecarga de tarefas para cumprir com suas “obrigações”.

Então, assim, a gente tenta realizar alguns trabalhos também na parte de pesquisa, é, não é, a princípio, o que eu consigo me dedicar a maior parte do tempo... Acho que o meu tempo eu acabo gastando bastante com a parte de assistência, né? é... mas a gente tenta também! (Lúcia_G1_FM)

O que acaba ficando mais pesado e mais estressado para mim, é [...] a checagem de um monte de paciente no ambulatório. Porque assim, eu tenho que checar casos dos residentes, eu tenho que checar caso novo dos internos, então, eu não consigo dar uma atenção total para esses internos que estão com a gente, né? (...) então eu não consigo, às vezes, dar uma atenção que eu gostaria para um determinado aluno, ou para um determinado até, às vezes, paciente, né? Então, mas isso não porque eu não goste, acho que a demanda de pacientes, ela é muito grande para o tempo que a gente tem. Então, é a atividade que, na verdade, acaba me estressando, né?, porque, às vezes, a gente perde um pouco a qualidade de tudo isso. (Lúcia_G1_FM)

Leio muita coisa relacionada [ao trabalho]... gostaria de ler mais coisas fora, mas assim, até as coisas que eu preciso ler, eu não dou conta às vezes, né?, então, do lado da cama que fica alguma coisa para ler, mas eu leio muito coisa relacionada à minha atividade. (Lúcia_G1_FM)

Eu gosto mesmo é de atender paciente, é de fazer exame, é de operar, e acho que a pesquisa, a parte científica é uma necessidade na nossa carreira, então eu aprendi a gostar e aprendi a fazer, gostaria de ter mais tempo para me dedicar

a isso, né?, é, mas a gente faz o que a gente pode. (...) Você tem que estar com a cabeça tranquila, para pensar, para escrever, né?, para ter ideias. Então, acho que não é só... às vezes, o tempo está lá, o corpo está lá, mas a cabeça não está, né?, então, acho que isso também é um fator que acaba, às vezes, limitando. (...) eu acho que, assim, a princípio, gestão a gente tenta levar, né?, é uma coisa que a gente tem que fazer, a gente tenta conciliar. (Lúcia_G1_FM)

Eu dou aula o tempo todo. [...] na disciplina que a gente tem a prática, são todos os dias, todas as manhãs, cinco horas por dia. [...] o tempo da gente fica difícil para dar conta de tudo, né? Eu só fico tentando dar conta. (Agatha Christie_G2_FM)

Eu já levei mais coisas para casa. Agora, eu tenho tentado levar menos... só quando não dá mesmo... quando não consigo, para eu trabalhar no final de semana, às vezes tem os prazos, né?, eu tento, eu estou tentando preservar os meus finais de semana. Nem sempre eu consigo, [...] enfim, tenho trabalhado bastante em final de semana. [...] eu tento, pelo menos, preservar o domingo... só quando não tem jeito mesmo! Não é fácil não! Mas, assim [...] eu tenho um bom planejamento para poder dar conta, de participar de tudo. (Agatha Christie_G2_FM)

Eu quero dar conta do que eu tenho que fazer. Eu quero conseguir cumprir as minhas obrigações, [...] elas são extremamente cheias, densas e variadas. (José_G3_FMVZ)

Novembro para mim vai ser um mês meio tenso, [...] a gente já está acostumado e isso aí a gente dá conta! (Bob-Luke_G2_IB)

Desta forma, o trabalho real tem causado desgaste e adoecimento aos docentes.

Eu tive algumas lesões, tipo epicondilite, bursite, por causa de ter que ficar segurando lente [material de trabalho] durante muito tempo, então, essas coisas, [...] assim, decorrentes de uso excessivo de articulação e posição viciosa. (Alice_G3_FM)

E ele era o responsável pelas aulas [...], foi um tanto puxado, porque saía de uma turma e entrava em outra... eu tinha dia que, quinta-feira, de manhã, eu tinha acabado de dar aula

[...], a tarde tinha que dar aula [...] e a garganta da gente vai lá para o vinagre. (Bob-Luke_G2_IB)

Eu tive um [problema de saúde] em 2015, 2016, eu tive um episódio depressivo. Tive um auxílio médico, mas já estou recuperada, já não tenho mais utilização de medicação. Eu fiquei, na verdade, eu fiquei uns 10/15 dias afastada. Foi decorrente do trabalho... É... problema de, como se diz?, conflito entre colegas de trabalho...e a pressão do trabalho.... (Maria_G2_FMVZ)

[...] eu tenho uma lesão...tenho várias lesões lombares, de coluna [...] são decorrentes do processo de trabalho e esforço físico, durante mais de 30 anos. E esse esforço foi desempenhado na atividade profissional, dentro da carreira docente. (José_G3_FMVZ)

Um dos entrevistados relatou que já passou por um sério problema de saúde, sendo que esse episódio não ocorreu durante o exercício de suas atividades laborais, no entanto, acredita que tenha relação com as tarefas realizadas durante sua formação acadêmica, em laboratório, o que demonstra, portanto, uma possível ligação com a prática docente.

Eu já tive problema sério de saúde... que eu tive um tumor no rim, tive que fazer a extração desse rim e que eu imagino que possa estar relacionado com a minha rotina, mas não de trabalho como docente, mas das atividades que eu desenvolvi durante o meu mestrado, o meu doutorado, que eu ficava muito em laboratório, o tempo inteiro em laboratório, trabalhando com reagentes tóxicos, e, não sei, [...] imagino que isso possa ser possível, uma hipótese que talvez possa ter uma relação (...). (Rogério_G1_FMVZ)

Embora apareça o sofrimento e, deste modo, um possível adoecimento decorrente da prática docente, apenas Maria relatou que se afastou de suas atividades para tratamento de saúde. Os demais professores referiram que nunca se afastaram ou fizeram uso de licença médica por doença. Pode estar ocorrendo o presenteísmo entre eles, ou seja, mesmo adoecidos, os professores continuam trabalhando, com a finalidade de “dar conta” de todas as “obrigações” e, além

disso, garantem a manutenção de benefícios decorrentes do efetivo exercício de trabalho.

Eu tenho síndrome metabólica. Eu tenho isso há pelo menos 10 anos e trato há mais de 10 anos. Então, por causa disso, eu tomo muitos remédios. Além da questão metabólica, eu tenho uma lesão...tenho várias lesões lombares, de coluna [...] são decorrentes do processo de trabalho e esforço físico, durante mais de 30 anos. E esse esforço foi desempenhado na atividade profissional, dentro da carreira docente. Eu tenho alguns problemas de saúde, mas eu nunca tirei uma licença médica. (José_G3_FMVZ)

Faço [uso de medicamento] para colesterol, uso vastatina e faço agora para glicemia, que minhas glicemias começaram a ficar alteradas. Aí eu tenho uma sacroileíte, que eu também estou com a reumato, e estou terminando investigação. Então, tenho uma dor já meio crônica em cóccix e quadril esquerdo. Eu acho que não [tem relação da dor com o trabalho], né? [...], mas não está totalmente descartado. (Lúcia_G1_FMB)

Não... afastar não... mas a gente sempre tem uma dorzinha aqui, uma dorzinha alí, né?, [...] continuo tocando [mesmo com essas dores]... (Alice_G3_FMB)

Diante das situações apontadas em relação ao presente núcleo de significação – Trabalho real: “tem que dar conta” – é importante discutir a relação envolvendo a prática docente e seus significados.

Deste modo, ressalta-se que o concurso para a carreira docente se dá, prioritariamente, para atuar junto a uma disciplina ou conjunto de disciplinas do currículo pleno da graduação. Nota-se, contudo, que o ensino não é vivido por todos como uma finalidade do trabalho do professor universitário e que, ainda, esta dimensão não é valorizada pela universidade e, por conseguinte, pela maioria dos professores, uma vez que o que dá visibilidade para o profissional e para a Instituição, o que é considerado em *rankings*, nacionais e/ou internacionais, é, indubitavelmente, a produção científica, fato este que justifica o

direcionamento para a pesquisa, deixando em segundo plano as demais atividades.

Essa questão apresenta, no caso dos participantes, episódios de frustração em relação àqueles professores que se dedicam a outras atividades da docência, como pôde ser observado, principalmente, nas falas dos Professores André (G2_FCA) e Lúcia (G1_FM), os quais desenvolveram, respectivamente, atividades de gestão e de assistência e atendimento ao paciente, sendo esta última, inclusive, uma atividade bastante prazerosa, contudo, praticamente sem retorno, denotando, assim, que a atividade de pesquisa é fortemente valorizada. Ademais, a participante Alice (G3_FM) relatou anos de trabalho para organizar os serviços ambulatoriais, o que afetou sua atividade científica e, conseqüentemente, seu ingresso em Programas de Pós-Graduação.

Esse fato merece destaque, pois como citado por Seligmann-Silva (2011), as situações de trabalho que levam a sucessivas frustrações ao longo dos anos geram um acúmulo de sofrimento social, que destroem a autoimagem do trabalhador e diminuem, paulatinamente, quaisquer perspectivas em relação ao futuro.

Neste lugar secundário, estão as atividades de extensão universitária, ou seja, percebeu-se, em alguns casos, que os próprios docentes não possuem uma definição clara desta dimensão. A atividade extensionista, dentro da Unesp, é definida como “um processo educativo, cultural e científico, que se articula ao ensino e à pesquisa de forma indissociável, e que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade” (UNESP, 2012). Entretanto, alguns professores relataram atividades nesta modalidade mais como uma forma de “cumprir” com essa obrigação, muitas vezes referindo as tarefas que não se encaixam em ensino ou pesquisa. Ainda, há poucos relatos desta atividade, algumas mais voltadas à assistência à população ou realização de atividades de forma esporádica.

Este posicionamento não se restringe aos participantes desta pesquisa ou à Unesp. Bosi (2009) e Lemos (2011) apontam que a pesquisa tem recebido um destaque maior pela instituição universitária, compreendendo-a como o componente básico da identidade e do reconhecimento da prática docente. O que

tem sido avaliado são os méritos resultantes das atividades das pesquisas e, assim, os professores tendem a priorizá-la, especialmente por conta dos efeitos econômicos e de *status* que são proporcionados.

Essa questão reflete, contraditoriamente, na transformação do ensino em atividade marginalizada pelos professores universitários. Por conta disso, observa-se a presença, no ambiente universitário, de excelentes pesquisadores e professores medíocres, quer seja pelo uso de uma linguagem complexa e pouco acessível, quer seja pela dificuldade de relacionamento com os alunos (LEMOS, 2011).

Dessa forma, mesmo com uma maior valorização da pesquisa, faz-se necessária uma reflexão, pois embora seja a atividade que permita visibilidade e projeção nacional e até mesmo internacional, é, de igual modo, a maior responsável pela cobrança em termos de produtividade e de prazos. Assim, o docente acaba entrando em um círculo vicioso, muitas das vezes sem perceber, pois ele precisa realizar pesquisas, para isso, necessita de financiamento, precisa publicar para obter novos financiamentos, haja vista que a avaliação é feita basicamente neste quesito e, deste modo, entra em um círculo altamente prejudicial para sua saúde. Ademais, o cumprimento da atividade de pesquisa não depende apenas do professor/pesquisador, pois, havendo necessidade de financiamento, seu projeto e sua produção científica serão avaliados na concorrência pelos recursos disponíveis, os quais são limitados. Este aspecto da profissão tem causado desânimo entre os docentes.

As situações referidas, nesta pesquisa, referentes à carga horária excessiva de trabalho, pressão por produção, que levaram ao desgaste e adoecimento por parte de alguns professores, particularmente no que se refere ao desgaste do corpo, da voz e da saúde mental, também foram encontradas em pesquisas envolvendo professores universitários de outras regiões do país, como apresentados nos trabalhos de Fontana e Pinheiro (2010) e Lima e Lima-Filho (2009). Com relação ao presenteísmo, Bernardo (2014) também encontrou essa característica em sua pesquisa.

Essa situação é típica dentro do contexto envolvendo o modo de produção capitalista, em que o trabalhador vê sua atividade sendo explorada na medida em

que são atendidas as exigências do mercado e, portanto, a produção do conhecimento se torna apenas um produto de consumo (GRADELLA JÚNIOR, 2010).

Piolli, Silva e Heloani (2015) apontam que esse é o novo modelo de gestão da política educacional, que preconiza a eficiência em todas as atividades desenvolvidas pela universidade, sempre com base em avaliações e sob forte controle do trabalho, a qual se vincula a um discurso que envolve a qualidade da educação, a partir de cobranças de metas e resultados.

Ainda que a atividade de gestão seja, também, um sinônimo de poder na universidade, haja vista que os maiores cargos administrativos só podem ser ocupados por professores, foi possível perceber que ela é vivida como um certo incômodo, sendo, inclusive, evitada quando possível. A Professora Bob-Luke (G2_IB) refere esse sentimento quando diz não ter interesse em assumir a chefia do departamento de ensino, não só pela demanda de tempo necessário para sua realização, que poderia ser dedicado ao desenvolvimento de outra atividade, mas, principalmente, pelos desgastes decorrentes, uma vez que os docentes não possuem, de certo modo, formação prévia para tal, pelo excesso de burocracia e, também, pela dificuldade nas relações interpessoais, ou seja, entre colegas, alunos, técnicos e administrativos e comunidade externa.

O trabalho real do docente universitário se dá de maneira relacional, de forma indissociável entre todas as dimensões, no entanto, essa situação apareceu apenas vinculada à atividade de gestão, o que denota, portanto, a dificuldade referida acima. Logo, a atividade administrativa seria o espaço, a oportunidade de se tentar corrigir falhas e situações visando à melhoria do trabalho, contudo, não se verificou na fala dos participantes o entendimento da gestão como uma oportunidade de promover mudanças institucionais.

Assim, o trabalho real do professor universitário pode ser considerado de alta exposição, pois o docente é uma espécie de “vitrine” para os alunos, seus pares, demais funcionários, enfim, comunidade acadêmica interna e externa. Na atualidade o controle externo é realizado digitalmente, por exemplo por meio de sistemas desenvolvidos para acompanhamento de publicações acessadas e

citadas⁹. Além disso, vive em permanente avaliação, interna e externa, ou seja, é avaliado por alunos, pelo departamento de ensino ao qual está vinculado e, na sequência, pela unidade universitária e universidade; externamente por órgãos de fomento à pesquisa, por periódicos científicos, entre outras formas.

Diante do exposto, percebe-se, também, que o professor acabou sendo levado a um trabalho extremamente individualizado, por conta de toda a competitividade e pressão existentes no meio acadêmico, o que é um contrassenso, uma vez que a produção do conhecimento ocorre de forma coletiva e o professor universitário é um educador. Este é mais um ponto que merece destaque e reflexão em se pensando no trabalho de docentes.

Essa questão envolvendo o trabalho individualizado, alertam alguns autores, pode ser vista como uma importante estratégia adotada pela administração moderna e, de igual modo, pela educação superior brasileira, que visam a uma desconstrução da identidade do professor universitário e, também, de qualquer possibilidade de organização coletiva (LINHART, 2011; BERNARDO, 2014). Nesse contexto envolvendo as forças políticas e sociais, Seligmann-Silva (2011) ressalta que a saúde dos indivíduos pode ser fragilizada a partir da influência dos cenários macro e microsocial, tornando-a mais vulnerável, o que pode impactar, portanto, na vida dos indivíduos e, como no presente estudo, dos professores universitários.

Ademais, a atividade do docente, por ser trabalho intelectual, não se restringe a um local ou a um horário, com exceção das aulas, o que gera a sensação de autonomia e de liberdade, no entanto, o que se percebe é que, mesmo nesta situação, há um controle, direto ou indireto, no sentido de monitorar tudo o que é feito, recaindo, novamente, para a questão da superexposição e permanente avaliação.

⁹ Refere-se a um sistema de controle de acessos e citações de trabalhos científicos de pesquisadores. Diversos indicadores e métricas são utilizados no ambiente acadêmico. As métricas de contagem de citações são utilizadas para comparar a visibilidade de pesquisadores de campos e disciplinas afins e com duração similar da carreira. *ResearchGate* e *Google Scholar* são algumas das ferramentas que fornecem esse serviço.

4.2.2 A impossibilidade de desconexão com o trabalho

Como já citado anteriormente, o trabalho do professor universitário caracteriza-se por ser uma atividade intelectual, que pode ser desenvolvida em diferentes locais e horários, o que poderia ser um aspecto vantajoso. Porém, por conta da enorme competitividade existente no meio acadêmico e da constante avaliação, frutos da lógica da produção capitalista, o docente, muitas das vezes, se vê impossibilitado de se desconectar do trabalho, ou seja, trabalha em horários que, teoricamente, seriam reservados para descanso e lazer, como feriados e finais de semana, abrindo mão, portanto, destes momentos em virtude da pressão por produtividade.

Assim, o trabalho tem invadido esses espaços por conta de diversos aspectos da prática docente, como a atividade de ensino.

(...) porque acaba que você termina o horário aqui e você vai para casa, você tem coisa para corrigir, [...] mas essa é a vida do professor. [...] tem finais de semana que eu acabo corrigindo prova, [...] e tem um monte de aluno, um monte de relatório [...] para entregar (...). (Roberta_G1_FCA)

Olha, eu trabalho mais de 40 horas. (...) porque também tem muita coisa que a gente leva para casa e isso não entra na conta, né?, dá umas 50 horas, quando você tem prova [...], você tem prazo curto que você tem que entregar nota, né?, que é justo, os alunos querem saber como é que foram, e principalmente fim de semestre, que você tem que fechar as médias e tal, ai extrapola 50 horas na semana, que você fica, ou eu levo para casa ou eu fico a noite na Universidade. (Bob-Luke_G2_IB)

A atividade envolvendo assessoria a órgãos externos também é um dos fatores que impendem a desconexão com o trabalho.

Então, [saio] próximo das sete da noite. Isso é meu dia típico. O atípico é se eu sair antes das seis. Eu não levo muita coisa não [trabalho para casa]. É mais em função, talvez, do CNPq, da FAPESP ou de revistas, né?, para dar parecer em projeto ou em artigo científico. E, às vezes, aqui,

eu não consigo me concentrar. Então, às vezes eu faço isso de final de semana. (André_G2_FCA)

Ah, eu queria [...] não ter pendências para o final de semana, sempre tem um parecer, algo assim (...). (Ruth_G3_IB)

Houve o relato de uma professora, que mesmo em períodos de férias, não consegue se desligar de suas atividades laborais.

(...) a gente trabalha bastante (...), tem dias que a gente tem maior carga e dias que a gente tem menos, né?, mas a gente não pára, praticamente não pára, e a gente acaba levando serviço para casa... Isso é uma briga, que o “M1” [nome do marido], é meu marido, (...), então, às vezes, ele tem que ficar brigando comigo, porque a gente sai de férias, mas a gente não sai de férias... [...] então, eu acho que a gente trabalha o período todo, praticamente. (Alice_G3_FM)

As atividades assistenciais, especialmente dentro da Faculdade de Medicina, ocorrem de maneira ininterrupta, por conta do vínculo com o Hospital das Clínicas de Botucatu e com o Hospital Estadual de Bauru.

(...) eu dou plantão no Estadual, no Hospital Estadual de Bauru, que aí, é presencial, né? [...] dou plantão aqui também [no Hospital das Clínicas]. (Lúcia_G1_FM)

Então, a gente dá [plantão], assim, nós temos uma equipe pequena, né? Então, [...] eu dou plantão, sim, direto. Toda semana! (Alice_G3_FM)

A complexidade e diversidade de atividades também são fatores que contribuem para que o professor não se desligue de seu trabalho, sendo considerado como natural deste processo.

As atividades, elas variam muito de semana para semana, [...] tem semanas em que eu passo dois dias em São Paulo, nas reuniões dos colegiados, tem semana que eu passo a semana inteira com aula de graduação, tem semana que é a semana toda com pós-graduação, [...] no atendimento hospitalar (...). As pesquisas que não param, então, às vezes, nós concentramos, por exemplo, em janeiro desse

ano, nós aproveitamos um período de férias, [...] para encerrarmos seis projetos de pesquisa em um mês. Por que isso? Porque durante o resto do ano, às vezes, não dá tempo... E a extensão é contínua (...). E são atribuições de um professor em fim de carreira. Isso é esperado (...). (José_G3_FMVZ)

(...) a gente acaba trabalhando os três períodos. Nosso trabalho não é só aqui! A gente vive com o computador em casa, trabalha a noite, trabalha de final de semana. Uma parte ruim até um pouco do que a gente faz, é que você nunca pára de pensar... porque, por mais que eu não esteja aqui, eu sei que tem experimento acontecendo, tem aluno que está aqui, você está no WhatsApp o dia inteiro (...) então, é final de semana, é feriado, é tudo, né? Não desliga, entendeu? (...) você nunca desliga. (Isis_G1_IB)

Mesmo diante da quase impossibilidade de se desligar do trabalho, alguns professores relataram a realização de atividades externas à universidade. Há um envolvimento de docentes em atividades sociais, que visam ajudar as pessoas e contribuir com a sociedade.

Eu participo do Rotary Club [...] tem reuniões semanais, né?, eu estou no clube há pouco tempo, faz 2 anos, e... reuniões às terças-feiras e é legal encontrar com pessoas [...]. Então, é um momento dessas reuniões, de você conhecer outras pessoas que estão ali, fazem parte do clube [...], de você pensar no próximo, de tentar melhorar a vida do próximo... [...] fazendo ações, ações comunitárias, plantio de árvores, várias ações (...). (André_G2_FCA)

(...) eu sou artesã, né?, então, eu sempre fui artesã, mas a partir de um tempo para cá, eu pinto porcelana, eu costuro, faço “patchwork” [...] eu trabalho para o hospital do câncer, tanto aqui, do hospital estadual, [...] é pessoal... (Cris_G3_FCA)

Eu, atualmente, eu sou conselheira do conselho regional de “CP1” [nome do conselho profissional]. (Agatha Christie_G2_FM)

O trabalho tem tomado grande parte do tempo livre dos professores, entretanto, apenas dois referiram a necessidade de um olhar para si.

Então, eu quero ter mais tempo para curtir a família que, hoje, muitas vezes, a gente... é muito corrido, e a gente acaba deixando um pouco de lado. Às vezes, a gente é até cobrado por causa disso. (Rogério_G1_FMVZ)

Eu acho que eu estou em uma fase de vida que eu tenho que cuidar da minha vida (...). A nossa atividade, cirúrgica, eu trabalho, quase que 90% da casuística, com cavalos. Ela requer um esforço físico que eu, aos 58 anos, não tenho mais do que eu tinha aos 30 anos de idade. (José_G3_FMVZ)

A maioria dos participantes, contudo, relatou desenvolver alguma atividade de cuidado do corpo e da mente. A atividade física foi referida por vários participantes. Entretanto, as atividades relatadas são aquelas que ocorrem de maneira individual e isolada, sem grupos e coletividade.

Eu gosto muito, por exemplo, de fazer pilates (...) (Roberta_G1_FCA)

Faço academia, faço três vezes por semana. (Lúcia_G1_FM)

Faço academia e ando de bicicleta. (Rogério_G1_FMVZ)

Eu faço academia, eu gosto de pedalar (...). (Maria_G2_FMVZ)

Regularmente eu pratico esporte. Em academia ou não... andando! Pratico pilates e pratico musculação. (José_G3_FMVZ)

As atividades de lazer também foram citadas pelos professores.

(...) ir ao cinema, ah, de sair jantar, de oferecer jantar para amigos, essa coisa social... viajar, então, eu vou todo ano, sempre procuro uma semana, das férias ou do recesso, tirar para viajar para algum lugar, entendeu? E ficar com as minhas cachorras, porque eu tenho duas, dois filhinhos pet, que eu amo!!! Então, isso me dá prazer! Até para a cabeça é super importante! (Roberta_G1_FCA)

(...) saio bastante, mais para conversar e comer, assim, à noite, com os amigos. [...] eu geralmente fico em casa... TV eu gosto bastante. (Lúcia_G1_FM)

Eu leio bastante, leitura mesmo de... eu falo que eu tenho as leituras acadêmicas, mas eu gosto bem de fazer leitura (...). Então, assim, isso, para mim, é bem prazeroso, é bem lazer mesmo! Mas é mais assim, eu gosto muito de cinema, eu frequento bastante, assisto à algumas séries, é nessa... meu lazer é nessa linha. (Agatha Christie_G2_FM)

(...) eu gosto de [...] tocar piano. (Maria_G2_FMVZ)

E do lado lazer e trabalho também, são atividades ligadas à cutelaria. É o que me atrai e me dá prazer. (José_G3_FMVZ)

Adoro fotografia, leitura, gosto de história, gastronomia, não isso que está acontecendo agora [programas de TV do gênero], gosto de fazer coisas novas, estou fazendo um curso de pães, história da alimentação, dos alimentos, em São Pedro, então viajo... música, animais, plantas! (Ruth_G3_IB)

A fala de uma professora chamou atenção, pois ela relata uma atividade como sendo de lazer ao mesmo tempo que a relaciona com uma necessidade dentro da sua atividade laboral.

Eu faço [...] inglês, uma vez por semana, [...] eu acho que é importantíssimo, né?, para nossa função e para carreira, faço espanhol uma vez por mês e japonês duas vezes por mês. Então, parte de línguas eu tento dar uma estimulada. (Lúcia_G1_FM)

Os participantes referiram, também, alguma dificuldade em realizar essas atividades de lazer, de passatempo, especialmente pelo pouco tempo disponível em virtude da quantidade de tarefas que invadem o tempo que seria livre e de descanso do trabalho.

(...) era prazer [realização de atividades de artesanato], mas era muito sofrido, porque eu tinha que fazer, assim, até agora, tenho que me policiar, eu falo “Não Cris, você tem o dia inteiro...” [por estar gozando de licença-prêmio, pré-

aposentadoria], eu fico pensando comigo: “Não precisa mais fazer só na hora do almoço!” (risos). Vinha correndo na hora do almoço e fazia, sabe?, de noite fazia, então, agora, eu tenho tempo para fazer. (Cris_G3_FCA)

No momento, nenhuma [realização de atividades não profissionais]. Por conta da correria... é que, ultimamente, eu chego cansada, eu “malemá” como alguma coisa e deito e apago! Sabe, é complicado! Mas, enfim, né?, eu a torcida do timão estamos assim (risos)... (Bob-Luke_G2_IB)

(...) fico pensando: “será que faço isso? [atividades de lazer] Tenho coisa atrasada!” O difícil da atividade docente é se desligar! (Ruth_G3_IB)

São coisas que quero investir depois da aposentadoria [atividades prazerosas não profissionais]... hoje, eu faço isso “meia-boca”. (Ruth_G3_IB)

Contudo, alguns professores têm procurado reduzir, conscientemente, as atividades de trabalho, no sentido de evitar sobrecarga.

(...) foi uma decisão [de reduzir atividades de gestão], porque assim, nosso tempo é reduzido, né?, foi uma decisão que, como eu estava muito sobrecarregada da gestão nesses, vamos dizer, dois últimos anos, foi uma decisão que eu tomei para que a minha vida pudesse ficar mais equilibrada e que eu pudesse me dedicar mais aos alunos e à minha pesquisa. Na verdade, foi esse o foco, foi administrar o tempo [...], para que eu conseguisse conciliar meu tempo mesmo, administrar meu tempo. (Roberta_G1_FCA)

Então, assim, pedir eles pedem, assim, direto [pareceres científicos]! Mas, geralmente, eu procuro, para não sobrecarregar, fazer uma média de cinco pareceres científicos por ano, em todos os âmbitos, para não ficar uma coisa muito sobrecarregada. (Roberta_G1_FCA)

Eu já levei mais coisas para casa. Agora, eu tenho tentado levar menos... só quando não dá mesmo... quando não consigo, para eu trabalhar no final de semana, às vezes tem os prazos, né? (Agatha Christie_G2_FM)

A atividade para residentes, ela é contínua, né?, [...] Nós dividimos essa rotina, semanalmente, entre os docentes,

então somos dois docentes e nós dividimos, onde uma semana eu fico na rotina e na outra semana o outro docente.
(Maria_G2_FMVZ)

Tem alunos que escrevem e-mails no fim de semana... hoje, não faço mais isso, mas fazia antes, já fiz bastante! [...] hoje, não... não respondo e não me sinto culpada. (Ruth_G3_IB)

Como uma forma de se proteger dessa invasão do trabalho, os professores têm procurado mecanismos compensatórios.

(...) eu, depois que eu saí da coordenação, eu estava com uma depressão muito grande, daí fui até um médico que falou, para mim, assim: “Oh, procure alguma coisa!”. Daí eu procurei a porcelana, pinte porcelana de 2004, com aula, toda semana, de sábado, até 2011, tá?, então, foi uma coisa que me ajudou muito! (Cris_G3_FCA)

(...) eu faço terapia [...], isso me ajuda também a lidar com o dia-a-dia... com o estresse... eu também não tenho uma tendência pessoal a ser depressiva. Então, eu consigo cuidar da minha saúde mental sem que ela tenha uma interferência de ficar afastada do serviço. (Agatha Christie_G2_FM)

Eu tenho atividades outras, externas, então, eu trabalho com coral, sou pianista, gosto de trabalhar com essa parte não profissional e aí a gente se reúne e faz essa parte que ajuda, também, a gente a, né?, espalhar, fazer outras coisas, eu acho bem interessante. (Alice_G3_FM)

Tenho um hobby que eu gosto muito que é aeromodelismo. Então, é uma coisa que... uma atividade que eu tenho que me dá prazer, tal, que ajuda assim a mudar o foco, né?, pelo menos no final de semana, ajuda bastante! (Rogério_G1_FMVZ)

Eu faço pilates, faço ballet, faço equitação, então, assim, eu consigo, hoje em dia, separar bem as coisas. Porque eu acho que se não, você não consegue manter a sanidade para fazer, né?, o que a gente faz. Se você não sair um pouquinho, se você não tiver uma vida fora daqui, né?, e você não conseguir se desvincular... (Isis_G1_IB)

Nas falas acima, foi possível constatar a importância que o trabalho representa na vida do trabalhador e, no caso dos participantes do presente estudo, a ponto de se estender por muitas horas durante o dia, atingindo uma carga horária excessiva semanal e mensal e, por conseguinte, de invadir momentos que seriam de lazer e descanso. O ambiente de trabalho altamente competitivo colabora para esse cenário, no qual, muitas das vezes, o foco está na quantidade e não na qualidade da produção, fazendo que professores publiquem um artigo científico para melhorar o seu currículo e não para ser lido e, na medida do possível, transformar realidades (BURIAN JÚNIOR, 2009 *apud* BERNARDO, 2014). Neste sentido, Bernardo (2014) aponta que o ambiente universitário se caracteriza, sobretudo, na atualidade, pela competição e produtividade exacerbadas.

Nesse contexto, como consequência das múltiplas atividades do professor, há intensificação e sobrecarga de trabalho. Essa situação, segundo Lemos (2011), tem gerado a necessidade de trabalhar no tempo de lazer, resultando em desgaste físico e psíquico, assim como dificuldades na relação familiar, o que, inclusive, foi apontado por Rogério (G2_FMVZ), que cita a cobrança da família pelo fato de priorizar as atividades profissionais. Esse olhar para si foi citado por apenas dois participantes, no entanto, faz-se necessário refletir sobre isso, pois se percebe uma sinalização da consciência de que o trabalho tem invadido a vida das pessoas, especialmente no caso de um trabalho intelectual, como é o do professor universitário.

Lipp (2002) também reforça a invasão do trabalho no horário de descanso como sendo um dos fatores estressores do trabalho do docente universitário, pois o professor vai fisicamente para casa, mas o trabalho não termina. Essa invasão do trabalho no espaço pessoal e privado tem impedido que o docente vivencie outras dimensões de sua vida, assim como descanse e recupere as energias para enfrentar o cotidiano laboral (LEMOS, 2011).

Essa impossibilidade de desconexão com o trabalho também foi encontrada na pesquisa realizada por Molina et al. (2017), a qual envolve professores de uma universidade estadual da região sul do país.

Embora não tenha aparecido diretamente nas falas dos participantes, é importante refletir, ainda, que o trabalho docente é uma atividade de *status*, e, neste sentido, Piolli, Silva e Heloani (2015) apontam que os docentes “tendem a desenvolver uma auto-imagem enaltecida que os instiga ao produtivismo acadêmico e à busca por prestígio, com consequências prejudiciais à vida sociofamiliar, saúde e relações de trabalho” (p. 604). Essa relação de prestígio e poder pode fazer com que o docente se submeta à neurose de excelência, ou seja, ao medo de não ser avaliado como excelente, fazendo com que produza cada vez mais visando a um reconhecimento profissional, mas também, pessoal (AUBERT e GAULEJAC, 1991 *apud* Seligmann-Silva, 2011). Nesse contexto, ressalta-se que o trabalho baseado na excelência, como é o caso envolvendo os professores universitários, é repleto de cobranças por produção e de competitividade, o que tem conduzido, segundo Seligmann-Silva (2011), ao adoecimento mental e ao desequilíbrio psicossomático, pois, segundo a referida autora, “os contextos de trabalho podem atuar como fonte de saúde ou de adoecimento tanto com respeito à saúde geral quanto à saúde mental” (SELIGMANN-SILVA, 2011, p. 34).

Esse *status* do docente universitário é ainda mais relevante em uma cidade situada no interior como a de Botucatu, pois a universidade possui um impacto financeiro, econômico e social muito grande na região. Ao se pensar esse contexto em uma metrópole, é claro que os significados e valores são distintos, pois há muitas empresas e indústrias e, portanto, o impacto financeiro e econômico da universidade é minimizado e também a vida numa metrópole é de maior anonimato, diminuindo, portanto, a importância do *status* de docente universitário na vida social cotidiana.

É possível dizer, desta maneira, que a vida do docente está ligada de forma intrínseca ao trabalho, podendo, inclusive, resumir que sua vida é o trabalho e, por conta disso, infelizmente, há uma naturalização de todo esse processo, bem como uma individualização das ações. Nesse sentido, em um contexto capitalista, percebe-se que o trabalhador docente realiza uma atividade explorada, em que a dominação no trabalho, como citado por Seligmann-Silva (2011), é a questão fundamental para o aparecimento do desgaste, haja vista que

fere tanto a autonomia quanto a individualidade do trabalhador e, deste modo, produz rupturas no mundo mental e psicossocial, que abrem caminho à alienação, podendo levar ao adoecimento do profissional.

Mesmo com essa cobrança exacerbada, verifica-se uma naturalização dos processos de trabalho. No presente estudo, essa naturalização foi relatada por vários professores. Entretanto, faz-se necessário apontar que especialmente participantes dos grupos G2 e G3, ou seja, professores que apresentam mais tempo de trabalho na universidade, referem um direcionamento visando reduzir as atividades, no sentido de evitar sobrecarga de trabalho. Nesse contexto, os professores que ingressaram na universidade há menos tempo, talvez não tenham se dado conta do prejuízo que podem causar em sua própria saúde ou, ainda, a naturalização se deve à sua formação como professor/pesquisador em um cenário repleto de características do capitalismo acadêmico. Contudo, dois professores do citado grupo apresentam mecanismos compensatórios em relação ao trabalho. Nota-se, entretanto, que embora os professores tenham relatado a realização de atividades de lazer, elas são, de um modo geral, desenvolvidas de forma individualizada, assim como ocorre no trabalho, ou seja, reproduz o caráter individual da sua produção.

Esse processo de naturalização ocorre, de acordo com Borsoi (2012), pelo fato de os docentes já terem internalizadas as regras de produtividade, buscando uma elevada produção para suprir uma necessidade que sentem como sendo própria e não apenas da universidade. Ainda, o ambiente de trabalho competitivo e a pressão por produção colaboram com o referido processo de naturalização, o qual pode refletir sobre a estabilidade emocional e sobre a saúde dos professores (BORSOI, 2012).

Alguns participantes desta pesquisa referiram adotar estratégias visando defender-se do complexo cotidiano de trabalho, como demonstrado acima. Oliveira (2006) considera que essas estratégias são como submissão ao trabalho e, ainda, perda da percepção e consciência dos processos existentes no dia-a-dia, podendo levar a uma perda de identidade, como citado por Seligmann-Silva (2011), que prejudicam o trabalho de reflexão e criticidade da prática docente (MANCIBO e FRANCO, 2003).

Esse aspecto é destacado por Silva Júnior e Lucena (2014), pois a exposição ao estranhamento, por um período prolongado, leva ao profundo sofrimento e ao adoecimento de várias formas, com destaque à saúde mental. Ademais, todas as cobranças e avaliações que o professor universitário tem, sejam internas ou externas, causam, como consequência, a perda progressiva da autonomia sobre seu objeto de trabalho, fazendo com que essa autonomia seja transformada em uma ilusão, que reflete em uma individualização cada vez maior do trabalho docente e, por conseguinte, em uma alienação do processo coletivo (LE MOS, 2007; 2011).

Neste contexto, Bianchi e Braga (2009) fazem uma comparação entre o trabalho do professor universitário e o do homem “taylorizado”, que tinha como objetivo a reprodução, de modo automático, de um conjunto muito simples de movimentos no menor tempo possível. Semelhantemente, na universidade neoliberal, a partir da realização de uma série de rotinas intelectuais, o professor deve produzir o maior número de artigos científicos também no menor tempo possível.

4.2.3 Incertezas quanto ao futuro

Este núcleo de significação compreende as dificuldades que existem no desenvolvimento das atividades dos professores participantes, especialmente em um contexto de crise institucional na universidade, gerando incertezas quanto ao futuro da e na instituição.

Os docentes relataram aspectos de dificuldades no exercício de sua função, algumas delas, inclusive, já citadas no decorrer deste capítulo, principalmente no núcleo relacionado com o trabalho real, como a sobrecarga de trabalho, a dificuldade em se realizar pesquisa no país, o cumprimento da atividade de gestão e, também, os conflitos no relacionamento interpessoal.

A Unesp passa, desde o ano de 2014, por um momento de crise institucional, especialmente no que se refere ao financiamento. Logo, esse contexto reflete no trabalho do docente, especialmente pela falta de recursos

humanos e financeiros para o desenvolvimento das tarefas com qualidade, o que tem gerado decepções na carreira, desgaste e sobrecarga de atividades.

Acho que a crise da Unesp leva a algumas frustrações de você não receber nenhum tipo de recurso para manter a graduação, manter o curso aqui. Eu faço parte do conselho desde 2011, né?, então, desde quando eu entrei na faculdade, eu via que todo ano havia um recurso, vindo da Prograd [Pró-Reitoria de Graduação], e daí na minha gestão não teve, então, isso é um pouco frustrante. É tem que lidar, também, com a falta de docentes, né?, que envolve a graduação. (André_G2_FCA)

Eu tenho que lidar, às vezes, com 40 pacientes, [...] num período das oito ao meio-dia e pouquinho, uma hora, às vezes, a gente acaba estendendo... Então, isso me dá mais estresse, porque eu sei que eu perco qualidade nisso. (Lúcia_G1_FM)

Então, claro que se a gente tivesse mais gente, a gente iria dividir o trabalho... E sobraria tempo para fazer outras coisas, ou, às vezes, até, por exemplo, colocar duas pessoas no ambulatório, né?, e a gente ter, diminuir a carga de estresse, melhorar a qualidade, melhorar a atenção que a gente pode dar para os alunos. (Lúcia_G1_FM)

[...] É difícil, né?, hoje, o décimo terceiro nosso, o ano passado já não saiu, esse ano já falaram que não tem a décima terceira folha, que a gente não sabe como a gente vai receber, então, assim, a gente acaba ficando desestimulado, né? (Lúcia_G1_FM)

A gente acaba fazendo coisa que não é da atribuição da gente, né? Então, não existe uma logística [...], você tem que fazer desde redigir o ofício, levar e ficar, né? [...] e a gente não tem esse tempo. Então, o tempo que você precisaria sentar e escrever um artigo, você não consegue, você fica resolvendo essas coisinhas que, às vezes, [...] acabam sobrecarregando a gente... (Alice_G3_FM)

É um fator gerador de estresse, né?, porque a gente vê aí colegas aposentando e a carga de trabalho aumentando cada vez mais, né?, nas... em todas as esferas, né?, de ensino, pesquisa, de extensão, gestão... e, quer dizer, as pessoas que estão ficando têm que cobrir aquelas, aqueles que estão saindo e não estão sendo repostos. Então, sem dúvida nenhuma, a situação que a gente está vivendo hoje é

*difícil e tende a piorar se nada mudar no curto prazo aí...
(Rogério_G1_FMVZ)*

Às vezes você tem um currículo muito bom, uma formação muito boa e você faz os seus pedidos de auxílios, de projetos, de bolsas para alunos e não existe recurso! Não existe recurso... E isso é um fator complicante, [...] gera um estresse grande e porque você está comprometido dentro da universidade, você tem seus compromissos, tal, e muitas vezes você não consegue fazer as coisas caminharem, tanto por uma falta de recursos internos, quanto desses apoios externos. (Rogério_G1_FMVZ)

Outra coisa que eu acho que influencia bastante são esses cargos, essas posições administrativas, né?, porque você faz docência, pesquisa e extensão, aí você é chefe do serviço, aí quebrou uma torneira você tem que ver a torneira que quebrou, a lâmpada que não está funcionando, então isso tudo absorve muito. E quando tem esses problemas institucionais, não contratação, isso se agrava mais ainda. (Maria_G2_FMVZ)

(...) acho que a limitação que eu sinto, [...] a gente está em uma situação financeira, né?, muito complicada na Unesp, então coisas que, por exemplo, a gente nunca teve que se preocupar, agora, a gente está tendo que se preocupar. [...] tinha itens que eram contemplados [pelo almoxarifado], então que a gente nunca se preocupou em pedir em projeto e tudo mais... e houve um corte de verba muito grande nesse sentido, né?, [...] algum tempo atrás, era possível você fazer pesquisa com o que a Universidade te dava (...) te dava o mínimo necessário para você conseguir, alí, né?, mesmo um docente em início de carreira, [...] dá para você começar, agora, ficou mais complicado, né? (Isis_G1_IB)

Eu acho que dá um desânimo geral, que a gente vê um desânimo generalizado, né? (Isis_G1_IB)

Ah... desanima! [...] esse corta-corta da universidade, a gente não teve uma pontuação suficiente para poder ter um bolsista e nem conseguir um recurso [para o projeto de extensão], então, não desenvolvi o projeto... na hora de prestar o relatório final, eu coloquei “projeto não desenvolvido”. E daí eu não fiz mais... (Bob-Luke_G2_IB)

Por conta da crise financeira, a progressão horizontal da carreira docente está interrompida (UNESP, 2015). Aliado a esse cenário, não houve reajuste

salarial nos anos de 2016 e 2017 e, no ano de 2018, o reajuste concedido foi de 1,5%, abaixo da inflação. Essa situação representa, para os professores, o não reconhecimento e/ou não valorização perante a universidade.

Porque, por exemplo, mais do que reajuste, a progressão de carreira é uma coisa que não representa só o dinheiro, representa uma função que você tem dentro da universidade, então, isso, nesse momento, que faz diferença. [...] quando você vai dar palestra no exterior, tudo, você percebe que o fato de não ter progressão de carreira é diferente... [...], é uma coisa que para o estrangeiro é diferente... O olhar externo... eu acho que pega... pega mais do que a questão salarial, mesmo, eu acho que a questão da progressão de carreira e do reconhecimento do mérito. (Roberta_G1_FCA)

(...) [o contexto institucional] interfere porque desanima um pouco a gente, sabe?, desmotiva, sabe? Desmotiva a gente muito, principalmente na questão do reajuste [...], correção de inflação, isso acho que era o mínimo, sabe?, que a gente deveria receber, né?, pensa, aí, deu agora 1,5%, que que é isso se for ver na ponta do lápis? Não chegou a R\$ 100 reais, tirando o que desconta. É complicado, é complicado, isso desanima muito a gente (...). (Bob-Luke_G2_IB)

Dentre os entrevistados, não houve referência aos movimentos coletivos de enfrentamento desta situação. Vale ressaltar, que no ano de 2018, quando foi realizada a coleta de dados desta pesquisa, houve greve dos três segmentos da comunidade acadêmica – docentes, discentes e técnico e administrativos. Neste sentido, apenas uma professora relatou um sentimento de preocupação e, ao mesmo tempo, de desânimo por conta dessa situação.

É complicado, isso desanima muito a gente, quando a gente tem as reuniões, né?, que é são chamadas as reuniões na AD [Associação dos Docentes], uma coisa que desanima, sabe?, vamos pensar assim: de 100% das pessoas lá presentes, é... 90% são professores do IB, né?, a gente vê poucos das outras unidades e são sempre os mesmos que vão, é desanimador... (Bob-Luke_G2_IB)

Todo esse contexto tem gerado preocupação entre os docentes com o futuro da universidade, especialmente em relação ao movimento crescente de desmonte e precarização das condições de trabalho.

(...) fazer pesquisa está difícil, porque a gente sabe que as fontes, também, estão secando, e a gente não tem um retorno financeiro para conseguir fazer pesquisa de qualidade, né?. É difícil [...] e acho que a minha grande preocupação e que às vezes chega a desanimar, acho que a cada ano isso vem piorando... a gente não está conseguindo manter tudo isso, a cada ano que passa é uma notícia ruim. (Lúcia_G1_FM)

(...) essa insatisfação, porque é uma insatisfação mesmo, né? Não só porque não tem reajuste, isso também, mas pelo movimento, um pouco ainda oculto, do que vai acontecer com a universidade pública, né? Porque se você começa a não repor, né? [...] então, a gente trabalha, tem disciplinas que estão trabalhando com professores substitutos [...], eu fico pensando o que será da universidade pública sem uma política de..., que não mantenha essa qualidade, de ter professores, engajados, enfim, o que vai acontecer para o futuro. Como que vai ficar isso? Claro que tem essa questão orçamentária, de crise, mas além disso, tem, na minha perspectiva, tem um certo movimento, meio ainda oculto, não tão explicitado, de que isso não vai se sustentar ao longo do tempo. Então, assim, diante disso, eu tenho uma preocupação e isso me inquieta um pouco, né? (Agatha Christie_G2_FM)

Porque a gente não vê muito uma luz no fim do túnel, assim, né? Então, está tudo muito preso... [...] então, é esse tipo de coisa e, às vezes, a não reposição de colegas, que deixaria o trabalho muito mais fácil... a última contratação, mesmo, foi a minha, em 1989. Então, [...] é um absurdo, uma universidade ficar tanto tempo sem repor peças, né? Então, a gente vê que está... não existe um pensamento direcionado para o crescimento da universidade... a gente se preocupa com o futuro da Faculdade de Medicina, eu me preocupo! Porque os alunos, eles já estão sofrendo... [...] então, eu acho que tudo isso acaba deixando a gente um pouco mais pessimista em relação ao futuro da universidade. Então, tudo isso é uma coisa que pessoas que têm interesse em ser docentes, hoje em dia, [...] não vê, com bons olhos, entrar para a universidade, [...] é difícil você conseguir uma pessoa que queira viver, exclusivamente, do que ganha um docente universitário e depois não vai

aposentar com o mesmo salário. Então, as aspirações desses mais jovens, eu acho que estão sendo, aí, podadas também. Você não consegue, mesmo que você abra concurso, você não consegue repor a vaga. (Alice_G3_FM)

O que está sendo feito hoje, o que o Estado está, o Estado legal tem feito com as suas instituições, de um modo geral, é, ele é, não é só depreciativo ou deteriorador, ele é corrosivo, ele é destrutivo e ele é parte, na minha opinião, de um grande pacto [...] é péssimo para o Estado, é péssimo para a Unesp, como para toda estrutura de ensino público brasileiro. (José_G3_FMVZ)

Essa preocupação e incerteza com o futuro da universidade têm gerado desestímulo na categoria docente e os participantes relataram a possibilidade de não continuar exercendo a profissão dentro da Unesp.

Acho que a universidade mudou muito, [...] não só nos últimos anos, mas se a gente pegar os docentes mais antigos, né?, como eles estão saindo, né?, com a aposentadoria integral, enfim, eu acho que é muito diferente, o nosso cenário hoje é muito diferente. Hoje, você fala assim, você aposta sua vida inteira na universidade? É difícil, né? [...] Porque a gente não quer, claro, trabalhar de graça, a gente já trabalha com valor menor, mas também, trabalhar de graça já é complicado né?, então, assim, acho que tem vários fatores, hoje, que me desestimulam a apostar minha vida inteira numa universidade. (Lúcia_G1_FM)

A gente tem que gostar [do trabalho] para continuar porque eu acho que o estímulo e o retorno [...] não é o que eu esperava, eu esperava... acho que, no passar dos anos, eu acho que as coisas vêm piorando... é isso que, às vezes, deixa a gente um pouco desanimado. (Lúcia_G1_FM)

É o desestímulo que os governos, tanto do Estado, como a Federação, fazem hoje. Eu acho que esse é o maior de todos. As atuais posturas federais e estaduais, com relação à aposentadoria e à carreira do servidor público do Estado, ela é feita de forma massiva e destrutiva. Ela massifica e destrói a carreira das pessoas. Ela não cumpre o propósito inicial contratual. Eu fiz um contrato de trabalho em 1987. Em 2018, eu cumpro esse trabalho integralmente como eu assinei. O Estado não cumpre o lado dele. Esse é o principal motivo, talvez, de eu querer ir embora quando eu puder me aposentar. Sem dor nenhuma e sem ódio, sem rancor.

Simplesmente é na busca de não perder os direitos que são meus...e que são, sorrateiramente furtados, a cada dia...
(José_G3_FMVZ)

Eu acho que dá um desânimo geral, que a gente vê um desânimo generalizado, né? [...] Antes, por exemplo, quando eu entrei, assim, né?, você tem uma visão da, da docência, da carreira nossa, né?, vou ficar aqui, vou fazer isso para sempre! Agora, já não sei, se a carreira continuar declinando do jeito que está, eu já não sei se é aqui que eu vou estar! [...] Se o negócio continuar a declinar, a qualidade de trabalho cair, né?, que é o que a gente vê, que corre o risco, né? Porque não é só salário, né?, eu acho que isso cria uma ansiedade em quem já tem uma carga de trabalho, que já não é pequena, né? Cria uma ansiedade, eu acho que desnecessária, em todo mundo... Então, eu acho que isso que vai desanimando, porque você não vê uma evolução, [...], como eu falei, não sei se aqui é o lugar que eu vou ficar o resto da vida, porque você olha para isso e você vê, se continuar indo só para baixo, vai ter uma hora que não vai valer a pena, né? (Isis_G1_IB)

Este núcleo de significação faz menção às incertezas em relação ao futuro da universidade e, por consequência, dos docentes na instituição. Com as falas dos participantes foi possível apresentar os aspectos envolvendo essas incertezas, a partir das dificuldades no exercício da função docente e, sobretudo, em um momento delicado de crise da universidade, o que reflete na sobrecarga de trabalho por falta de reposição de pessoal, não valorização da carreira docente, ausência de reajuste salarial, entre outros.

O sentimento de frustração, como abordado inicialmente no primeiro núcleo de significação, é apontado por Seligmann-Silva (2011) como um acúmulo de sofrimento social, o qual pode minar a autoimagem do trabalhador, ao passo que estreitam, progressivamente, as perspectivas quanto ao futuro. Essa questão foi uma das que emergiram a partir da análise das entrevistas, pois as dificuldades e inseguranças apontadas pelos participantes, têm gerado, também, um desestímulo entre os professores, pois não conseguem vislumbrar uma saída no fim do túnel diante de uma crise tão severa que assola o ensino público no país, a

ponto de considerarem que a universidade não seria mais o local de trabalho ideal, como pensado e idealizado outrora.

Vale ressaltar, ainda, que o envolvimento institucional dos participantes é mais afetado para aqueles que estão em início de carreira, isto é, os docentes do G1 reconhecem não saber se continuarão na instituição, pois não enxergam boas perspectivas e condições de trabalho em um futuro próximo.

A ausência nas falas dos entrevistados de referência a movimentos coletivos visando a mudanças na situação é algo que merece um olhar cuidadoso, pois a coletividade pode ser considerada um fator de proteção, ou seja, é vista como uma forma de organização visando ao enfrentamento de pautas e lutas para evitar que direitos sejam retirados e, também, para novas conquistas. Nesse sentido, os professores ao não se organizarem coletivamente se tornam mais vulneráveis, uma vez que o contexto em que estão inseridos é considerado fonte tanto de saúde quanto de adoecimento (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Há um sentimento de insegurança que paira entre os docentes participantes, principalmente pela condução que o ensino público brasileiro e, desta forma, a Unesp, vem caminhando, em que há uma guerra no sentido de retirada de direitos dos trabalhadores, aliada à precarização das condições de trabalho, sobrecarregando os professores que continuam na universidade e impondo um ritmo extremamente acelerado de trabalho, com cobranças por metas cada vez mais elevadas, como se vê, constantemente, na gestão de empresas da sociedade capitalista, ou seja, o gerencialismo presente nas instituições privadas se reproduz, de igual modo, na instituição pública.

Lemos (2011) cita a responsabilidade do Estado nesta questão pois, na medida que orienta a carreira docente para a pesquisa, diminui a importância para o ensino; quando estimula a competição, por meio de financiamento individual e por “mérito”, gera uma ruptura do vínculo social entre os professores, o que pode refletir em um ambiente de trabalho prejudicial. Enfim, o Estado fragiliza a organização coletiva e descaracteriza a função política do docente do ensino superior, fazendo que ele assuma um papel apenas de “observador crítico”, o que colabora para o adoecimento e para a alienação. Esse pode ser o caso dos participantes da presente pesquisa, ou seja, os docentes ficam presos ao

desempenho de suas atividades, muitos deles sem reflexão e criticidade no desenvolvimento de seu trabalho.

Mesmo com os relatos de desafios e dificuldades decorrentes da atividade docente, foi encontrada uma grande e importante contradição, pois os professores revelaram o sentimento de satisfação e de prazer com o trabalho.

Eu acho que é uma coisa muito recompensadora, eu acho que te traz muitas alegrias, te exige muito... fisicamente e emocionalmente, mas eu acho que é recompensador! (Roberta_G1_FCA)

É uma atividade gratificante, porque você transfere aquilo que lhe foi ensinado ou aquilo que você adquiriu de conhecimento, né?, para outras pessoas, é a oportunidade que você tem de melhorar a formação e a perspectiva de uma vida melhor para outras pessoas. Acho que ser docente é isso! (André_G2_FCA)

É uma profissão super gratificante, maravilhosa [...], mas é bastante desgastante [...], eu acho que é muito trabalho, é muito desgastante, mas é muito compensador! Eu acho que não é que nem uma pessoa que fica no escritório, todo dia, e fazendo sempre a mesma coisa... é muito, muito compensador também por isso, você nunca tem uma coisa, um dia igualzinho ao outro. (Cris_G3_FCA)

É uma atividade intensa, que envolve muito compromisso, responsabilidade, mas, também, uma atividade bastante prazerosa! (Agatha Christie_G2_FM)

Eu acho que é um ministério [ser docente], [...] você tem que ter gosto pelo o que você faz e exige dedicação full-time, integral, e eu acho que tem as suas recompensas, apesar de toda a crise e tudo, eu acho que, para quem gosta, eu não me arrependo de ter feito, eu acho que eu faria de novo! Eu acho que vale a pena! É um trabalho que a gente se sente, assim, realizada! (Alice_G3_FM)

Me sinto realizada, apesar de todas essas condições, dificuldades, é uma profissão que eu me sinto realizada e não mudaria. Mudaria alguns aspectos como essa sobrecarga de atividades, como eu falei para você, de ter que assumir alguns papéis extra docência que, às vezes, consome da gente uma energia que talvez nós poderíamos

nos dedicar melhor à docência, mas se eu for resumir a carreira, é realização. (Maria_G2_FMVZ)

As atividades que desempenhamos, né?, em todos os aspectos da docência, são muitas e demandam muito tempo e energia, mas também, na maioria das vezes, trazem um retorno proporcional ao seu esforço, [...] o importante é gostar do que fazemos e procurar formas de continuar exercendo nossa profissão com a qualidade que queremos. (Isis_G1_IB)

Para mim, é realização profissional! Então, assim, eu me sinto realizada, eu acordo: “Ai, putz, que saco, tenho que ir trabalhar!”, não... eu acordo: “Graças a Deus, obrigada porque eu tenho meu trabalho!”, eu gosto do meu trabalho, né?, gosto do pessoal do departamento, é uma família, né?, [...] para mim a atividade docente, né?, na Unesp, é uma realização profissional e pessoal também, né?, eu, apesar desse estresse todo, eu gosto do que eu faço... (Bob-Luke_G2_IB)

José aponta que parte dessa satisfação se refere ao dinamismo e à diversidade de atividades do professor universitário, pois

A atividade docente, ela é muito... ela é muito atrativa, acima de tudo, pela variação de atividades. Eu acho isso prazeroso. Você não ter a monotonia. Acho que o técnico administrativo, ele sofre, principalmente o administrativo puro, ele sofre muito, porque há muita repetição de processo... como instruir, como encaminhar, como um processo. Não, para nós não! (José_G3_FMVZ)

Assim, os participantes revelaram aspectos de seu trabalho, compreendendo sentimentos prazerosos, mas também de sofrimentos, pois as cargas de trabalho, ou melhor, sobrecargas, especialmente fisiológicas e psíquicas, certamente se traduzem em desgastes e refletem na vida destes trabalhadores, como apontado por Laurell e Noriega (1989).

Ainda, é necessário ressaltar a possibilidade de alguns entrevistados terem ficado presos ao discurso esperado, ou seja, o que supõe-se ser o “correto” a dizer. Isto pode estar relacionado à naturalização das exigências no trabalho, ao

mergulho na cotidianidade, caracterizando-se, portanto, como alienação do trabalho.

Por fim, é possível dizer, por analogia ao famoso tripé da Universidade (ensino, pesquisa e extensão universitária), que o tripé do trabalho real do docente compreende “exposição”, “avaliação” e “*status*” e, para que o professor dê conta de todas as atividades, atendendo, então, a este “tripé do trabalho real”, o docente não interrompe suas tarefas nem mesmo por motivo de adoecimento, pois naturalizou o “produtivismo acadêmico” como sendo uma necessidade e obrigação a ser cumprida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender como se desenvolve o trabalho dos docentes de uma universidade pública estadual e sua relação com o processo saúde-doença, a partir de um estudo de caso qualitativo.

Como apresentado anteriormente, a análise das entrevistas demonstrou a diversidade de atividades que são realizadas por um professor universitário, englobando o ensino, a pesquisa, a extensão universitária e a gestão, bem como os desafios, as dificuldades e as incertezas envolvendo esses profissionais. A análise resultou em três núcleos de significação que correspondem àquilo que é desenvolvido pelo docente, ou seja, seu trabalho real, assim como à dificuldade existente em se desconectar de suas atividades e, por fim, às incertezas quanto ao futuro, especialmente em um contexto de crise institucional na universidade.

O trabalho de um docente é considerado, dentre outros aspectos, como intelectual, criativo, com diversidade de tarefas e alto grau de autonomia, o que pode ser um fator positivo e de proteção quanto ao processo saúde-doença relacionado ao trabalho. Contudo, os professores universitários também estão expostos a diversas cargas de trabalho, que podem gerar desgastes e sofrimento e, por conseguinte, interferir na saúde dos mesmos, como apresentado no capítulo anterior.

Foi referida uma sobrecarga de trabalho envolvendo a prática docente, pois muitas vezes, suas tarefas têm ultrapassado o expediente e, assim, invadido finais de semana, feriados, horários noturnos, enfim, momentos que seriam para o descanso e lazer, o que demonstra, portanto, a impossibilidade de desconexão com o trabalho.

Os desgastes estão presentes no cotidiano de trabalho do docente universitário, os quais compreendem, dentre outros aspectos, sentimentos de desânimo e frustração, muitas vezes relacionados à atividade administrativa e gerencial, mas, sobretudo, vinculados aos conflitos nos relacionamentos interpessoais. Ainda, o fato de ser um trabalho altamente competitivo e de constante avaliação contribui para o desgaste, sobretudo psíquico, dos professores. O trabalho também tem refletido, em determinados casos, em doenças do corpo, como a afetação da voz, por muitas horas de aulas ao longo

do mesmo dia. No entanto, há uma naturalização de todo esse processo, pois, de certa forma, os participantes revelaram sentir como sendo o “esperado” da profissão.

Ademais, a Universidade passa por uma crise financeira e política e, portanto, o contexto institucional aparece como um fator agravante quando se pensa no processo saúde-doença, pois não há reposição de pessoal desde o ano de 2015, o que faz com que aumente uma carga de trabalho que já não é pequena. Essa situação tem gerado incertezas quanto ao futuro da Universidade e, também, dos próprios docentes na instituição, uma vez que a situação tem desmotivado alguns professores, inclusive a continuarem na carreira dentro da Unesp. Contudo, apesar das exigências e desgastes e, também, do contexto institucional, os professores revelaram que suas atividades são prazerosas, gratificantes e diversificadas, mesmo neste momento em que as condições de trabalho são menos favoráveis, o que nos leva a pensar se isso pode ser considerado um fator de proteção à saúde ou um agravante que os impulsiona a trabalhar ainda mais.

Dessa forma, esta pesquisa revelou que a situação de trabalho de docentes da Unesp, no câmpus de Botucatu, é semelhante à de outros professores em diversas universidades públicas, conforme apontam as pesquisas referidas neste trabalho. Esse cenário demonstra que o capitalismo não se restringe a um modo de organização da produção em locais determinados, mas refere-se ao sistema e à organização social, conduzindo às formas de relações sociais e às instituições, sejam elas públicas ou privadas. Logo, esse sistema capitalista reflete em todas as formas de trabalho.

É importante ressaltar algumas limitações desta pesquisa, sendo a primeira relacionada ao “discurso do esperado” dos entrevistados, que pode ter sido reflexo do roteiro, mas também de postura defensiva dos participantes. Este fato pode ter limitado o aprofundamento da pesquisa, especialmente no que diz respeito aos desgastes e sofrimentos decorrentes da atividade docente. Ainda, é preciso citar a dificuldade em se aprofundar na comparação entre os participantes de diferentes momentos da carreira docente, devido à limitação dos dados e de tempo para finalização da presente dissertação.

Apesar das limitações apontadas, considera-se que o objetivo do presente estudo foi alcançado, haja vista que foi possível conhecer o trabalho real dos participantes, bem como os reflexos que ele pode ter na saúde destes trabalhadores, revelando aspectos da situação profissional de professores universitários. Entretanto, é importante a continuidade de novas pesquisas envolvendo os docentes da referida Universidade, pois o contexto institucional pode sofrer alterações a curto, médio e longo prazos, as quais, sabidamente, repercutem na saúde dos professores.

Por fim, conclui-se que é preciso que haja uma conscientização e reflexão em relação ao trabalho envolvendo professores universitários que é repleto de competitividade e exposição e que, portanto, indubitavelmente, gera desgaste, sofrimento e adoecimento a essa classe de trabalhadores. Desta forma, a presente pesquisa contribui com informações e divulgação acerca do trabalho docente e sua relação com o processo saúde-doença.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. Reflexões sobre o lugar do Estado e das políticas sociais para o desenvolvimento. In: COELHO, M. F. P.; RODRIGUES, M.; TAPAJÓS, L. M. S. T. (Org.) Políticas sociais para o desenvolvimento: superar a pobreza e promover a inclusão; **Simpósio Internacional sobre Desenvolvimento Social**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, 2010. p.333-350.

ABREU, M. A. G. M.; COELHO, M. T. A. D.; RIBEIRO, J. L. L. S. Percepção de professores universitários sobre as repercussões do seu trabalho na própria saúde. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 13, n. 31, p. 465-486, 2016.

AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: AGUIAR, W. M. J. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 129-140.

ALVES, G. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de sociologia do trabalho. Bauru: Canal6, 2013. 260 p.

ANANIAS, P. Sobre o dever de mudar a realidade: o papel do Estado na promoção de políticas sociais em um modelo de desenvolvimento integral. In: COELHO, M. F. P.; RODRIGUES, M.; TAPAJÓS, L. M. S. T. (Org.) Políticas sociais para o desenvolvimento: superar a pobreza e promover a inclusão; **Simpósio Internacional sobre Desenvolvimento Social**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, 2010. p.315-332.

ANDERSON, T. J. **Cargas de trabalho e desgastes de profissionais das técnicas radiológicas em serviço de radiologia convencional**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ANJOS, F. B. Organização do Trabalho. In: VIEIRA, F. O. et al. (orgs). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Ed. Juruá, 2013, p. 267-274.

ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993. 398 p.

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P., VIANA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 29, n.1, p. 6-21, 2005.

ARBEX, A. P. S.; SOUZA, K, R.; MENDONÇA, A. L. O. Trabalho docente, readaptação e saúde: a experiência dos professores de uma universidade pública. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 263-284, 2013.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, J. A. O conceito de alienação no jovem Marx. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**. v. 23, n. 1, p. 223-245, 2011.

BENEVIDES, C. V. **Um Estado de bem-estar social no Brasil?** 97 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal Fluminense, 2011.

BERNARDO, M. H. Produtivismo e precariedade subjetiva na Universidade Pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. spe., p. 129-139, 2014.

BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A.; PINZÓN, J. G.; KAWAMURA, E. A. Salud mental relacionada con el trabajo: desafíos para las políticas públicas. **Universitas Psychologica**, v. 14, n. 5, p. 1613-1624, 2015.

BIANCHI, A.; BRAGA, R. Um conto de duas universidades – quando a lógica mercantil se sobrepõe à construção do pensamento crítico e reflexivo. **Revista CULT**, São Paulo, n.138, 2009. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/um-conto-de-duas-universidades/>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BORSOI, I. C. F. Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, Edição Especial 1, p. 103-111, 2007.

BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007.

BOSI, A. P. Avaliação como forma atualizada de dominação e intensificação do trabalho. **Revista Movimento em debate**, ano 2, n. 3, p. 26-37, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 41, de 19 de dezembro de 2003. **Modifica os arts. 37, 40, 42, 48, 96, 149 e 201 da Constituição Federal, revoga o inciso IX do § 3 do art. 142 da Constituição Federal e dispositivos da Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, e dá outras providências.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc41.htm>. Acesso em: 17 set. 2018.

BRESSER PEREIRA, L. C.; SPINK, P. **Reforma do Estado e administração pública gerencial**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006. 316 p.

BRUM, L. M. et al. Qualidade de vida dos professores da área de ciências em escola pública no Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 125-145, 2012.

CAVALHEIRO, G.; TOLFO, S. R. Trabalho e depressão: um estudo de profissionais afastados do ambiente laboral. **Psi-USF**, Itatiba, v. 16, n. 2, p. 241-249, 2011.

CENEPP. Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas. Portaria nº 8, de 8 de outubro de 2015. **Dispõe sobre a composição e coordenação das Comissões Locais do Polo Regional 8 do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas “Professora Adriana Josefa Ferreira Chaves” – Cenepp-Unesp e dá outras providências.** Disponível em: <<https://siscenepp.ibb.unesp.br/multimidia/uploads/ada66f94af095ba61244c625527f71ee.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CEZNE, A. N. O conceito de serviço público e as transformações do Estado contemporâneo. **Revista de Informação Legislativa**, v. 42, n. 167, p. 315-337, 2005.

CHANLAT, J. F. O gerencialismo e a ética do bem-comum: a questão da motivação para o trabalho nos serviços públicos. In: VII CONGRESO INTERNACIONAL DEL CLAD SOBRE LA REFORMA DEL ESTADO Y DE LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA. Lisboa, Portugal. **Anais...** Lisboa, 2002.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES. Educar, Educador. In CODO, W. (coordenador). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação; Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CORREIA, M. V. C. Contra-reforma na política de saúde brasileira: flexibilização da gestão e as fundações estatais. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 2009, São Luís, MA. **Anais...** São Luís, 2009.

COSTA, R. Q. F. **O mundo do trabalho docente e o esgotamento psíquico**. 2017. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2017.

CUNHA, M. I. Formação docente e inovação: epistemologias e pedagogias em questão. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 14, 2008. Porto Alegre. **Anais...** Recife: Edições Bagaço, 2008. v. 1. p. 465-476.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: Editora EDUSC, 1999.

FACCHINI, L. A. Uma contribuição da Epidemiologia: o modelo da determinação social aplicado à saúde do trabalhador. In: ROCHA, L. E., RIGOTTO, R.; BUSCHINELLI, J.T.P. (Orgs.). **Isto é trabalho de gente?** vida, doença e trabalho no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 178-186.

FCA – Faculdade de Ciências Agronômicas. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.fca.unesp.br/#!/instituicao/apresentacao/apresentacao/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

FM – Faculdade de Medicina de Botucatu. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.fmb.unesp.br/#!/instituicao/administrativo/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.fmvz.unesp.br/#!/instituicao/apresentacao/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

FONTANA, R. T.; PINHEIRO, D. A. Condições de saúde autorreferidas de professores de uma universidade regional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 2, p. 270-276, 2010.

FRANÇA, P. I. S.; LUCENA, C. A. O materialismo histórico-dialético e a precarização do trabalho na educação superior brasileira. **Revista da Rede de Estudos do Trabalho**. n. 5, p. 1-27, 2009.

FREITAS, M. E. A carne e os ossos do ofício acadêmico. **Revista Organização & Sociedade**, v. 14, n. 42, p. 187-191, 2007.

GOMES, D. C.; SILVA, L. B.; SÓRIA, S. Condições e relações de trabalho no serviço público: o caso do governo Lula. **Revista de Sociologia e Política**, v. 20, n. 42, p. 167-181, 2012.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979. 488 p.

GRADELLA JÚNIOR, O. Sofrimento psíquico e trabalho intelectual. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 13, n. 1, p. 133-148, 2010.

GUIMARÃES, M. C. Transformações do trabalho e violência psicológica no serviço público brasileiro. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 34, n. 120, p. 163-171, 2009.

HUNT, B. **Efectividad dei desempeno docente**: Una resefia de la literatura internacional y su relevancia para mejorar la educación en América Latina. Santiago de Chile: PREAL, 2009.

IB – Instituto de Biociências. **Apresentação**. Disponível em: <<http://ibb.unesp.br/#!/instituicao/apresentacao/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

KERSTENETZKY, C. L. Welfare State e Desenvolvimento. **Revista de Ciências Sociais**, v. 54, n. 1, p.129-156, 2011.

LACAZ, F. A. C. Capitalismo organizacional e trabalho: a saúde do docente. **Universidade e Sociedade**, Brasília, v. 45, n. XIX, p. 51-59, 2010.

LAURELL, A. C. A saúde-doença como processo social. In: NUNES, E. D. (Org.). **Textos 3. Medicina Social**. São Paulo: Global, 1983, p. 134-158.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de produção e saúde** – trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec, 1989. 333 p.

LEMOS, D. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Caderno CRH**, v. 24, n. esp. 1, p. 105-120, 2011.

LEMOS, D. V. S. **Alienação no trabalho docente**: o professor no centro das contradições. 2007. 276 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, 2007.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 1978.

LIMA, L. C. “A melhor ciência”: o acadêmico-empREENDEDOR e a produção de conhecimento economicamente relevante. In: CATANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. de (Org.). **Educação superior e produção do conhecimento**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 11-34.

LIMA, M. F. E. M.; LIMA-FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009.

LINHART, D. Entrevista. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 9, n.1, p. 149-160, 2011.

LINHART, D. O indivíduo no centro da modernização das empresas: um reconhecimento esperado mas perigoso. **Trabalho & Educação**, n. 7, p. 24-36, 2000.

LIPP, M. E. N. **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002.

LOPES, M. C. R. “Universidade produtiva” e trabalho docente flexibilizado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 35-48, 2006.

LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

LUZ, R. S.; BAVARESCO, A. Trabalho alienado em Marx e novas configurações do trabalho. **Princípios**. v. 17, n. 27, p. 137-165, 2010.

MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MANCEBO, D.; FRANCO, M. E. D. P. Trabalho docente: uma análise das práticas intelectuais em tempos de globalização. In: DOURADO, L. F.; CATANI, M.; OLIVEIRA, J. F. (Org.). **Políticas e gestão da educação superior**: transformações recentes e debates atuais. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 191-204.

MANCEBO, D.; LOPES, M. C. R. Trabalho docente: compressão temporal, flexibilidade e prazer? **Revista de Educação Pública**, v. 13, n. 24, p. 138-152, 2004.

MANCEBO, D.; SILVA JÚNIOR, J. R.; SCHUGURENSKY, D. A educação superior no Brasil diante da mundialização do capital. **Educação em Revista**, v.32, n. 4, p. 205-225, 2016.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARIA, E. **Dinheiro para universidade vem do ICMS**. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 mai. 2000. Cotidiano, p. 1-2.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, K. **O Capital**: a crítica da economia política. 11ª ed. São Paulo: Difel, 1987.

MARX, K. Processo de trabalho e processo de valorização. In: _____. O capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988, V. I, p. 142 - 156. MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993. 270 p.

MARX, K., ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 119 p.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MASETTO, M. T. Professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: MASETTO, M. T. (Org.). **Docência na Universidade**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 9-26.

MATTOS, F. A. M. Trajetória do emprego público no Brasil desde o início do século XX. **Ensaio FEE**, v. 36, n. 1, p. 91-122, 2015.

MAUÉS, O. A reconfiguração do trabalho docente na educação superior. **Educar em Revista**, n. esp. 1, p. 141-160, 2010.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

MOLINA, G. C.; ARAÚJO, G. C.; KLOSTERMAN, G. S.; MOTTER, A. A. Exigências musculoesqueléticas do trabalho docente em uma universidade pública. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, v. 4, n. 7, p. 7-14, 2017.

MORAES CRUZ, R.; LEMOS, J. C.; WELTER, M. M.; GUISSO, L. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)**, v. 4, p. 147-160, 2010.

NAVARRO, V. L.; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, ed. esp.1, p. 14-20, 2007.

OLIVEIRA, D. A. Trabalho docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; FRAGA, L. V.; **Dicionário**: Trabalho, profissão e condição docente. GESTRADO: UFMG, 2010.

OLIVEIRA, E. S. G. O. Mal-estar docente como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciências & Cognição**, v. 7, p. 27-41, 2006.

PENA, P. G. L.; MINAYO-GOMEZ, C. Premissas para a compreensão da saúde dos trabalhadores no setor serviço. **Saúde & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 371-383, 2010.

PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2ª ed. revista e ampliada. Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009. Disponível em <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/apresentacao.html>>.

PERRENOUD, P. A formação dos professores no XXI. In: PERRENOUD, P. et al. **As competências para ensinar no século XXI**: A formação dos professores e o desafio na formação. Porto Alegre: Art Medi Editora, 2002.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIOLLI, E.; SILVA, E. P.; HELOANI, J. R. M. Plano nacional de educação, autonomia controlada e adoecimento do professor. **Cad. Cedes**, v. 35, n. 97, p. 589-607, 2015.

RIBEIRO, C. V. S.; MANCEBO, D. O servidor público no mundo do trabalho do século XXI. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, p. 192-207, 2013.

RIBEIRO, M. L.; CRUZ, A. R. S. O papel do professor no ensino superior: representações sociais construídas por estudantes de cursos de licenciatura. In: RIBEIRO, M.L.; MARTINS, É.S.; CRUZ, A.R.S. (Orgs.). **Docência no ensino superior**: desafios da prática educativa. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 109-135.

RODRIGUES, A. M. S.; SOUZA, K. R. Trabalho e saúde de docentes de universidade pública: o ponto de vista sindical. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16 n. 1, p. 221-242, 2018.

SÃO PAULO. Lei nº 952, de 30 de janeiro de 1976. **Cria a Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" e dá providências correlatas.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 31 jan. 1976, p. 1.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Ed. Cortez, 2011. 624 p.

SERVILHA, E. A. M.; ARBACH, M. P. Queixas de saúde em professores universitários e sua relação com fatores de risco presentes na organização do trabalho. **Distúrbios da Comunicação**, v. 23, n. 2, p. 181-191, 2011.

SGUISSARDI, V. **Estudo diagnóstico da política de expansão da (e acesso à) educação superior no Brasil:** 2002-2012. Piracicaba: 2015.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. R. **O trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico.** São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JÚNIOR, J. R.; LUCENA, C. A. O tempo, o trabalho e o ser social professor pesquisador. **Educação e Filosofia Uberlândia**. v. 28, n. 55, p. 445-472, 2014.

SILVA JÚNIOR, J. R.; SCHUGURENSKY, D. Trabalho do professor na universidade brasileira: hegemonia e neoamericanismo. **Revista HISTEDBR Online**, n. 67, p. 5-22, 2016.

SILVA JÚNIOR, J. R.; SGUISSARDI, V.; SILVA, E. P. e. Trabalho intensificado nas federais públicas brasileiras. **Universidade e Sociedade**, v. 45, p. 9-37, 2010.

SILVÉRIO, M. R. et al. O ensino na área da saúde e sua repercussão na qualidade de vida docente. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 34, n. 1, p. 65-73, 2010.

SORATO, L.; OLIVIER-HECKLER. Os Trabalhadores e seu Trabalho. In CODO, W. (coordenador). **Educação: carinho e trabalho.** Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação; Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. O Positivismo. A Fenomenologia. O Marxismo.** São Paulo: Atlas, 1987. 173 p.

UNESP – Universidade Estadual Paulista. **Anuário Estatístico 2018.** Ano base 2017. Disponível em: < https://ape.unesp.br/anuario/pdf/Anuario_2018.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

UNESP – Universidade Estadual Paulista. **História da criação da Unesp.** Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/sobre-a-unesp/historico/>>. Acesso em: 21 set. 2018.

UNESP, Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 26, de 31 de março de 2016. **Dispõe sobre a aprovação do Regimento do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas “Professora Adriana Josefa Ferreira Chaves”- Cenepp-Unesp.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 1 abr. 2016, Seção 1, p. 81-82.

UNESP, Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 79, de 5 de dezembro de 2018. **Dispõe sobre a transformação do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas “Professora Adriana Josefa Ferreira Chaves” – Cenepp, em “Instituto de Educação e Pesquisa em Práticas Pedagógica – IEP³ (Profa. Adriana Chaves)”, integrando à sua estrutura o Núcleo de Educação a Distância - NEaD.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 6 dez. 2018, Seção 1, p. 76.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Portaria nº 129, de 25 de março de 2015. **Dispõe sobre suspensão da Promoção de que trata a Resolução UNESP nº 13/2011 e suas alterações, referente ao Plano de Carreira Docente, e a Resolução Unesp nº 49/2014, referente ao Plano de Carreira de Pesquisadores, regulamentadas pelas Portarias UNESP 159/2011 e 230/2014, respectivamente.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, 26 mar. 2015, p. 55.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Portaria nº 165, de 6 de agosto de 1981. **Baixa o Estatuto dos Servidores Técnicos e Administrativos da UNESP.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 29 ago. 1981, p. 22.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 11, de 2 de fevereiro de 2012. **Dispõe sobre o Regimento Geral da Extensão Universitária na UNESP.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 3 fev. 2012, Seção 1, p. 62.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 154, de 29 de novembro de 2012. **Dispõe sobre a criação do Centro de Estudos e Práticas Pedagógicas "Professora Adriana Josefa Ferreira Chaves" – Cenepp-Unesp.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 30 nov. 2012, Seção 1, p. 70.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 46, de 12 de julho de 1995. **Baixa o Estatuto dos Servidores Docentes do Ensino Superior e dos Pesquisadores da UNESP.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 13 jul. 1995, p. 30.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 46, de 31 de julho de 2018. **Altera dispositivos do Regimento Geral da UNESP.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 1 ago. 2018, p. 70.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução nº 85, de 4 de novembro de 1999. **Dispõe sobre os regimes de trabalho dos docentes da UNESP.** Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 5 nov. 1999, Seção 1, p. 24.

UNESP. Universidade Estadual Paulista. Resolução Unesp nº 21, de 21 de fevereiro de 1989. **Aprova o Estatuto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.** Aprovada pelo Decreto nº 29.720, de 3 de março de 1989. Diário Oficial do Estado, São Paulo, SP, 4 dez. 1989, Seção 1, p. 1.

VENTRIGLIO, T. C. C. **Cargas de trabalho e desgaste mental de servidores públicos de Universidade Estadual:** desenvolvendo uma proposta de ação qualitativa. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas:** Tomo III. Madri: Visor e MEC, 1995.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

LOCAL DA ENTREVISTA: _____

CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO:

Codinome: _____ Idade¹: _____ Estado civil: _____

Possui filhos: () N () S. Quantos? _____

Maior titulação¹: _____ Tempo de trabalho na Universidade¹: _____

Cargo/função¹: _____

Inserção em Programa de Pós-Graduação:

() N () S. Qual? _____. Quanto tempo? _____

Exerce/exerceu função administrativa (incluindo a responsabilidade por disciplina)?

() N () S. Qual? _____ Qual período? _____

Atividades profissionais anteriores ao ingresso na Universidade: _____

Grupo 1 (até 6 anos de trabalho na Universidade)

Grupo 2 (mais que 6 anos e menos que 20 anos de trabalho na Universidade)

Grupo 3 (mais que 20 anos de trabalho na Universidade)

RESUMO DAS ATIVIDADES COMO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO:

Disciplina Graduação: _____, CH semanal: _____

Disciplinas Pós-Graduação: _____, CH semanal: _____

Atividades de pesquisa: _____

Projetos de extensão (institucionalizado ou não): _____

Administração/gestão: _____

ROTEIRO

1. O que você faz, quais são suas atividades, atualmente, como Professor Universitário? (*obter panorama geral das atividades – detalhamento: quantas disciplinas de graduação e pós-graduação, carga horária dessas disciplinas; atividades de pesquisa; projetos de extensão – institucionalizado ou não; administração/gestão*)
2. Quais atividades você considera mais prazerosas no seu trabalho? Por quê?
3. Que atividades você considera mais difíceis no seu trabalho e por quê?
4. Você pretende trabalhar até os 75 anos (compulsória) ou aposentar-se quando tiver tempo de serviço para isso? Por quê?
Para os casos dos que já possam aposentar-se: por que continua trabalhando?
5. Você considera que o contexto institucional atual [*déficit no reajuste salarial, não reposição de funcionários, suspensão da progressão horizontal na carreira etc.*] interfere nas suas atividades profissionais? De que forma isso ocorre?
6. Você possui outra atividade profissional além das regulares do docente na Unesp? (*plantão no HC, plantão no HV, direção em fundações ligadas à unidade, etc.*) E fora da Unesp? (*comissões da CAPES ou outros órgãos de fomento, comissões de conselho profissional, etc.*)
7. Quantas horas você trabalha, em média, em uma semana típica? (*pode-se incentivar que o entrevistado faça o cálculo, para ser uma estimativa próxima à realidade (não ser somente um “chute”*)
8. Você teve algum problema de saúde no último ano? Chegou a afastar-se do trabalho por conta disso? Faz uso de algum medicamento rotineiramente? Você considera que este problema tenha relação com o seu trabalho (*Problema de saúde / afastamento por conta disso / uso de medicamento*)?
9. Que atividades, não profissionais, você faz regularmente? Quais mais prazerosas?
10. Posso sentar e ver com você como foi sua agenda de trabalho na última quinzena? (se teve férias ou licença-prêmio, verificar agenda do período anterior ao gozo)

RESUMO DA AGENDA QUINZENAL DE COMPROMISSOS DE TRABALHO:

Dia/Período	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
Manhã					
Tarde					
Noite					

11. Como você sintetizaria sua atividade docente em poucas palavras?
12. Se houver necessidade, posso voltar e conversar com você novamente para esclarecer alguma dúvida que, porventura, tenha ficado?

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

RESOLUÇÃO 466/2012

CONVIDO o(a) senhor(a) para participar da pesquisa intitulada **Cargas e Desgastes de uma Atividade Intelectual: o trabalho de docentes de uma universidade pública**, que será desenvolvida por mim, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, com orientação da Profª Drª Maria Dionísia do Amaral Dias, da Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP.

O objetivo do estudo é compreender as cargas e desgastes decorrentes do trabalho de docentes da Unesp, câmpus de Botucatu. Para tanto será realizada pesquisa caracterizada como estudo de caso qualitativo, a qual será desenvolvida dentro do aporte teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural.

Os participantes serão docentes das quatro unidades acadêmicas de Botucatu, em regime de dedicação integral à docência e à pesquisa, do quadro permanente, em diferentes momentos de inserção na instituição, escolhidos por sorteio a partir dos dados informados pela direção de cada unidade.

Para a coleta de dados serão realizadas entrevistas individuais abertas, com duração aproximada de 1h a 1h30min, as quais serão gravadas e, posteriormente, transcritas para possibilitar a análise dos dados. Após a transcrição os áudios das entrevistas serão apagados.

Informo que sua participação neste estudo é voluntária e que mesmo após ter dado seu consentimento para participar da pesquisa poderá retirá-lo a qualquer momento. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, o seu nome não será divulgado em nenhuma fase do estudo ou qualquer publicação.

A sua participação será muito importante, contribuindo para melhor compreensão das principais cargas e desgastes da atividade docente, visando contribuir com melhores formas de gestão na universidade pública que melhorem as condições de trabalho para professores universitários.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem 2 vias de igual teor. Uma delas será entregue ao senhor(a), devidamente rubricada, e a outra via será arquivada e mantida pelos pesquisadores por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Qualquer dúvida adicional, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da FMB, através dos telefones (14) 3880-1608 ou 3880-1609 que funciona de 2ª a 6ª feira das 8.00 às 11.30 e das 14.00 às 17horas, na Chácara Butignolli s/nº em Rubião Júnior – Botucatu - São Paulo. Os dados de localização dos pesquisadores estão abaixo descritos.

Após terem sido sanadas todas minhas dúvidas a respeito deste estudo, **CONCORDO EM PARTICIPAR de forma voluntária**, estando ciente que todos os meus dados estarão resguardados através do sigilo que os pesquisadores se comprometeram. Estou ciente que os resultados desse estudo poderão ser publicados em revistas científicas, sem, no entanto, que minha identidade seja revelada.

Botucatu, __ de _____ de 2018.

Pesquisador

Participante da Pesquisa

Pesquisador: José Roberto de Lalla Júnior
End: Rua Prof. Dr. Walter Maurício Correa, s/nº
Telefone: 14 3880-2008 / 98112-5999
E-mail: jose.lalla-junior@unesp.br

Orientadora: Maria Dionísia do Amaral Dias
End: Av. Prof. Mário Rubens Guimarães Montenegro, s/n
Telefone: 14 3880-1353 / 3880-1332
E-mail: dionisia.dias@unesp.br

ANEXO I – AUTORIZAÇÃO DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS PARA DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA COM OS DOCENTES



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Botucatu



DECLARAÇÃO

DECLARO que tenho CIÊNCIA E AUTORIZO o desenvolvimento da Pesquisa "CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA", a ser conduzida pelo Sr. JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR, orientado pela Profa. Dra. MARIA DIONÍSIA DO AMARAL DIAS, junto a esta Entidade, após aprovação do CEP.

Declaro que conheço, cumprirei e farei cumprir os Requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste Projeto, autorizo sua execução.

Por ser verdade, firmo a presente.

Botucatu, 23 de junho de 2017.

Prof. Dr. Carlos Frederico Wilcken
Diretor da Faculdade de Ciências Agrônomicas



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Botucatu



DECLARAÇÃO

DECLARO que tenho CIÊNCIA E AUTORIZO o desenvolvimento da Pesquisa "CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA", a ser conduzida pelo Sr. JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR, orientado pela Profa. Dra. MARIA DIONÍSIA DO AMARAL DIAS, junto a esta Entidade, após aprovação do CEP.

Declaro que conheço, cumprirei e farei cumprir os Requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste Projeto, autorizo sua execução.

Por ser verdade, firmo a presente.

Botucatu, 22 de junho de 2017.

Prof. Adjunto Pasqual Barretti
Diretor

Prof. Dr. Pasqual Barretti
Diretor da Faculdade de Medicina



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
Campus de Botucatu

DECLARAÇÃO

DECLARO que tenho CIÊNCIA E AUTORIZO o desenvolvimento da Pesquisa "CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA", a ser conduzida pelo Sr. JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR, orientado pela Profa. Dra. MARIA DIONÍSIA DO AMARAL DIAS, junto a esta Entidade, após aprovação do CEP. Declaro que conheço, cumprirei e farei cumprir os Requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste Projeto, autorizo sua execução.

Por ser verdade, firmo a presente.

Botucatu, 19 de junho de 2017.

Prof. Dr. Celso Antonio Rodrigues
Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Botucatu



DECLARAÇÃO

DECLARO que tenho CIÊNCIA E AUTORIZO o desenvolvimento da Pesquisa "CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA", a ser conduzida pelo Sr. JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR, orientado pela Profa. Dra. MARIA DIONÍSIA DO AMARAL DIAS, junto a esta Entidade, após aprovação do CEP.

Declaro que conheço, cumprirei e farei cumprir os Requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste Projeto, autorizo sua execução.

Por ser verdade, firmo a presente.

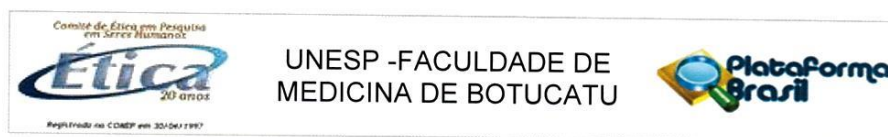
Botucatu, 26 de junho de 2017.

Prof. Dr. Cesar Martins

Diretor do Instituto de Biociências

Prof. Dr. Luiz Fernando Rolim de Almeida
Vice-Diretor no exercício da Direção IBB

ANEXO II – APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELCTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Pesquisador: JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 72987317.7.0000.5411

Instituição Proponente: Departamento de Saúde Pública

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.257.799

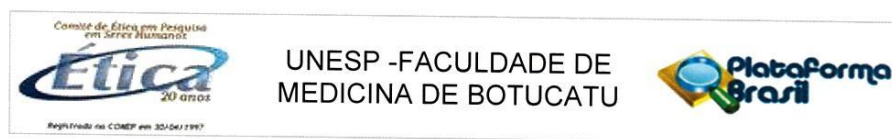
Apresentação do Projeto:

O presente projeto de pesquisa trata de aspectos relacionados ao trabalho de docentes em universidade pública, especificamente as unidades do Campus de Botucatu da UNESP. A questão central do estudo será analisar como as mudanças que estão ocorrendo nas atividades de trabalho, principalmente as relacionadas à competitividade, podem causar cargas inadequadas e consequente desgastes na atividade intelectual dos docentes. A amostra será obtida junto aos docentes em tempo integral e dedicação exclusiva do Campus de Botucatu da UNESP, estratificando, de certo modo, por tempo de contrato, atividade em pós-graduação. A metodologia será qualitativa, por meio de entrevista semi-estruturada norteadas por questões relacionadas à satisfação no trabalho e perspectivas futuras, como aposentadoria. Haverá coleta de dados relativos ao contrato do docente e aspectos sociais, com o estado civil e filhos. As entrevistas serão gravadas em áudio e apagadas após transcritas.

Objetivo da Pesquisa:

Os pesquisadores afirmam que "O objetivo do presente trabalho é compreender as cargas e desgastes decorrentes do trabalho de docentes do câmpus de Botucatu da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho".

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609
CEP: 18.618-970
E-mail: kleber@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 2.257.799

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são insignificantes. Os benefícios serão, em tese, fornecer subsídios à comunidade de docentes no gerenciamento adequado do trabalho.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo eticamente e cientificamente adequado. Os pesquisadores afirmam no texto que "O número de entrevistados não será definido a priori, pois será utilizada a saturação como parâmetro para interrupção da coleta de dados"; contudo na Plataforma Brasil esta escrito que a amostra sera de 543 docentes, havendo necessidade de correção para número aproximado mais realista, com base na experiencia dos pesquisadores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O termo de consentimento esta muito bem feito.

Recomendações:

Corrigir o número da amostra na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto pode ser aprovado pelo CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto de Pesquisa APROVADO, deliberado em reunião ORDINÁRIA do CEP de 04/09/2017, sem necessidade de envio à CONEP.

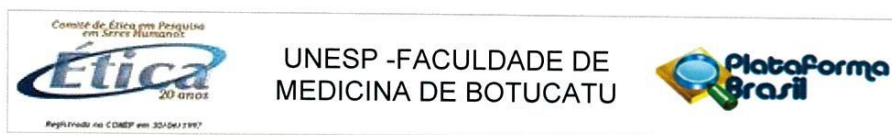
O CEP solicita aos pesquisadores que após a execução do projeto em questão, seja enviado o Relatório Final de Atividades, o qual deverá ser enviado via Plataforma Brasil na forma de "NOTIFICAÇÃO".

LEMBRAMOS QUE A PRESENTE PESQUISA SOMENTE PODERÁ SER INICIADA APÓS DIA 04/09/2017 – DATA DA APROVAÇÃO DO CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_962252.pdf	08/08/2017 12:29:41		Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_Plataforma.docx	08/08/2017	JOSE ROBERTO DE	Aceito

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
 Bairro: Rubião Junior
 UF: SP Município: BOTUCATU
 Telefone: (14)3880-1609 CEP: 18.618-970
 E-mail: kleber@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 2.257.799

/ Brochura Investigador	Projeto_Plataforma.docx	12:25:25	LALLA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_I_TCLE_novo_CEP.docx	08/08/2017 10:29:18	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	ANEXO_II_Roteiro_de_Entrevistas.doc	18/07/2017 15:52:48	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	Autorizacoes_Unidades.pdf	18/07/2017 15:51:51	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	EAP_FMB.pdf	18/07/2017 15:49:31	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	18/07/2017 15:43:16	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

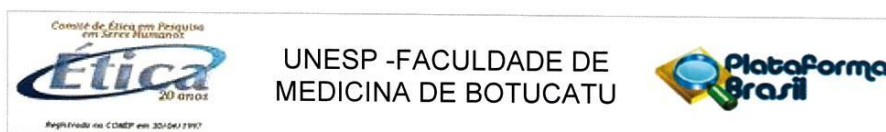
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BOTUCATU, 04 de Setembro de 2017

Assinado por:
SILVANA ANDREA MOLINA LIMA
 (Coordenador)

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **CEP:** 18.618-970
E-mail: kleber@fmb.unesp.br



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Pesquisador: JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 72987317.7.0000.5411

Instituição Proponente: Departamento de Saúde Pública

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.725.645

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Emenda para alteração do TCLE. Esta alteração se refere apenas a retirada do conteúdo do roteiro de entrevistas (7 perguntas) incluído anteriormente.

Objetivo da Pesquisa:

já avaliados anteriormente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

já avaliados anteriormente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

já avaliados anteriormente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O novo TCLE encontra-se adequado, seguindo a Resolução 466/2012.

Recomendações:

após término do projeto, encaminhar relatório final de atividades.

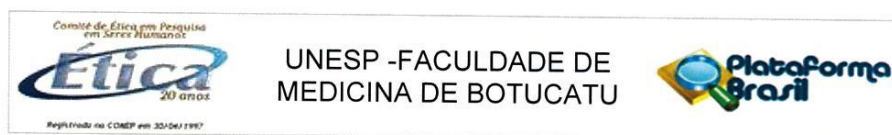
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A emenda apresentada encontra-se APROVADA.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme deliberação do Colegiado em reunião extraordinária do Comitê de Ética em Pesquisa da

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **CEP:** 18.618-970
E-mail: cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 2.725.645

FMB/UNESP, realizada em 19 de junho de 2018, o documento enviado na forma de "Emenda", encontra-se APROVADO, sem necessidade de envio à CONEP.

Atenciosamente,

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_115602_0_E1.pdf	11/06/2018 18:22:37		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Alteracao_TCLE.pdf	11/06/2018 18:21:24	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Alterado.pdf	11/06/2018 18:20:50	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Plataforma.docx	08/08/2017 12:25:25	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Anexo_I_TCLE_novo_CEP.docx	08/08/2017 10:29:18	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	ANEXO_II_Roteiro_de_Entrevistas.doc	18/07/2017 15:52:48	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	Autorizacoes_Unidades.pdf	18/07/2017 15:51:51	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Outros	EAP_FMB.pdf	18/07/2017 15:49:31	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	18/07/2017 15:43:16	JOSE ROBERTO DE LALLA JUNIOR	Aceito

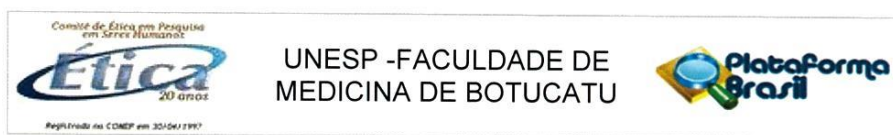
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
 Bairro: Rubião Junior
 UF: SP Município: BOTUCATU
 Telefone: (14)3880-1609 CEP: 18.618-970
 E-mail: cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 2.725.645

BOTUCATU, 20 de Junho de 2018

Assinado por:
SILVANA ANDREA MOLINA LIMA
(Coordenador)

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **CEP:** 18.618-970
E-mail: cep@fmb.unesp.br

MUDANÇA DE TÍTULO

PROJETO DE PESQUISA COM OBJETIVO ACADÊMICO

- () Pós Doutorado
() Tese Doutorado
☒ (X) Dissertação de Mestrado
() Trabalho Científico
() Outros

Especificar: _____

Aluno: JOSÉ ROBERTO DE LALLA JÚNIOR

Orientador: PROFA. DRA. MARIA DIONÍSIA DO AMARAL DIAS

Data da emissão da aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética: 04/09/2017

Título Inicial: "CARGAS E DESGASTES DE UMA ATIVIDADE INTELECTUAL: O TRABALHO DE DOCENTES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA"

Título Final (alterado): "DESAFIOS, DIFICULDADES E INCERTEZAS NO TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. ESTUDO DE CASO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO"

Declaro que após emissão da aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, não houve alterações nos objetivos e/ou conteúdo metodológico.

Botucatu, 23 de janeiro de 2019.

Assinatura do Aluno

Assinatura do Orientador